

ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
PSICOLOGIA MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

HELLENA BONOCORE MORAIS

**EXPERIÊNCIAS DE AFIRMAÇÃO DE GÊNERO DE  
PESSOAS TRANS BRASILEIRAS NO YOUTUBE**

Porto Alegre  
2018

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

**EXPERIÊNCIAS DE AFIRMAÇÃO DE GÊNERO DE PESSOAS TRANS  
BRASILEIRAS NO YOUTUBE**

**HELLENA BONOCORE MORAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Porto Alegre  
Janeiro, 2018.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

**EXPERIÊNCIAS DE AFIRMAÇÃO DE GÊNERO DE PESSOAS TRANS  
BRASILEIRAS NO YOUTUBE**

**HELLENA BONOCORE MORAIS**

Orientador: Prof. Dr. Ângelo Brandelli Costa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Psicologia Social.

Porto Alegre  
Janeiro, 2018

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

**EXPERIÊNCIAS DE AFIRMAÇÃO DE GÊNERO DE PESSOAS TRANS  
BRASILEIRAS NO YOUTUBE**

**HELLENA BONOCORE MORAIS**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

**PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. PAULA SANDRINE MACHADO**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

**PROF. DR. ANDRÉ FAGUNDES PASE**  
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

**PROF. DR. ÂNGELO BRANDELLI COSTA**  
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
ORIENTADOR

**Porto Alegre**  
**Janeiro, 2018**

## Ficha Catalográfica

M827e Morais, Hellena Bonocore

Experiências de afirmação de gênero de pessoas trans  
brasileiras no YouTube / Hellena Bonocore Morais . – 2018.  
125 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em  
Psicologia, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Ângelo Brandelli Costa.

1. YouTube. 2. afirmação de gênero. 3. trans. 4. teoria queer. 5.  
Brasil. I. Costa, Ângelo Brandelli. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Salete Maria Sartori CRB-10/1363

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha família, minha mãe Carla, que é uma das mulheres mais fortes que conheço, que acredita sempre em mim, me motiva e me apoia nas decisões mais malucas da minha vida. À minha avó Thetê, que, junto à minha mãe, proporcionou meus estudos e sempre priorizou a nossa educação, além de todo carinho e afeto incondicionais. À minha avó Laura, que me ensinou a devorar livros e sempre teve toda paciência do mundo ao ler histórias infinitas vezes para mim.

À Sureia, minha companheira de vida, por todo amor, suporte, paciência e companhia nessa caminhada nem sempre fácil. Agradeço pelo carinho e por sempre acreditar em mim, principalmente quando eu mesma não acreditava. Pelo cuidado de um jeito único, alegre e colorido, todos os dias, inclusive nos inúmeros finais de semana de estudo e escrita, sempre com os melhores abraços do mundo.

Agradeço à minha irmã Maria Eugênia, que sempre foi minha inspiração, até quando ela não queria ser. Acompanhou toda minha caminhada pelo Mestrado, trocando ideias sobre o tema. Escutou minhas angústias, inseguranças e me deu colo e boas risadas quando precisei, além da ajuda imensa ao revisar minha escrita sempre que eu pedia. E, Mana, como te prometi: *“O tempo vai passar, os anos vão confirmar, as três palavras que proferi, Amigo estou aqui...”*

À minha melhor amiga, Laura, por dividir os melhores e piores momentos da minha vida, sempre. Por me encorajar quando desanimei, pelos almoços e cafés demorados que animavam minha semana, pela cumplicidade sem fim.

Àos meus professores e professoras incríveis que me desafiaram e inspiraram durante o Mestrado. Àos/as colegas queridos/as, que dividiram risadas inclusive nos momentos de desespero durante esses dois anos.

À Professora Marlene, que iniciou essa jornada comigo, acolheu minhas ideias e sempre está ao meu lado. Ao meu orientador, Professor Angelo, que desde o início, antes mesmo de ser meu orientador, me ajudou, me mostrou um mundo de possibilidades e conhecimento. Pela compreensão de meus momentos difíceis, principalmente na reta final da dissertação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela bolsa de estudos consentida e pelo incentivo à pesquisa.

## RESUMO

Este estudo buscou compreender como se dão os processos de afirmação de gênero de pessoas trans brasileiras que compartilham suas experiências através de vídeos criados e compartilhados no *website* YouTube. Esta é uma pesquisa qualitativa que utilizou a Netnografia como método de investigação e análise dos dados. A fim de compreender e possibilitar a discussão das especificidades advindas da coleta de dados, foram utilizados os pressupostos de teorias pós-estruturalistas como a Teoria *Queer*, estudos feministas e transfeministas. A coleta de dados ocorreu no campo virtual, mais especificamente no *site* YouTube, durante o segundo semestre de 2017, quando foi iniciado – no momento da coleta, as Notas de Campo, onde foram registrados os conteúdos dos vídeos assim como impressões ao longo da coleta, que resultou na análise de 29 vídeos de 8 pessoas diferentes. Como critério de inclusão dos dados, foram considerados vídeos de pessoas brasileiras, que aparecessem na área de busca do YouTube quando digitado termos como trans, transexual e transgênero; ter compartilhado conteúdo há pelo menos 30 dias, e se identificar como trans, transgênero, transexual, homem trans ou mulher trans em algum de seus vídeos. Os vídeos analisados nesta pesquisa foram compartilhados publicamente por pessoas trans, sendo de acesso geral à população e tendo consentimento prévio de visualização por parte de quem os criou, portanto este estudo não exigiu a elaboração e aplicação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ou a aprovação e registro sistema CEP/CONEP. A partir da análise dos vídeos, foi discutida a espetacularização das identidades trans e dos processos de afirmação de gênero performatizados, além da (des)construção dos corpos trans no espaço virtual. Percebeu-se também o destaque das tecnologias de gênero, como cirurgias e terapias hormonais nos vídeos de pessoas trans brasileiras, criando um formato de sucesso, uma normativa trans do YouTube, com segmentos próprios. As discussões fomentadas neste estudo apontaram para a performatização do gênero no espaço do YouTube, para a importância das mídias sociais na representatividade e visibilidade da população trans e do estabelecimento e reprodução de formatos singulares de vídeos com temáticas trans no YouTube Brasil.

**Palavras-chave:** YouTube, afirmação de gênero, trans, netnografia, teoria *queer*, Brasil

**Área conforme classificação CNPq:** 7.07.00.00-1 – Psicologia

**Subárea conforme classificação CNPq:** 7.07.05.00-3 - Psicologia Social

## ABSTRACT

This study aims to understand the works of gender affirmation processes of Brazilian trans people that share their experiences through videos created and shared on YouTube. This is a qualitative study that used Netnography as an investigation method and for the purposes of data analysis. Aiming at understanding and discussing the specificities of the data collection, postulates from poststructuralism, Queer Theory, Feminism and Transfeminism were used in this study. The data collection took place in the virtual field, more specifically on YouTube, during the second semester of 2017, in which began the writing of the Field Journal, where the contents of the videos were registered, as well as impressions along the data collection process, that eventually resulted in the analysis of 29 videos from 8 different subjects. As inclusion criteria for choosing the videos, it was considered content from Brazilian people as long as they appear on YouTube's search area when terms such as trans, transsexual, and transgender were typed; had shared content within at least 30 days; and identified oneself as trans, transgender, transsexual, trans man, or trans woman in at least one video. The videos analyzed in this research were publically shared by trans people, they are of general access to the population, and had previous visualization consent from their creators; therefore, this study did not demand the elaboration and application of the informed consent, or the approval or registration in the CEP/CONEP. The video analysis emerged the discussion of the spectacularization of trans identities and the gender performative affirmation processes, as well as the deconstruction of trans bodies in the virtual space. We also noted the emphasis of gender technologies such as surgeries and hormonal therapy in the videos of Brazilian trans people, thus creating success formats, a YouTube trans normative with its own segments. The discussion fostered in this study points to gender performativity on YouTube, to the importance of social media in the trans population's representativity and visibility, and to the establishment and reproduction of singular video formats with trans themes on YouTube Brazil.

**Keywords:** YouTube, gender affirmation, trans, netnography, queer theory, Brazil.

**Concentration Area according to CNPq:** 7.07.00.00-1 – Psychology

**Subarea according to CNPq:** 7.07.05.00-3 – Social Psychology



## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS.....</b>	<b>6</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>7</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>8</b>
<b>SUMÁRIO.....</b>	<b>9</b>
<b>1 APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1.1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 MÉTODO.....</b>	<b>26</b>
<b>3 ARTIGO EMPÍRICO.....</b>	<b>31</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>56</b>
<b>5 ANEXOS.....</b>	<b>59</b>
<b>5.1 Notas de Campo.....</b>	<b>65</b>
<b>5.2 Normas técnicas da revista <i>Transgender Studies Quarterly</i>.....</b>	<b>109</b>
<b>5.3 Carta de Aprovação SIPESQ.....</b>	<b>125</b>

## 1 APRESENTAÇÃO

Esta dissertação de mestrado é fruto de vivências e questionamentos que iniciaram ainda na graduação em Psicologia, por meio da minha aproximação com a Psicologia Social como bolsista de iniciação científica da Profa. Dra. Marlene Neves Strey, que coordenava o grupo de pesquisa Relações de Gênero, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS. A partir de discussões teóricas e da convivência com as distintas pesquisas de mestrandas/os e doutorandas/os do Grupo de Pesquisa, minha curiosidade acerca das possibilidades e pluralidade de identidades e de sexualidades me instigava a estudar mais e aproveitar ao máximo as oportunidades que resultariam em espaços de troca e de conhecimento.

Ao terminar a graduação, iniciei um curso de especialização em Psicologia Clínica, o qual demandava longas horas de prática, além dos atendimentos que já realizava no consultório particular. Com o processo terapêutico de determinadas/os pacientes, me vi novamente envolvida com os conteúdos da Psicologia Social, agora na área clínica. Muitas pessoas chegavam ao consultório com demandas relativas à sexualidade e com alto nível de intolerância e preconceito para com colegas de trabalho, familiares ou amigas/os LGBT. Percebia também, que a imposição da heteronormatividade e demais normas sociais causava sofrimento intenso em pacientes LGBT e também em pacientes heterossexuais, as/os quais apresentavam sintomas ansiosos e/ou depressivos por sentirem que não correspondiam às normativas impostas. A partir de experiências como estas que senti a necessidade de voltar a estudar e me aprofundar mais nas questões de gêneros e sexualidades.

Poucos meses antes do processo seletivo para o mestrado, no início de 2015, comecei a utilizar o *site* YouTube como entretenimento, ainda que, poucas vezes tivesse acessado a plataforma. Me deparei com um universo de possibilidades: assistia horas de tutoriais de maquiagens, receitas culinárias, conteúdos de decoração e de viagens. Todos os conteúdos eram alimentados diariamente com vídeos novos de diferentes partes do mundo, e com temáticas relativas às que havia visualizado. Após assistir alguns vídeos de resenhas de livros e seriados que gosto, conteúdos relacionados à temática LGBT surgiram nas recomendações do YouTube para o meu perfil. Para mim, enquanto lésbica, aqueles conteúdos eram interessantes principalmente por serem produzidos e apresentados por pessoas comuns, com as quais me identificava. Após uma série de vídeos que assisti de entrevistas com atrizes

trans norte-americanas, como Laverne Cox e Jaime Clayton, os primeiros vídeos a respeito de afirmação de gênero de pessoas trans surgiram nas recomendações. Assisti à diversos deles, a maioria de pessoas norte-americanas ou europeias, mas geralmente num formato semelhante: “diários de transição” (como são chamados por quem os produz), experiências mensais dos efeitos causados pelo uso de hormônios, *time-lapses* com fotografias pré e pós procedimentos de afirmação de gênero e vídeos contendo relatos de como aquela pessoa “se descobriu trans” e quais foram as reações de familiares e amigas/os.

O primeiro material brasileiro com o qual me deparei foi o canal de Mandy Candy, que apareceu nos vídeos sugeridos da minha página. Assisti diversos vídeos dela, que ainda tinha poucas/os inscritas/os na época (considerando que certas/os youtubers sinalizam que canais com mais de 500.000 pessoas inscritas são considerados famosas/os e influentes, pois, a partir de um alto número de inscritas/os surgem propostas de publicidade de empresas maiores e, conseqüentemente, um retorno significativo na monetização de seus vídeos). Ao encontrar os demais canais e vídeos falando sobre o que é ser trans, compartilhando histórias de vida, percebi que lentamente pessoas trans, e das mais diversas expressões de gênero, conquistam mais espaços no cinema e nas séries para televisão, na música, e também criando e demarcando seus espaços na internet.

Era estimulante e instigante, uma vez que cresci e sempre vivi numa cultura cisnormativa, ver o espaço e a visibilidade que os movimentos trans e LGB conquistaram nos últimos anos no Brasil. Portanto, ao ingressar no mestrado em Psicologia Social, me propus a investigar as identidades trans que têm no YouTube um espaço de fala a partir do compartilhamento de seus vídeos. Iniciei o mestrado com a Profa. Dra. Marlene Strey como minha orientadora, que acolheu minhas ideias, esboços de pesquisa, me questionou e refletiu comigo como poderíamos dar início à esta pesquisa. As bancas de pré qualificação e de qualificação foram motivadoras e construtivas, demarcando o início do trabalho conjunto do Prof Dr Ângelo Brandelli Costa, na época meu coorientador, e da Profa. Dra. Marlene. A partir do segundo semestre de 2017, Prof. Ângelo tornou-se meu orientador e o trabalho seguiu tomando forma, com novas propostas de discussão a partir da coleta dos dados. Todas as descobertas, encontros e debates que o mestrado proporcionou fizeram parte desta dissertação, que propõe-se a estudar as experiências de afirmação de gênero em

peças trans brasileiras, considerando as especificidades geográficas e sociais das/os participantes, e o cenário social e político no qual estão inseridas/os.

A introdução a seguir, se trata de uma revisão teórica acerca da temática da presente dissertação, sua relevância e contextos históricos nos quais se fundamenta.

## 1.1 INTRODUÇÃO

### **Identidades trans *online***

Questões como sexualidades, gêneros, identidades e expressões de gênero vem sendo cada vez mais abordadas, discutidas, e, por vezes, desconstruídas nos últimos anos. Um dos resultados desse aumento na discussão de tais temáticas é o espaço, ainda que consideravelmente menor do que o de pessoas cisgênero (pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado socialmente ao nascer, ou seja, pessoas não-transgênero (Jesus, Jaqueline Gomes 2012), que a população trans têm tido nos meios de entretenimento, tais como o cinema e as séries para a televisão. A mesma visibilidade pode ser atribuída aos debates políticos e também à academia. No que diz respeito às produções científicas, encontram-se diversas pesquisas acerca de como pessoas trans vivenciam e problematizam a cultura normativa de gênero presente na sociedade contemporânea (Bornstein, Kate, 1995; Bornstein, Kate & Bergman, Bear, 2010; Butler, Judith [1990] 2016, 2004; Jesus, Jaqueline Gomes, 2016; Serano, Julia, 2007; Stryker, Susan, 2008; Raun, Tobias, 2012; Raun, Tobias, 2014, 2015). Tais pesquisas apresentam o contexto social e político que formula a binarização dos gêneros em feminino e masculino, assim como, o surgimento de terminologias utilizadas no meio social e acadêmico para identificar e referir pessoas que escapam dos conceitos binários heteronormativos. Estudos como o do dinamarquês Tobias Raun (2012), que analisou em sua tese de doutorado, vídeos de pessoas trans e seus respectivos processos de afirmação de gênero (a partir da própria busca por informações para o seu processo de afirmação de gênero enquanto homem trans) têm extrema importância para a visibilidade trans e apresentam discussões de temas como direitos humanos, despatologização das questões de gêneros e identidades, a representatividade das identidades trans nas mídias *mainstream*, assim

como a utilização de ferramentas midiáticas como o YouTube, porém é relevante destacar que Tobias Raun (2012) analisou pessoas americanas e europeias, que apresentam contextos sociais e políticos distintos da realidade brasileira. Raun (2010, 2012, 2014) também propõe a compreensão do vídeos trans do YouTube como um espaço autobiográfico que também tem a função de arquivo das vivências e especificidades trans.

O consumo de redes sociais e demais meios midiáticos vêm crescendo a cada dia, ampliando e modificando a comunicação e interação humana, o YouTube, por exemplo, funciona a partir do compartilhamento de materiais pelas/os próprias/os usuárias/os e pela audiência que consome os conteúdos (Burgess, Jean e Green, Joshua, 2009). Os *vlogs*, nichos de entretenimento online, são vídeos que geralmente tem um formato de diário, registrando momentos do dia a dia - são mídias que dão às/aos Youtubers (usuárias/os ativas/os e criadoras/os de conteúdo no *website* YouTube, e terminologia operante tanto na comunidade quanto na academia. (Burgess, Jean e Green, Joshua 2009) espaço para troca de informações e ideias, pois existem seções destinadas a comentários entre quem compartilha o vídeo e quem os assiste. Como Tobias Raun (2010, p.11) argumenta, “os *vlogs* servem à função de documentar as atividades recentes, pensamentos e problemas dos youtubers tanto quanto possibilitam liberar a tensão emocional”.

Laura Horak (2014) ressalta que criam-se formatos específicos de conteúdo e de vídeos no YouTube destinados e produzidos por pessoas trans e cis com interesse na temática (adoto o termo trans pois como Judith Butler (2004) e Berenice Bento (2008) colocam, é inclusivo e fala de todas as pessoas que de alguma forma transitam pelos gêneros, ou não se encaixam na normativa binária imposta socialmente). A autora coloca que a utilização de *TAGS* - marcadores, que “organizam” uma série de assuntos e/ou conteúdos - séries específicas de vídeos ou vlogs e *hashtags* de youtubers trans acabam por popularizar esse formato. No Brasil (assim como os demais conteúdos das mais diversas áreas e interesses no YouTube) as *TAGS* também são utilizadas, e os vídeos intitulados *Diário FTM* ou *MTF*, são populares entre os canais de pessoas trans. Entretanto, é possível notar expressões da população trans brasileira assim como, *hashtags* adaptadas e/ou criadas no Brasil, por exemplo, #OrgulhodeserTrans e #VisibilidadeTrans, que reforçam características dos vlogs e demais vídeos de pessoas trans brasileiras, o que também auxilia na divulgação e circulação dos materiais, tanto no YouTube quanto no Google, como um todo.

Os números de usuárias/os do YouTube crescem a cada dia, contabilizando mais de um bilhão de usuárias/os, praticamente um terço da população total da internet, e conta com milhões de horas de vídeos assistidas diariamente em mais de 88 países e em 76 idiomas diferentes, o que segundo os dados fornecidos pelo próprio site YouTube, são marcadores que ultrapassam as/os usuárias/os de televisão à cabo, por exemplo, e atingem principalmente pessoas entre 18 e 49 anos de idade (YouTube, 2016a), fazendo com que seja uma ferramenta de troca e discussão das mais diversas questões, inclusive as de gêneros, identidades e sexualidades. Numa busca simples no YouTube, utilizando o termo “trans” foram encontrados aproximadamente 10.500.000 resultados, já o termo “transgênero” apresenta aproximadamente 105.000 resultados, “transexual” 348.000 vídeos e “identidade de gênero” 12.200 resultados aproximados, o que demonstra uma quantidade significativa de conteúdo criado acerca das questões de sexualidades e identidades de gêneros, colocando o website YouTube como espaço importante de visibilidade, discussão, informação e expressão direta das pessoas trans.

Com números expressivos de conteúdos voltados a temáticas de gêneros, sexualidade e desconstruções de normativas, o YouTube acaba por ser o facilitador de respostas quando as pessoas procuram sobre tais questões na *internet*. Tanto Laura Horak (2014) quanto Tobias Raun (2015) destacam o alcance do *site*, e caracterizam as/os consumidoras/es e criadoras/es de conteúdo enquanto adolescentes e/ou jovens adultas/os. Tobias Raun (2015) coloca o YouTube como um importante arquivo para a população trans, pois guarda representações visuais e culturais destas pessoas e o compreende como lugar e espaço de interação e produção cultural de autores e artistas. É interessante marcar que esses arquivos são, em sua maioria, representações de uma população jovem que não está necessariamente inserida no meio acadêmico ou político, o que parece aproximar as/os criadoras/es de conteúdo ainda mais com as/os expectadoras/es. Discussões acadêmicas e governamentais a respeito da população trans e do asseguramento de direitos são imprescindíveis, e a produção de conteúdo *online* e os milhões de comentários gerados por tais conteúdos ilustram a urgência de diversas demandas das pessoas trans e LGB no Brasil, que problematizam por meio de seus vídeos as dificuldades que se apresentam no dia a dia, tanto no que diz respeito ao asseguramento de direitos e do cumprimento de diretrizes e políticas públicas, quanto demais experiências negativas como discriminação e preconceito que vivenciam.

Como observado por Tobias Raun (2015) e Laura Horak (2014), os vídeos ou *vlogs* trans, como o autor e a autora referem, servem como norteadores nos processos de afirmação de gênero ou “transição de gênero”, como várias/os youtubers trans intitulam e referem, dividindo suas experiências em etapas e ilustrando, muitas vezes através de fotos ou de imagens gravadas dos momentos vividos, como se sentiam desde a infância, momentos de conversas com familiares e amigas/os, e se fizeram ou não uso de hormônios ou demais tecnologias para afirmarem o/os gênero/s com a/s/o/s qual/is se identificam. O que Laura Horak (2014, p.574) argumenta, é que por mais que as/os criadoras/es de conteúdo por vezes disseminem ideias de que nem todo processo é igual para todas/os, e que a utilização de hormônios, cirurgias e demais tecnologias não são necessárias, a popularidade e consistência dos vídeos nos canais e nos resultados das buscas no YouTube acabam por determinar normativas no que diz respeito às identidades trans. Um exemplo disso, é o conteúdo dos vídeos analisados nessa pesquisa e dos comentários percebidos nestes vídeos. Assim como nos demais conteúdos produzidos para o YouTube, na grande maioria dos vídeos analisados as pessoas falam de suas experiências sobre tópicos comuns à determinada temática, como por exemplo “*meu primeiro mês em T*” ou “*fotos antes da transição*”, num formato que Laura Horak (2014, p.573) descreve como “cabeças falantes”, onde a pessoa posiciona-se em frente à câmera em um ângulo que é possível ver somente de seu torso para cima, o que segundo a autora, aproxima as/os expectadoras/es das/dos youtubers e confere um senso de expertise.

É discutido tanto por Tobias Raun (2012, 2015) quanto por Laura Horak (2014) o formato que se estabelece nesse nicho de conteúdo do YouTube (no caso da autora e do autor, são conteúdos provenientes dos Estados Unidos e de países europeus), que acaba por criar uma normativa do que é ser trans, o que provavelmente ocorra também no Brasil. Tais padrões e normativas dos corpos e experiências trans foram observadas nos inúmeros questionamentos nas seções de comentários, onde pessoas perguntavam para as/os youtubers como conseguir aquela determinada estética, por vezes comparando a aparência da/do youtuber à própria, ou nos segmentos de conteúdo voltados a cirurgias, terapias hormonais e/ou vestimentas e acessórios que padronizavam não somente o conteúdo dos canais de pessoas trans como certos efeitos de tais tecnologias.

## Contextos Teóricos

Esta pesquisa baseia-se nos pressupostos da Teoria *Queer*, que segundo Eloisio Souza e Alexandre Carrieri (2010) está epistemologicamente fundamentada no pós-estruturalismo e advém de subdivisões dos Estudos Culturais e do pensamento pós-estruturalista francês, que problematizavam questões de sujeito, identidade, agência e identificação (Miskolci, Richard, 2009).

A Teoria *Queer* surge nos Estados Unidos no final da década de oitenta, propondo uma mudança na forma em que se pensava e vivenciava a sexualidade e o gênero (Ambrosy, Ingrid, 2012). Richard Miskolci (2015) acrescenta que o que hoje é compreendido como pensamento queer advém da crítica à ordem sexual da década de 60 e que tais críticas e discussões possivelmente se associavam à contracultura e aos novos movimentos sociais da época: o movimento feminista de segunda onda, o movimento pelos direitos civis da população negra e o movimento homossexual da época. Richard Miskolci (2015) também coloca que tais movimentos eram chamados de novos movimentos sociais pois teriam se originado no movimento operário e “suas demandas iam além das de redistribuição econômica” (p. 21), engajando cada vez mais pessoas da classe média e popular em lutas já existentes, problematizando o que era público e o que era privado, além de despertar as discussões de relações de poder, corpo, desejo e sexualidade.

Richard Miskolci (2009, p.151) afirma que o objeto de análise das/dos teóricas/os *queer* era a “dinâmica da sexualidade e do desejo na organização das relações sociais”, e que haviam divergências destas/es estudiosas/sos para com a Sociologia por esta compreender, até aquele momento, a ordem social como sinônimo da heterossexualidade.

O termo *queer* advém da língua inglesa e significa estranho, excêntrico, raro e por vezes ridículo, sendo utilizado historicamente para se referir de forma pejorativa à pessoas homossexuais e trans (Louro, Guacira, 2001). Tal autora discorre acerca da escolha dos teóricos na utilização desse termo que tem conotação de deboche, argumentando que *queer* acaba por assumir a função de contestação e oposição, o que Richard Miskolci (2015) também discute em suas obras, afirmando que movimentos como o *Queer Nation* denunciava que parte de uma nação foi excluída, rejeitada, humilhada e considerada abjeta, apropriando-se dos insultos e xingamentos que o termo carrega e utilizando-o com orgulho para discutir a temática



da abjeção, que segundo Richard Miskolci (2015 p.24) “constitui a experiência de ser temido e recusado com repugnância, pois sua própria existência ameaça uma visão homogênea e estável do que é comunidade”.

É importante ressaltar que a Teoria *Queer* advém de uma vertente dos movimentos homossexuais que era contrária à normatização da construção dos sujeitos, argumentando que as identidades são sempre múltiplas e que podem se articular das mais diversas maneiras, diferenciando-se de um movimento homossexual mais antigo que optava por adaptar homossexuais à sociedade e suas demandas (Santos, Ana Cristina, 2005). Teóricas/os e militantes *queer* trabalham para que a sociedade mude seu olhar excludente e seu regime de normalização, compreendendo *queer* como uma nova política de gênero que não deve ser vista como progressista, que passa dos estudos feministas e evolui para estudos *queer*, por exemplo, pois trata de questões que se sobrepõem e ocorrem simultaneamente enquanto são compreendidas, reeditadas e explicadas, num continuum (Butler, Judith, 2004).

Uma das propostas da Teoria *Queer* apresentada por Ana Cristina Santos (2005), é o exercício de um olhar aberto, fluído que pode ser contestado e discutido, que incentiva a construção de diferenças e acolhe a diversidade apresentada, ou seja, aceita tanto as multidões quanto o individual e suas singularidades, permitindo assim, fundamentar e discutir as questões referentes aos processos de afirmação de gêneros propostas nesta dissertação.

### **Gênero e corpo**

A fim de situar a discussão proposta por este trabalho, é relevante compreender a construção do que é gênero são impactadas as representações sociais que o formam. Teresa de Lauretis ([1987], 1994, p.209) propõe a reflexão acerca das implicações reais de gênero e do engendramento dos corpos na vida material das pessoas, uma vez que gênero é uma representação da realidade social e subjetiva das pessoas. O sujeito do corpo é múltiplo pois é “engendrado” não somente nas relações entre os gêneros mas também nas de raça e de classe, portanto é múltiplo e contaditório. Para Michel Foucault (citado em Lauretis, Teresa de [1987] 1994: 208), o gênero é “o conjunto de efeitos produzidos nos corpos, comportamentos e relações sociais por meio do desdobramento de uma complexa tecnologia política”, o que

Judith Butler ([1990], 2016) discute a partir dessa ótica foucaultiana, é que a origem do gênero não é dada, não tem um início pois é um efeito das instituições, práticas e discursos de origens difusas, sendo assim, seu foco é na genealogia das identidades performatizadas que constituem e expressam o gênero. A partir da compreensão de que gênero é construído e que não está “preso” ao sexo dito “biológico”, utilizado para se referir às gônadas e genitália, Judith Butler ([1990], 2016) coloca que gênero é descolado e independente de sexo, o que é subentendido e verbalizado nos vídeos analisados, e que o “sexo” é tão socialmente construído quanto o gênero, e que este também é um efeito – performativo - , uma categoria discursiva que “impõe uma unidade artificial sobre um conjunto de atributos que, caso contrário, seriam descontínuos” (Butler, Judith [1990], 2016, p.99).

Pensando no conjunto de efeitos, Teresa de Lauretis ([1987] 1994), discute que a construção do gênero se faz também por sua desconstrução que se mantém por meio da existência social dos corpos. É não apenas a representação mas seu excesso, que “permanece fora do discurso como um trauma em potencial que, se/quando não contido, pode romper ou desestabilizar qualquer representação” (Lauretis, Teresa de [1987], 1994:209). Teresa de Lauretis precede Judith Butler e a sua compreensão de gênero como performatividade, porém ambas assinalam que gênero se dá nas relações, na desconstrução e reconstrução diária dos corpos inseridos na sociedade. Teresa de Lauretis ([1987], 1994:212) acrescenta que o gênero se constrói tanto como produto quanto como sua representação. A autora destaca a necessidade de um olhar crítico acerca da construção de gênero, uma vez que esta se dá a partir de relações de poder que advém de discursos heteronormativos, que irão, por consequência, reconhecer e reforçar a sua possibilidade de gênero. Teresa de Lauretis ([1987] 1994) aponta a necessidade de reconhecer que o gênero se constrói a partir de várias tecnologias, ainda que fundamentadas na heteronormatividade, tais como, o cinema e a televisão, por exemplo, além dos discursos institucionais, como as teorias acadêmicas. Ambas tecnologias têm “o poder de controlar o campo do significado social assim produzir, promover e ‘implantar’ representações de gênero” (Lauretis, Teresa de [1987], 1994, p.228).

Embora não tenha sido discutido pelas autoras citadas, atualmente o engendramento dos corpos ocorre também no espaço do YouTube, onde os vídeos são produzidos e protagonizados tanto por pessoas cis quanto trans, como exemplificado anteriormente com as expressões dos corpos trans das/dos youtubers.

Demais tecnologias como televisão e cinema, também apresentam números crescentes de materiais produzidos, escritos, dirigidos e estrelados por pessoas trans, porém os números de tais produções em ambos espaços são consideravelmente menores dos conteúdos desenvolvidos por pessoas cis. Como Teresa de Lauretis (1987) coloca, os corpos são marcados e referidos a partir das especificidades dos gêneros, que são contruídos como aparatos de identidade, valor e hierarquia social, reforçando a divisão entre feminino e masculino.

Essa binarização ocorre não somente nos corpos cis, pois é performatizada pelas/os youtubers trans por meio da narrativa de características socialmente construídas do que é masculino e do que é feminino, como a descrição da vagina perfeita ou da funcionalidade e do “volume ideal” da prótese de silicone que imita o pênis, referido nos vídeos como *packers*, e que supõe uma forma de engendramento dos corpos trans nos moldes dos gêneros previamente construídos e regulados, os quais se afirmam diariamente nos mais distintos espaços por meio de suas performatividades (Butler, Judith, 2004), o que se pode explicar pelo fato das pessoas trans estarem inseridas desde o momento de seus nascimentos numa sociedade cisnormativa e heteronormativa.

Por vezes esse auto-engendramento dos corpos trans (assim como, em muitos casos, de corpos cis), como nos dados advindos dos vídeos, é abertamente colocado o uso de tecnologias para atingir expectativas do que é tido como característico de determinado gênero ou quando não correspondem ao que culturalmente é tido como do homem ou da mulher. Tais expectativas estão colocadas em alguns comentários dos vídeos analisados, e compartilham ideias, tais como, “*Para de tomar hormônio feminino pra ver. Volta à masculinidade, e não passará de mutilação. Porque não se engana a natureza. A natureza é perfeita e se deixar volta ao início da criação*” (sic). Este exemplo sugere que é pela natureza que se legitimam os corpos, como se essa suposta natureza humana, neste caso, o gênero, não fosse um efeito da tecnologia social que é reproduzida nos corpos (Preciado, Beatriz [2004], 2014).

A noção de identidade que permeia os materiais compartilhados pelas/os youtubers está intrinsecamente ligada à legitimação do corpo que passa a corresponder ao que é normativo ao gênero binário que a pessoa expressa por meio da linguagem e demais aparatos sociais, que estão em constante formação, reformulação e transformação, e, portanto, não são estanques, mas sim fluidos e constantes. Como Judith Butler ([1990] 2016, p.43) argumenta,

Sendo a “identidade” assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de “pessoa” se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é “incoerente” ou “descontínuo”, os quais parecem ser pessoas, mas não se conformam com as normas de gênero da iteligibilidade cultural pelas quais as pessoas são definidas. (43).

Ou seja, para ser uma pessoa e constituir a identidade desejada, o gênero necessita ser estável e condizente com o socialmente esperado. Se reconhece que há questionamentos e discussões a respeito dessa rigidez de construção da identidade, inclusive nos discursos das pessoas trans analisados nos vídeos, porém, o que Judith Butler ([1990] 2016) problematiza, é que as relações de poder que fundamentam e mantêm as normativas sociais seguem sendo reproduzidas por intermédio da performatividade das ações que abarcam a manutenção da coerência e continuidade entre gênero, prática sexual e desejo. Com as normativas heterossexuais que regem nossa sociedade, são instituídas oposições tais como, entre “masculino” e “feminino”, que se organizam de forma assimétrica e hierárquica e criam como características válidas o que é de “macho” e o que é de “fêmea”, inclusive nomeando e categorizando os corpos e as funções ou disfunções hormonais esperadas.

Como Judith Butler ([1990] 2016) coloca, a matriz cultural que fundamenta as identidades de gênero atuais exige a inexistência de outras identidades, uma vez que aquelas identidades que são consideradas válidas pressupõem uma binariedade, ou seja, organizam-se somente como pares e opostos. Não deve ser ignorado que tais normativas que regem o desejo, e, por consequência selecionam quais sujeitos encaixam-se em tal gênero, são determinadas pelos mecanismos de poder vigentes na sociedade. Porém, Judith Butler (2004) argumenta que o exercício de questionar e tomar alguma atitude para com o que é imposto socialmente na construção do desejo pode ter como resultado um posicionamento ativo da pessoa no processo de construção da identidade, sem delegar totalmente às normativas da sociedade que não devem necessariamente decidir e responder quem é essa pessoa. Cada ato performativo, inclusive os de identidades de gênero binárias, um novo prisma de expressão de gênero e de identidade se forma, proporcionando a pluralidade das identidades e dos corpos que as formam e expressam (Butler, Judith, 2004).

Em sua obra de 2004, *Undoing Gender*, Judith Butler discute que gênero é uma forma de ser e fazer constante, um ato incessante de performatividade sem que a pessoa perceba necessariamente, ou seja, não é constantemente consciente mas sim automático e mecânico na maioria das vezes. A autora aponta que essa forma de ser e fazer gênero é uma improvisação dentro de um cenário que não se faz sozinho, pois a pessoa carrega suas vivências e experiências além de tudo que a sociedade no qual está inserida lhe atribuiu, incluindo as leis e normativas que regem o local geográfico ao qual pertence.

Judith Butler (2004) avança em suas colocações discutindo a questão do desejo e sua relação ou não com gênero, apontando que não há necessariamente conexão entre ambos. O fato de alguém pertencer a determinado gênero não significa que seu desejo será de determinada forma, porém o próprio desejo é construído e compreendido pelas normativas que regem as categorias de gênero, replicando no discurso social a relação anteriormente mencionada de gênero e desejo. Judith Butler (2004) cita a tradição Hegeliana de conectar desejo ao reconhecimento, pois ao ser reconhecida durante sua vida a pessoa se constitui socialmente. A crítica que Judith Butler coloca à essa afirmativa, é que acaba por deixar de lado pontos importantes como as articulações mutáveis que formam as normativas sociais que por sua vez irão reconhecer essa pessoa, além de mais uma vez deixar de lado quaisquer outros sujeitos que não se encaixem nesse reconhecimento social, fazendo-os menos humanos e por vezes nem mesmo humano, já que será desprovido desse desejo.

Não deve ser ignorado que tais normativas que regem o desejo, e por consequência selecionam quais sujeitos encaixam-se em tal gênero, são determinadas pelos mecanismos de poder vigentes na sociedade. Portanto, Judith Butler (2004) coloca que o exercício de questionar e fazer alguma coisa com o que é colocado socialmente na construção do desejo pode ter como resultado um posicionamento ativo da pessoa no processo de construção da identidade, sem delegar totalmente às normativas da sociedade que não devem necessariamente decidir e responder quem é essa pessoa.

Outro fator que costuma relacionar-se ao gênero é a sexualidade, e por vezes da mesma maneira rasa que desejo e gênero podem vir a ser conectados. A própria construção do que é sexualidade também é carregada de normativas sociais e como Judith Butler (2004) aponta, normativas em sua maioria heterossexistas, reforçando e generalizando um discurso que situa a sexualidade nas relações heterossexuais ou que

impõe padrões do que é “sexy” de acordo com os gêneros binários (homem e mulher) na maioria das pessoas e formas de relação, mesmo que por vezes, a sexualidade seja colocada como “livre e selvagem”. A partir do momento que são estipulados e definidos papéis e características para este ou aquele gênero, se dá também a regulação da sexualidade pelo poder social para as pessoas destes ou daqueles gêneros.

Ao representar e performatizar gêneros como masculino ou feminino, por exemplo, as posições sociais e seus significados diferenciais são simultaneamente representados, o que faz com que a sociedade realize leituras de masculino ou feminino na totalidade dos atributos sociais previamente construídos que constituem gênero(s). Suzzane Kessler (1990, 1998; Kessler, Suzzane & Mckeena, Jenny, 1978 citada por Costa, Angelo Brandelli *et.al.*, 2017) acrescenta que o gênero é atribuído sempre que encontramos alguém independentemente de suas características biológicas, sempre supondo que tal pessoa está dentro de um sistema binário.

Conceituar gênero fechando-o numa afirmativa acaba por contradizer a rica discussão proposta por Judith Butler (1990, 2004) que propõe pensar e construir gênero num continuum, uma vez que sexo/gênero é um conjunto de normativas sociais que por sua vez são contestadas e reformuladas a todo momento. Para além dessas colocações, Judith Butler (1990, 2004) propõe a compreensão de gênero como performance de atos corporais e de discursos, levando em consideração que sempre haverá dimensões corporais que não são alcançadas ou representadas, corroborando com as múltiplas expressões de sexo/gênero que são construídas e desconstruídas a todo momento.

### **Expressões de Gêneros, Terminologias e Contextos Históricos**

Como colocado anteriormente, compreende-se gênero como performatividade de atos normativos da sociedade, e tais normas foram historicamente construídas e perpetuadas num modelo binário, ou seja, num padrão de dois, de pares. Como Judith Butler (2004) aponta, com a imposição binária da reprodução de normativas de gênero acaba-se por excluir diversas expressões de gênero que formam identidades que não se encaixam necessariamente na normativa binária socialmente imposta, tornando tais corpos abjetos, descartados.

Beatriz Preciado (2011) ao falar dos corpos abjetos, nomeia-os *multidões queer* e os situa num contexto Europeu, diferenciando das expressões *queer* norte-americanas e latino-americanas. Beatriz Preciado (2011) discute a influência na Europa das culturas anarquistas e as vantagens teóricas e políticas ao nomear e agrupar as/os “anormais” e “abjetas/os” em multidões no combate ao “Império Sexual” que segue categorizando e naturalizando a binariedade homem/mulher, heterossexual/homossexual, marginalizando o que se distancia ou foge desses pares.

A emergente cultura trans e a veiculação dos procedimentos médicos com crianças intersexo e adultas/os transexuais vem despertando grandes discussões acerca das tecnologias do corpo e das questões tangentes à identidade (Preciado, Beatriz, 2011). Stephen Whittle (2006) aponta para o número crescente de publicações científicas a respeito de identidades trans a partir do final do século XX, e ressalta que comunidades de pessoas tran também aumentou, assim como o espaço da temática dentro das universidades. Há de se contextualizar que Stephen Whittle fala de um cenário principalmente norte americano, corroborando com o surgimento e fortalecimento dos estudos *queer* e da teoria em si.

Susan Stryker (2006) destaca a popularização do termo *transgênero* nos Estados Unidos na década de 90, porém coloca que a palavra foi cunhada nos anos 80, e associada ao significado atual em 1992 após sua utilização num panfleto intitulado “*Transgender Liberation: A Movement Whose Time has Come*”<sup>1</sup>. Susan Stryker (2006) traz a ativista Virginia Prince como pioneira na utilização do termo *transgênero*, que o compreendeu para designar pessoas como ela mesma que localizavam suas identidades num spectrum entre travesti e transexual. Virginia Prince colocava que se *travesti* era quem, em alguns episódios, usava roupas do chamado “outro sexo” e *transexual* quem permanentemente mudava seus genitais cirurgicamente e reivindicava o reconhecimento social dum gênero que não o designado em seu nascimento, então *transgênero* era aquela/e que mudava socialmente seu gênero através da representação pública do *self*, sem intervenções cirúrgicas.

Ao utilizar a palavra *transgênero* em seu folheto, Leslie Feinberg (citada em Stryker, Susan, 2006) apresentava o termo como um adjetivo para todas/os que foram marginalizadas/os e oprimidas/os pela sociedade binária e heteronormativa, sendo

---

<sup>1</sup> Panfleto de Feinberg, Leslie. (1992). *Transgender Liberation: A Movement Whose Time has Come*. New York: World View Forum.

*transgênero* uma forma de união de todas/os aquelas/es consideradas/os abjetas/os numa luta contra a injustiça social, econômica e política. Susan Stryker (2006) afirma que transgênero, enquanto termo, acabou por tornar-se guarda-chuva e ser referido também como *pangênero* pois englobava todas e quaisquer expressões de identidades que quisessem ser referidas por tal palavra e que sentissem a necessidade de mobilização, de movimento.

Por fim, a autora conceitua transgênero como “todos os indivíduos cuja identidade ou expressão de gênero diferem das normas sociais do gênero que lhes foi atribuído no nascimento” (Stryker, Susan, 2008. p.30), sendo recebido como um termo mais inclusivo, que não limitava-se à questões de sexo biológico. Jaqueline Gomes de Jesus (2012) também apresenta o termo transgênero em sua publicação *Orientações sobre identidades de gênero: conceitos e termos* e coloca que no Brasil não há consenso quanto à utilização de uma ou outra terminologia, porém corrobora com a colocação de Susan Stryker ao definir transgênero como termo mais inclusivo e amplo, utilizado por pessoas que não se identificam com o sexo atribuído ao nascer ou com qualquer gênero imposto.

No Brasil, assim como em diversos países, não há registros definitivos da época em que as primeiras pessoas trans<sup>2</sup> se apresentaram como tal socialmente, porém Rafael Galli *et al.*, (2013) trazem que a primeira cirurgia de redesignação sexual no Brasil foi realizada em 1971 pelo cirurgião plástico Dr. Roberto Farina e que apesar de ter sido um sucesso, o cirurgião sofreu dois processos e foi condenado, podendo voltar a exercer medicina somente após um tempo. Genny Beemyn (2014) coloca que nos Estados Unidos, assim como em demais culturas ocidentais, a sociedade oprimia, rejeitava e por vezes punia pessoas fora dos padrões normativos de gênero, porém outras culturas não ocidentais e certos grupos de nativas/os-americanas/os recebiam positivamente pessoas trans e atribuíam identidades que não fossem binárias para elas, chocando os “conquistadores” da Espanha que chegaram às terras norte americanas por volta de 1530.

Genny Beemyn (2014) traz alguns exemplos de pessoas trans retratadas de forma pejorativa e que sofreram punições nos Estados Unidos no período colonial e pós-colonial e coloca que a partir do século dezenove, o número de pessoas trans

---

<sup>2</sup> Escolhi adotar o termo trans pois como Judith Butler (2004) e Berenice Bento (2008) colocam, é inclusivo e fala de todas as pessoas que de alguma forma transitam pelos gêneros ou não se encaixam na normativa binária imposta socialmente. Assim, ao falar de pessoas trans, incluo aqui toda e qualquer expressão e identidade de gêneros.



aumentou fazendo com que essa expressão pública constituísse uma comunidade, proporcionando maior qualidade de vida para população trans porém ainda no anonimato, pois a busca e apoio para condições dignas de vida advinha das/os próprias integrantes dessa comunidade, uma vez que haviam leis rígidas no país que puniam “pessoas que não se vestissem de acordo com seu sexo” (Beemyn, Genny, 2014, p.8).

Com as publicações acadêmicas da medicina e biologia acerca de procedimentos cirúrgicos e terapias hormonais para pessoas trans na década de 50 e 60, as discussões a respeito dos corpos e identidades de gêneros emergiram na cultura ocidental (Beemyn, Genny, 2014). Cabe ressaltar que tais discussões eram em sua maioria patologizantes e focadas em técnicas cirúrgicas ou no tratamento hormonal e psiquiátrico que julgavam ser adequado, deixando as questões sociais e políticas para os movimentos homossexuais e trans que emergiam em paralelo (Stryker, Susan, 2006).

No Brasil, Mário Carvalho e Sérgio Carrara (2013) apontam para dois movimentos que se organizaram em prol da visibilidade e reivindicação de políticas públicas e direitos civis de pessoas trans. Os autores (Carvalho, Mário & Carrara, Sérgio, 2013, p.7) trazem “o binômio violência policial/AIDS” como marcador da constituição desses movimentos, e que somente em 1990 os primeiros movimentos propriamente ativistas surgiram no Brasil. Maria Juraci Toneli e Marília Amaral (citadas em Nardi, Henrique, Silveira, Raquel, Machado, Paula, 2013, p.36) também apontam para o recente interesse acadêmico por temáticas trans que por consequência aumentaram a visibilidade e os questionamentos acerca “das minúcias das vidas do universo trans ou das Ts como são conhecidas na militância LGBT”. Maria Juraci Toneli e Marília Amaral (citadas em Nardi, Henrique, Silveira, Raquel, Machado, Paula, 2013, p.36) colocam que os trabalhos da antropologia e da sociologia na década de 90 foram os pioneiros nesse universo trans e que provavelmente seguidos pela onda dos estudos *queer*, os estudos de pessoas trans se mostram centrais nas mais diversas áreas acadêmicas.

A partir das colocações teóricas apresentadas, assim como a relevância deste estudo justificada pela influência das mídias, principalmente as sociais, como o YouTube na representatividade e visibilidade das identidades trans, este estudo procura investigar e compreender as especificidades das experiências de afirmação de gênero vivenciadas por pessoas trans brasileiras que compartilham suas trajetórias e

reflexões em vídeos produzidos, protagonizados e publicados por elas no *site* YouTube. Compreende-se que a afirmação de gênero também está presente nos mais diversos conteúdos e vídeos que compõe o acervo do YouTube produzidos por pessoas cis, através de seus discursos e nas linguagens utilizadas, engendrando seus corpos e afirmando-os constantemente.

## 2 MÉTODO

Com a chegada da internet e o acesso facilitado a computadores, a comunicação e o convívio entre as pessoas acaba por se modificar e hoje mostra-se cada vez mais desejado, sendo que, no atual cenário, as mídias e redes sociais são as plataformas mais acessadas e utilizadas pela população (Ciribeli, João Paulo e Paiva, Victor Hugo, 2011). Christine Hine (2000) discute que a internet é o espaço online onde as interações sociais ocorrem ao mesmo tempo em que são produzidas por meio de uma tecnologia que também é socialmente produzida.

Vanina Dias (2016) coloca que a noção de subjetividade tem se transformado com a utilização das mídias sociais na comunicação, argumentando que com a internet as fronteiras são indefinidas e o local geográfico não é mais um fator excludente de novos contatos, fazendo com que as/os usuárias/os tracem novos mapas, novas fronteiras que serão transpassadas a cada dia. Vanina Dias (2016) complementa que a subjetividade é construída historicamente, cada época produzirá novas possibilidades de subjetividade, sendo a internet uma delas na atualidade.

A autora discute ainda as concepções de público e privado, que vêm sendo investigadas com a popularização da internet, argumentando que segundo Hannah Arendt (citada em Dias, Vanina, 2016) temos a necessidade de sermos ouvidas/os e vistas/os, e que quando se trata da esfera pública, fala-se de dois espaços diferentes, o que vai à público, que é pessoal e divulgado para o mundo, e o que é do próprio mundo que já está posto como público e é comum a todas/os. Hannah Arendt (citada em Dias, Vanina, 2016:32) coloca que o termo “privado” advém de privação, e que ter sua existência privada da realidade é “ser destituído de coisas essenciais à vida, isso é, ser despojada/o da possibilidade de ser vista /o e ouvida/o por outras/os”.

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo qualitativo, que proporciona múltiplas interpretações dos dados coletados, além de levar em

consideração a voz da pesquisadora, assim como das/os participantes da pesquisa (Gray, David, 2012). Com o objetivo de compreender as particularidades dos conteúdos criados e compartilhados em um *website*, o campo de estudo é o virtual. O método netnográfico mostra-se adequado e necessário para responder ao problema de pesquisa (Kozinets, Robert, 2014). A Netnografia traz o olhar etnográfico para o ambiente virtual, porém, não deve ser compreendida como um sinônimo da Etnografia, uma vez que, para além da observação, participativa, ou não, requer um engajamento personificado, participativo, que investe emocionalmente no ser humano (Costello, Leesa, et al. 2017:2). O campo virtual é também o campo de interação e linguagem que simula, mas também produz, novas relações e mecanismos de expressão, sendo, portanto, um campo riquíssimo de fenômenos recentemente discutidos (Dias, Vanina, 2016).

Para a realização do presente estudo, os seguintes passos propostos por Robert Kozinets (2014) foram seguidos: planejamento do estudo; entrada no campo; coleta de dados; interpretação e garantia de padrões éticos. Leesa Costello et. al (2017) apontam para o rigor que tais etapas podem proporcionar, porém, a real eficácia do método netnográfico exige a presença humana e as conexões feitas online. As autoras ainda discutem os benefícios de realizar pesquisas netnográficas ativas, ou seja, onde a pesquisadora não somente observa, mas é uma agente dentro do campo virtual, seja revelando sua participação no ambiente, ou, inclusive, participando das discussões com demais membros da comunidade *online*.

Tanto Christine Hine (2000) quanto Robert Kozinets (2014) pontuam o processo de *lurking*, que se entende como “espreitar”, “observar ocultamente”, porém, não de forma totalmente consciente como passo inicial da pesquisa netnográfica. Para a presente pesquisa foi realizado um primeiro momento de familiarização com a plataforma YouTube, conhecendo suas diretrizes, estruturas de canais e como as/os usuárias/os podem compartilhar conteúdo no *site*. Outro passo importante, que antecedeu a coleta dos dados, foi a criação das Notas de Campo (ver Anexo 5.1), onde todas as impressões e ações foram registradas durante a inserção no campo.

As Notas de Campo começaram no momento em que foi criada a conta de e-mail que seria utilizada. É de suma importância a criação de uma nova conta, voltada inteiramente para a pesquisa, pelo fato do YouTube, assim como demais plataformas do pertencentes do Grupo Google, gravar os interesses da/o usuária/o de acordo com

os sites, palavras-chave, vídeos e imagens previamente visitados, que direcionam e localizam determinados conteúdos (Davidson, James et al. 2010). Apesar da criação da conta de e-mail e do rigor ao entrar no campo virtual, pesquisas netnográficas são desafiantes por ter um objeto de estudo instável, que muda a cada instante (Burgess, Jean & Green, Joshua, 2009). Portanto, não foi possível controlar todas as variáveis que selecionam e apresentam os conteúdos no YouTube, porém, foi considerado como elemento da pesquisa e da discussão dos dados a minha participação enquanto pesquisadora, os percursos virtuais advindos do processo de *lurking* e a influência de tais caminhos na apresentação de conteúdos apresentados na página inicial do YouTube, a partir do consumo e coleta dos dados e dos comentários de apresentação deixados em cada canal.

Ao entrar no YouTube com o novo endereço de e-mail criado para a pesquisa, *mestradospico.pucrs@gmail.com*, foi colocado no buscador do *site* o termo “trans”, onde 10.300.000 resultados apareceram, entre estes, 15 dos 20 vídeos que o YouTube apresenta por página, são de pessoas brasileiras. O primeiro vídeo desta lista intitula-se “*TRANS FINÍSSIMAS FAMOSAS que você PRECISA conhecer feat HUGO NASCK | Diva Depressão*”. É importante ressaltar que a escolha apenas por vídeos de brasileiras/os se justifica pelo objetivo específico de compreender como estas/es usuárias/os do YouTube percebem e vivenciam questões como visibilidade trans, acesso à saúde, políticas públicas e direitos da população LGBTTT no cenário brasileiro. Demais critérios de inclusão dos vídeos foram baseados nos critérios de Tobias Raun (2012), porém, modificados para se adequarem às especificidades deste estudo, tais como: os vlogs devem aparecer quando é digitado na área de busca palavras como trans, transexual e transgênero; ter feito o último upload há pelo menos 30 dias, demonstrando assim que são participantes assíduas/os do YouTube e utilizam o site com frequência para troca de conteúdo; o/a criador/a deve se identificar como trans, transgênero, transexual, homem trans ou mulher trans.

No que tange as questões éticas, as diretrizes para pesquisas *online* mudam de um país para outro (Raun, Tobias, 2012). No caso de pesquisas onde os dados já estão disponibilizados publicamente pelas/os participantes da pesquisa, compreende-se que essas pessoas já consentiram e optaram previamente, sem a participação do/a pesquisador/a, por compartilhar com a sociedade seus dados. No caso do *website* YouTube (2016b), ao criar um vídeo a pessoa opta ou por compartilhá-lo publicamente, ou seja, para que qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo possa

acessá-lo, ou ainda, por compartilhar seu vídeo de forma privada, onde somente quem o publica, ou outras/os usuárias/os selecionadas/os, têm acesso. Os vídeos analisados nesta pesquisa foram compartilhados publicamente pelas/os criadoras/es, sendo de acesso geral à população e tendo consentimento prévio de visualização por parte de quem os criou. Compreende-se, assim, que elaboração e aplicação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) é dispensável. Não foram realizadas entrevistas com as/os criadoras/es dos vídeos, porém, uma mensagem de apresentação padronizada foi inserida nas seções de comentários, sempre no primeiro vídeo de cada canal visitado de youtubers diferentes. Os nomes das pessoas que aparecem e/ou criam os vídeos analisados foram mantidos, uma vez que somente materiais públicos foram coletados e analisados. O Conselho Nacional de Saúde (resolução de nº 466/12, Art.1º) coloca que pesquisas que utilizem informações de acesso público, nos termos da Lei no 12.527, de 18 de novembro de 2011 não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP.

A análise foi realizada ao longo da coleta de dados, como Robert Kozinets (2014) aponta ser possível com o método netnográfico. O próprio processo de *lurking* possibilitou não somente o reconhecimento do campo de pesquisa mas direcionou a escolha dos vídeos, influenciando possíveis discussões que surgiram com a análise dos dados. A coleta ocorreu ao longo do segundo semestre de 2017 e contou com 29 vídeos, que foram assistidos diversas vezes durante a análise e posteriormente na elaboração da discussão. Não foi seguida uma ordem específica de análise dentro dos canais das/os youtubers, foi o processo de *lurking* aliado às sugestões do *site* YouTube que delinearão a escolha dos vídeos. A seção “vídeos sugeridos” no YouTube é escolhida através de um sistema desenvolvido que prioriza vídeos recentes e/ou de acordo com o interesse da/o usuária/o (que é determinado pela temática dos vídeos já assistidos, curtidos e/ou favoritos) (Davidson et al. 2010:294).

Além de registrar as impressões e relatos das/os youtubers no diário de campo, foi dada atenção aos comentários compartilhados pelas/os espectadoras/es dos vídeos, assim como à interação entre as diversas pessoas ou entre youtuber e consumidor/a do conteúdo com o uso do recurso de resposta nos comentários. Como aporte teórico, foram utilizados pressupostos pós-estruturalistas, tais como, as teorias *queer*, abordagens feministas e transfeministas foram utilizadas para a análise e discussão da dissertação. Tanto durante a coleta dos dados no campo virtual, quanto

no processo de elaboração do material final, compreendeu-se que o meu olhar enquanto pesquisadora é parcial e advém de minhas vivências e características, assim como também são as falas e percepções das/os youtubers que compartilharam seus vídeos Como Donna Haraway (1995) argumenta, o conhecimento é parcial, situado e localizado pelo nosso olhar e nossas vivências; é traduzido a partir dessa ótica, e quando utilizamos determinadas teorias e compreedemos onde nos localizamos, o saber poderá ser instrumento político e científico de produção de conhecimento (Borges, Lenise, 2014).

Pensando nos apontamentos de Donna Haraway (1995) e de Lenise Borges (2014) a respeito dos saberes localizados e o reconhecimento de que ao fazermos ciência as características pessoais e sociais que demarcam nossas identidades influenciam na visão que temos do campo de pesquisa e nos caminhos teóricos que percorremos, é importante localizar o saber e experiências que construí, uma vez que tenho papel ativo na construção desta pesquisa. Compreendo que meu olhar advém das minhas características e posições na sociedade enquanto pessoa branca, brasileira, catarinense, de classe média, psicóloga e que no momento me identifico e me expresso como mulher cisgênera e lésbica.

### 3 ARTIGO EMPÍRICO

#### **Performatividade e Representatividade de Pessoas Trans Brasileiras no YouTube: Afirmação de Gênero Enquanto Espetáculo**

Hellena Bonocore Morais

Ângelo Brandelli Costa

Marlene Neves Strey

**Resumo** Procurou-se, a partir da análise de vídeos, compreender as especificidades acerca das afirmações de gênero de pessoas trans nascidas e/ou residentes no Brasil que criam e produzem conteúdos no *website* YouTube com o objetivo de compartilhar recortes de suas vidas, principalmente ligados à sua(s) identidade(s) de gênero. Esta é uma pesquisa qualitativa, onde foram coletados e analisados vinte e nove vídeos de oito pessoas diferentes através do método da netnografia e posteriormente discutidos à luz de estudos pós-estruturalistas como a Teoria *Queer*, estudos feministas e transfeministas. Percebeu-se a existência de padrões específicos de conteúdos nos vídeos analisados marcados com temáticas trans, criando uma *normativa trans do YouTube*, com segmentos próprios, além da idealização e performatividade dos corpos de pessoas cis e trans. É presente em certos vídeos, a trajetória dessas pessoas nos serviços de saúde brasileiros e suas impressões acerca das tecnologias de afirmação de gênero e dos processos médicos e psicológicos que vivenciaram ou entendem como necessários. Por fim, discutiu-se o YouTube como âmbito onde expressões e saberes subjetivos são partilhados, criando um novo espaço de visibilidade e representatividade trans, além da construção de uma comunidade entre quem cria o conteúdo e xs espectadorxs.

**Palavras-chave** YouTube, afirmação de gênero, trans, netnografia, teoria *queer*, Brasil.

Desde sua criação em junho de 2005, o YouTube vem criando um espaço significativo entre as mídias sociais. Com um início tímido e uma interface simples, o

*website* tinha como objetivo facilitar o envio e compartilhamento de vídeos sem necessitar de uma compreensão técnica e utilizando recursos como a velocidade de *internet* residencial e computadores de uso pessoal (Burgess e Green, 2009). Com a venda do YouTube para a empresa Google em Outubro de 2006 por 1,65 bilhões de dólares americanos o *site* atingiu a marca de entretenimento mais popular no mundo em apenas um ano.

Com o slogan “*Broadcast Yourself*” ou “Transmita Você Mesmx”<sup>3</sup> (traduzido livremente por nós), o YouTube possibilita que sejam criados conteúdos em qualquer lugar do mundo e por qualquer pessoa (desde que siga as diretrizes impostas e fornecidas pelo *site*) e que sejam transmitidos para quem quiser assistir. Burgess e Green (2009:2, cap 1) apontam como alguns dos diferenciais que destacam o YouTube como mídia social, a recomendação de vídeos, a possibilidade de compartilhamento rápido do material a partir da disponibilização de *links*, e a seção de comentários que permite a interação dxs criadorxs de conteúdo e de quem consome o mesmo. Xs autorxs também discorrem sobre o YouTube servir de depósito de conteúdo, uma vez que o *site* não cria vídeos na plataforma<sup>4</sup>, mas sim distribui entretenimento previamente elaborado e proporciona a monetização dos vídeos por meio da visualização dos mesmos e da possibilidade de inclusão de propagandas no início, meio ou fim dos vídeos (Burgess e Green 2009:5).

Com milhões de horas de vídeos assistidos diariamente e mais de vinte e quatro horas de vídeos postados por dia (YouTube: 2016a), o catálogo de conteúdo do YouTube varia de acordo com a utilização feita por cada usuárix (Lange:[2014] 2016), assim como os vídeos que aparecem diariamente como conteúdo recomendado, e que funcionam através de um sistema desenhado que utiliza a atividade pessoal dx usuárix, e busca ofertar conteúdo novo e similar ao assistido previamente (Davidson et al. 2010). Dentro dos mais diversos nichos de entretenimento disponíveis no YouTube, destacamos aqui os canais que compartilham experiências pessoais tanto no formato de *vlogs*, vídeos que têm como característica mostrar trechos do dia a dia dx youtuber, como de vídeos no formato

---

<sup>3</sup> É utilizado o “x” pois não existem pronomes pessoais e artigos neutros na língua portuguesa, sendo utilizado o masculino para tal função. Uma vez que a binariedade imposta socialmente é discutida neste artigo, o uso do x problematiza, tensiona, desconstrói e denuncia tal imposição linguística.

<sup>4</sup> O YouTube produz vídeos autorais somente num espaço destinado à criadorxs de conteúdo há vídeos do YouTube com informações para auxiliar no processo de criação, compartilhamento e crescimento dos canais dxs usuárixs.



*cabeça falante* (Horak, 2014), onde a pessoa fala livremente a respeito do assunto que elenca, geralmente remetendo à certa expertise. Entende-se por *canal* o local onde x criadorx de conteúdo – referido nas redes sociais e também no meio acadêmico como *youtuber* (Raun 2010) – deposita e organiza seus vídeos, sendo este canal um espaço gerido e administrado somente pelx youtuber.

Diariamente emergem, vídeos produzidos e protagonizados por pessoas trans. Adotamos na escrita deste trabalho, o termo *trans* pois, como Butler (2004) e Bento (2008) colocam, é inclusivo e fala de todas as pessoas que de alguma forma transitam pelos gêneros ou não se encaixam na normativa binária imposta socialmente, que identificam-se como tal e dividem relatos de momentos de suas vidas geralmente ligados à questões de identidade de gênero e dos processos envolvidos na afirmação de gênero.

Como destacado por Horak (2014) e Raun (2015) o segmento de vídeos com temáticas trans cresce nos últimos anos e estabelece um formato, geralmente documentando o que xs youtubers referem como *transição* ou *transição de gênero* – por tanto, na escrita deste estudo, optamos por utilizar o termo *transição*, validando as expressões dxs criadorxs de conteúdo -. São vídeos por vezes detalhando terapias hormonais, diálogo com familiares e amigxs acerca da identidade trans e sua aceitação, “reações” a fotografias prévias à afirmação de gênero e, particularmente no Brasil, conteúdos detalhando o caminho percorrido nos serviços de saúde para obter tratamentos como terapia hormonal e cirurgias, além de “guias” e experiências pessoais em processos de retificação de nome no registro civil e uso do nome social em espaços públicos como escolas e universidades.

O presente estudo iniciou antes mesmo da concepção do projeto de pesquisa, pois a curiosidade acerca da quantidade de vídeos com temáticas de gênero produzidos e protagonizados por pessoas trans aguçaram nossa curiosidade acerca da temática e principalmente do YouTube como espaço de compartilhamento de vivências singulares dessas pessoas. Como apontado por Burgess e Green (2009), realizar uma pesquisa no YouTube é um desafio metodológico, uma vez, que é um objeto de estudo instável, marcado por mudanças dinâmicas tanto nos vídeos como na organização do próprio *site* e seu conteúdo. O crescimento diário da plataforma é desafiador quando pensamos nos moldes tradicionais de coleta e análise de dados de pesquisas em Psicologia. Foi necessário compreender como o YouTube funciona

para posteriormente estabelecer qual seria o método mais adequado para o estudo, que neste caso foi o método netnográfico.

A *Netnografia*, como coloca Kozinets (2014), proporciona o olhar etnográfico para o campo virtual e estabelece etapas para garantir o rigor da pesquisa científica. Costello et. al (2017) discutem a relevância de realizar netnografias ativas, onde o pesquisador compreende que sua presença no campo por si só já influencia e o coloca como participante. Neste estudo, primeiramente foi criada uma conta no Google destinada à pesquisa pelo fato do YouTube, assim como demais plataformas do Grupo Google, gravar os interesses do usuário de acordo com os sites, palavras-chave, vídeos e imagens previamente visitados (Davidson et al. 2010). Nos apresentamos e incluímos brevemente os objetivos da pesquisa na seção de comentários dos canais de cada youtuber, cujo material foi analisado. Foram cerca de oito pessoas e vinte e nove vídeos no total, assistidos diversas vezes e descritos nas Notas de Campo, o qual elaboramos no momento da entrada no campo virtual, assim como impressões que tivemos durante a coleta dos materiais.

Tanto nas Notas de Campo quanto na discussão a seguir, foram mantidos os nomes dos youtubers, tanto ao citar o nome do canal quanto o nome que eles referem nos vídeos. Optamos por manter os nomes uma vez que o conteúdo é público e compartilha-se no YouTube apenas o que o criador desejar. Não foi necessária a aplicação do *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (TCLE) uma vez que não foram realizadas entrevistas individuais. O Conselho Nacional de Saúde do Brasil (resolução de nº 466/12, Art.1º) coloca que pesquisas que utilizem informações de acesso público, nos termos da Lei no 12.527, de dezoito de novembro de 2011 não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP, Comitês de Ética Em Pesquisa/Comissão Nacional de Ética Em Pesquisa do Brasil que têm a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos (Conselho Nacional de Saúde, 2007).

A inserção da primeira palavra no buscador que resultou na coleta dos primeiros materiais, delineou os vídeos seguintes e instigou a análise de temáticas levantadas pelos próprios youtubers, além das questões norteadoras previamente elaboradas. Ao longo da coleta, percebemos que como Raun (2014) coloca, os vídeos ou *vlogs* servem como um diário, onde a evolução dos tratamentos hormonais (principalmente nos vídeos analisados de homens trans) é documentada e comentada pelos youtubers e por quem os assiste. Além do papel de diário, Raun (2014) discute

que os *vlogs* trans funcionam como um espelho, uma vez que além de assumir outra identidade – a de criadorx de conteúdo, de youtuber e detentxrx do conhecimento que transmite, percebe sua(s) própria(s) experiência(s) através de sua fala e da visão de quem assiste e comenta os vídeos.

Durante o processo de *lurking* (a primeira etapa da netnografia), ou seja, de ambientação no campo virtual e do funcionamento do *site*, notamos um padrão nos canais que oferecem conteúdo pessoal, compartilhando aspectos da vida dxs youtubers e de suas rotinas. A presença de *TAGS* (assuntos pré-estabelecidos e marcados com o mesmo título, como “50 fatos sobre mim”, por exemplo, que são populares mundialmente nos canais individuais) é frequente, tanto em canais de pessoas cis, aquelas que se identificam com o gênero que lhes foi designado no nascimento (Jesus, 2012), quanto de pessoas trans. Nos vídeos analisados de pessoas trans brasileirxs, foi percebido o que Horak (2014) aponta como “convenções do gênero” (*genre conventions*), referindo-se aos seguimentos trans dos canais do YouTube. Tais convenções auxiliam quem está iniciando na plataforma, como youtuber, a alcançar novxs espectadorxs e a organizar os conteúdos postados (o que foi percebido nas *playlists* dos canais e nos títulos dos vídeos). Além de servirem como informações para pessoas trans que estão iniciando ou passando por processos de afirmação de gênero, procedimentos cirúrgicos e/ou terapias hormonais, os vídeos oferecem principalmente apoio emocional e identificação por meio das histórias partilhadas pelxs youtubers e dos comentários adicionados nos vídeos.

O que Horak (2014) e Raun (2012; 2015) argumentam, e que será discutido neste artigo, é que por mais que os formatos de vídeos que se popularizam ajudem a aumentar a visibilidade, a desconstrução e a discussão de assuntos trans, acabam por criar normativas de como são ou deveriam ser as experiências e os corpos trans. A binariedade homem/mulher é presente em alguns vídeos analisados, assim como a performatividade da cisnormatividade.

### **Identities *Online*: Afirmação de Gênero Como Espetáculo**

O YouTube cresce diariamente. Conta com espaços físicos (chamados *YouTube Space*) em oito países – no Brasil localiza-se no Rio de Janeiro/RJ – e oferecem toda a infraestrutura para criação de conteúdo (salas para gravação, câmeras, luzes, equipamentos de som, computadores para edição e

compartilhamento) além de cursos e eventos voltados para os youtubers e o gerenciamento de suas contas. Os espaços e os cursos são gratuitos e/ou de livre acesso, assim como os estúdios, dependendo do número de inscritxs do canal dx youtuber, ou de ter um canal ativo e não somente uma conta de usuárix. X youtuber *Ouro* (título atribuído pelo próprio *site* YouTube) é x que possui 1 milhão ou mais de pessoas inscritas, e tem acesso livre ao que é ofertado por todos os *YouTube Spaces*. (YouTube, 2016b). Percebe-se que hoje em dia não são somente canais autorais com pessoas até então desconhecidas. Modelos, atrizes e atores também estão criando canais no *website* e, no Brasil, produzindo conteúdo semelhante ao de youtubers que não estavam inseridxs em redes de televisão ou na mídia impressa. O compartilhamento de vídeos com conteúdos pessoais multiplicam-se diariamente e vídeos como “50 Fatos sobre mim”, “*Tour* pela minha casa/quarto”, “*Draw my life*” são populares, gravados e regravados com frequência ao longo da evolução dxs youtubers. Assim como demais espaços, os canais do YouTube são predominantemente de pessoas cis. Porém, ao longo da coleta dos vídeos, percebemos que materiais inéditos de pessoas trans que não haviam surgido nas primeiras buscas, eram agora divulgados e recomendados para a nossa conta. Além do número significativo de conteúdos produzidos por pessoas trans, o ano de 2017 encerrou com x primeirx youtuber trans brasileirx a conquistar a marca de 1 milhão de inscritxs em seu canal (@iMandyCandy, 28 de dezembro, 2017).

O canal de Mandy Candy foi um dos primeiros a ser analisado. Ao digitar no buscador do *site* o termo *trans*, seu vídeo está no topo dos resultados e é um dos conteúdos brasileiros mais visualizados, com o vídeo “Como era minha voz de ‘homem’ (como mudei minha voz)” como o conteúdo mais popular (em número de visualizações) de seu canal. Tanto no canal de Mandy quanto no de outrxs youtubers analisados, os vídeos mais populares eram os que continham informações detalhadas a respeito de processos de afirmação de gênero que essas pessoas experienciavam. Além das visualizações, notamos que vídeos com fotos pré “transição” (como todxs youtubers analisadxs referem ao falar de afirmação de gênero, portanto adotaremos o termo ‘transição’ ao longo do trabalho), narrativas acerca de tratamentos hormonais, cirurgias e “assumir-se” ou “descobrir-se” trans, eram os vídeos que geravam grande interação na seção de comentários, além da alta visualização quando comparados com demais os vídeos dos canais. A apresentação dos vídeos (ver figuras 1 e 2), com letras grandes, coloridas, por vezes colocadas como perguntas, convida quem os

assiste a desvendar seu conteúdo e, de certa forma, fazer parte desse universo, uma vez que adquire tais informações. Tais chamadas atrativas são comuns no YouTube, e, especificamente nos vídeos trans produzidos por brasileirxs, moldam o formato de entretenimento que é oferecido.



**Eu tenho um PINTO!**

**E o meu lado feminino?**

Figura 1 – Retirada do canal de Adam Franco no *site* YouTube



**MULHERES TRANS SENTEM PRAZER NA PPK DEPOIS DA**

**COMO ERA TER PÊNIS**

Figura 2 – Retirada do canal de Thiessita no *site* YouTube

Como Debord ([1967] 1997:14) coloca, “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens”. O que instiga e populariza o segmento de vídeos trans no YouTube, advém principalmente da interação entre espectadorxs e youtuber que, por sua vez, também já foi ou é consumidorx de conteúdo no *website*. Além de perceber a interação youtuber-espectadorx nos comentários, nota-se o movimento de criação de vídeos com temáticas sugeridas ou requisitadas em vídeos anteriores. A relação impulsiona o espetáculo, refina a produção dos vídeos e, no caso de Mandy Candy, torna-se sua principal fonte de renda. Mandy impulsiona sua imagem com o crescimento do canal e também através do lançamento de um livro autobiográfico, além de participar de programas de televisão nacionais. Adam Franco também utiliza o espaço do YouTube para comercializar seus produtos e divulgar sua atuação em uma minissérie do canal de televisão à cabo HBO.

Os vídeos autorais publicados no YouTube que foram analisados, corroboram com os apontamentos de Debord ([1967] 1997) a respeito do espetáculo como produção e resultado do conteúdo final, e da realidade imbricada com o espetáculo. Com uma plataforma onde é permitida a criação e o compartilhamento de conteúdo por qualquer pessoa, sem estar necessariamente atrelada à indústria cinematográfica ou à redes de televisão, a imagem da pessoa trans, historicamente retratada de forma cômica ou digna de pena (Raun, 2012), apresenta agora outras possibilidades, como a de expert da sua afirmação de gênero, de guia para quem busca informações sobre tratamentos, custos, acesso ao sistema de saúde, etc. No vídeo “*Sou trans mesmo? – Passabilidade*” de Thiessa<sup>5</sup> a atribuição de especialista, de expert é dada pelxs espectadorxs na seção dos comentários. Thiessa utiliza de seus conhecimentos em Biologia (é graduadx em Biologia) para explicar especificidades de sua terapia hormonal e de seu histórico médico. Nos comentários há pessoas agradecendo pelas explicações como “*que vídeo incrível!!!! Adorei a didática :P Espero que dessa vez não reste mais dúvidas pra essa gente*” (sic) e “*caramba fiquei tao feliz de ter entendido a parte dos hormônios*” (sic), reforçando Thiessa como detentorx de conhecimento.

Com a explosão de conteúdos não somente no YouTube, mas na mídia no geral, a representatividade das identidades trans aumenta diariamente. Serano ([2007], 2016) problematiza que a representação das mulheres transexuais (termo utilizado por Serano) na mídia era, até então, situada entre dois principais estereótipos: “a transexual patética” (*the pathetic transsexual*) ou “a transexual enganosa” (*the deceptive transsexual*). Atualmente, surgem diferentes possibilidades de representatividade com a divulgação de conteúdos autorais. Tais possibilidades retroalimentam-se, uma vez que mais pessoas têm acesso à essas mídias e por vezes se inspiram a criar seus próprios canais no YouTube, gerando mais conteúdo. Por mais que exista uma padronização dos vídeos trans brasileiros, é garantido pelxs youtubers que a experiência é delxs, é subjetiva, e que existem diferentes maneiras de expressar e afirmar seu gênero, o que é percebido em suas falas, como Ariel em seu vídeo<sup>6</sup> “*Como consegui minha testosterona*” diz logo ao iniciar, “*eu vou falar da*

---

<sup>5</sup> Vídeo de Thiessa “*Sou Trans mesmo? – Passabilidade*”, publicado em 6 de janeiro de 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=qUaxQhSZ9Uc>

<sup>6</sup> Vídeo de Ariel Modara “*Como consegui minha testosterona*”, publicado em 22 de abril de 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=xXiOT7mKkqI&t=35s>

*minha experiência (...) isso muda muito conforme a cidade onde você mora e também os profissionais, os médicos... então não vai ser igual, é bem diferente”* (sic).

Como discutido no início deste estudo, a disseminação de vídeos trans no YouTube também acaba por criar um molde, um formato não somente da produção e edição do material, mas também do que é um corpo trans (Horak, 2014; Raun, 2015). Desenvolvem-se normativas, através dos vídeos, do que é ser trans, o que caracteriza as transições, como xs youtubers e espectadorxs as relatam. Nesse espaço virtual cria-se o espetáculo, com sua própria linguagem, marcando o momento histórico onde nos localizamos (Debord, [1967] 1997). No caso dos vídeos analisados, o corpo vira o espetáculo, principalmente o corpo pré procedimentos de afirmação de seu gênero. Durante o processo de *lurking*, nos deparamos com diversos vídeos de pessoas trans distintas (e também das citadas neste trabalho) anunciando a produção de vídeos com fotos “pré transição” ou “de quando eu era um menino” ou “de quando era menina” caso atingissem a marca de mil, dez mil, ou cem mil inscritxs em seus canais, o que, na maioria das vezes, era cumprido com uma resposta significativa dxs espectadorxs nos números de visualizações, como no vídeo “Antes e depois da transição de gênero! Você pode tudo”, de Mandy Candy, onde elx anuncia que mostrará fotos “antes da transição” pois havia prometido caso chegasse à dez mil inscritxs.

No espaço do YouTube, a afirmação de gênero dxs youtubers é o que instiga, o que proporciona o espetáculo. Da mesma maneira que demais segmentos de entretenimento do YouTube têm formatos específicos que garantem sucesso e visibilidade, os vídeos brasileiros de pessoas trans também criam suas marcas, seus formatos de sucesso através do que historicamente por vezes xs torna abjetxs: suas identidades, seus corpos. A espetacularização dos corpos pode ser vista também em canais de pessoas cis, que têm grande alcance não somente no YouTube, mas em outras mídias sociais como Instagram, Facebook e Twitter. Os materiais compartilhados por pessoas cis brasileiras apresentam tecnologias de afirmação de gênero através de “guias” para obtenção de corpos malhados, magros, indicações de procedimentos estéticos e cirúrgicos que realizaram, ou criando conteúdos como “passo a passo” para obter o *look* certo para “o seu tipo de corpo” (Jesus, D.S.V., 2017; Santos e Sanchotene, 2017; Sarturi e Cerqueira, 2016). A criação de conteúdo *online* que abrange a afirmação do gênero nos corpos, aparentemente é um fenômeno que também abarca pessoas cis, embora não tenham sido objeto deste estudo.

Portanto, podemos compreender que a construção dos corpos é um espetáculo expressivo no Brasil, abrangendo pessoas cis e trans.

### **(Re)Construindo Corpos Supostamente “Verdadeiros”**

É importante para a análise dos vídeos coletados as discussões acerca da construção e desconstrução dos corpos, estes, que se fazem presentes explícita ou implicitamente nos materiais analisados e em nossas impressões durante a inserção e aproximação do campo virtual. Lauretis ([1987] 1994) argumenta que o corpo – que é “engendrado”, ou seja, é marcado, imbricado pelo gênero - é o resultado das inscrições sociais, políticas, de raça e de classe, e, portanto, é múltiplo e contraditório. Os corpos são sexuados uma vez que também carregam as inscrições sociais regentes, sendo assim, não se pode falar de corpo sem incorporar sexo/gênero e suas normativas.

Haraway ([1987] 1994) aponta que tais relações sociais, que constroem nossa realidade social, nossos corpos e nossa construção política, têm a capacidade de criar, ou melhor, elaborar a ficção corporal. “O *ciborgue* é um tipo de ficção e experiência vivida que muda aquilo que foi estabelecido como “experiência feminina” nas últimas décadas do século XX” (Haraway, [1987] 1994: 244). A noção de corpos ciborgues de Haraway, coloca que nossos corpos são permeados pelas tecnologias, por normas e características de gênero que, portanto, não são naturais, mas sim “um mapeamento ficcional da nossa realidade social e corporal” (Haraway, [1987] 1994: 244). Os corpos, que são construídos pela cultura, pela suposta natureza humana que é efeito da negociação das fronteiras entre humano e animal, corpo e máquina (Haraway, [1987] 1994).

Autorxs como Haraway ([1987] 1994), Preciado ([2004] 2014) e Butler ([1990] 2016; 2004), argumentam que a heteronormatividade é reproduzida nos corpos e nas performances de gênero. Preciado ([2004] 2014) aponta para o sistema heterossexual como produtor da feminilidade e da masculinidade. Sistema este, que segundo Butler (2004) opera como norma – heteronormatividade. A norma não é uma regra ou uma lei, porém opera através das práticas sociais como um padrão implícito do que se deve ser seguido, é a *normalidade* (Butler 2004:41). Não há como compreendermos corpos sem considerarmos as normativas que validam suas existências na sociedade. Pensar em corpos, e especificamente em corpos trans, é



reconhecer não somente a normativa heterossexual que prevê a binariedade macho-fêmea e as relações sexuais e afetivas entre homem e mulher.

Os apontamentos de Machado (2008) a respeito dos corpos intersex, trazem o debate das intervenções biomédicas e da utilização de *tecnologias do corpo* – uso de hormônios e cirurgias, por exemplo – para a construção de corpos que atendam ao que é compreendido como “natural”. Machado (2008) argumenta que a dita “verdade natural” sobre os corpos é desconstruída uma vez que se entende que os fatos científicos e os saberes biomédicos, são construções sociais que, “ao invés de constituírem um espelho da natureza, produzem o que será entendido e incorporado como natural” (Machado, 2008: 58). Pensando em tais colocações acerca dos corpos intersex e, abarcando os corpos trans, podemos compreender que estes são alegorias culturais, expressões do gênero, que por sua vez, é resultado de marcadores sociais e culturais regulados, marcando o dito “natural” e “normal” das expressões de gênero e, por consequência, dos corpos engendrados.

As compreensões acerca de gênero e corpo citadas anteriormente dialogam com o conteúdo analisado em vários vídeos coletados. Ao compartilhar sua experiência com a cirurgia de redesignação sexual (CRS), Amanda, ou Mandy Candy, descreve a importância de “profissional perfeito” para que a vagina fique “*idêntica a qualquer outra*”<sup>7</sup>. Refere, diversas vezes ao longo do vídeo “*TUDO Sobre Minha Cirurgia de Redesignação Sexual (Mudança de Sexo)*” que procurou o melhor médico “*de gabarito*” (sic) para ter a vagina perfeita, com “*o médico que operou a Ariadna, a Lea T...*”, citando pessoas conhecidas na mídia e ressaltando a importância e expertise do médico.

A “*vagina perfeita*” foi validada por seus familiares e amigos, que, segundo Mandy, demonstraram curiosidade, portanto, mostrou o resultado para as pessoas com as quais tem intimidade. Serano (2007) aponta para a objetificação dos corpos trans pela mídia, mais especificamente por documentários e programas feitos para televisão, como é o caso dos *reality shows*. Coloca que a sensacionalização das cirurgias de afirmação de gênero, detalhando os procedimentos e as “*vaginas feitas pelo homem*” (*man-made vaginas*), objetificam os corpos trans, e que não lhes é assegurada a mesma descrição que geralmente é dada aos genitais de pessoas

---

<sup>7</sup> Fala retirada do vídeo de Mandy Candy “*TUDO Sobre Minha Cirurgia de Redesignação Sexual (Mudança de Sexo)*”, publicado em 21 de novembro de 2015 no site YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XGHbs-XpDTg>

cisgêneras (Serano, 2007:16). É interessante perceber que as recomendações médicas e procedimentos cirúrgicos com a finalidade de alterar traços físicos também estão presentes em vídeos de pessoas cis, porém tais tecnologias de afirmação de gênero não são percebidas como tal pelxs espectadorxs e pelxs youtubers cis, não sendo então, umas das temáticas principais de seus canais.

Retomando as colocações a respeito da construção dos corpos, é importante destacar que como Butler ([1990], 2016, 2004) coloca, a *generificação* dos corpos, ou *engendramento* dos corpos como conceitua Lauretis ([1987] 1994), não ocorre “naturalmente”, como uma verdade absoluta de sexo/gênero, mas sim se constituem os corpos engendrados através da cultura que é atribuída, inscrita nestes corpos (Kessler 1990, 1998; Kessler e Mckeena, 1978 citada por Costa, A. B. *et.al.*, 2017). Portanto, ao atribuir que um corpo com pênis é masculino, é empregada a concepção cultural de que corpos com pênis se identificam como homens, porém como Rosa Luz coloca em seu vídeo<sup>8</sup>, ser uma mulher de *peito e pau* não x faz menos mulher, ou seja, o gênero não é pré-estabelecido mas sim atribuído nos corpos. O que se apresenta nos demais vídeos analisados - refletindo percepções sociais predominantes - é que tanto xs youtubers quanto xs espectadorxs, através dos conteúdos de tecnologias como cirurgias e terapias hormonais, buscam pelo “corpo verdadeiro”, “legítimo”, que corresponda ao sexo/gênero autêntico, original.

A perfeição da *pepeca*, como Mandy nomeia a vagina, infere que todas as vaginas são iguais, como se houvesse um padrão ideal a ser alcançado, uma *passabilidade* dos genitais. A noção de vagina “natural” é a qual, neste caso se almeja alcançar, porém, como colocado por Preciado ([2004] 2014), a natureza é um produto da cultura que é, como Haraway [1987] 1994) discute, permeada de tecnologias, da interação homem máquina. Pode-se entender que toda vagina seja *ciborgue* na medida em que a suposta vagina *natural* é construída a partir das normas sociais que determinam o “natural”, normas estas, heteronormativas e cisnormativas (que impõem padrões binários de corpos cisgêneros à todxs), que determinam como os genitais devem se apresentar e à quais corpos pertencem.

A espetacularização dos procedimentos cirúrgicos narrados nos vídeos analisados é reforçada através dos comentários, que sugerem e demandam mais conteúdo relacionado, como por exemplo “*mas conta pra gente, em relação ao*

---

<sup>8</sup> Canal no YouTube “Barraco da Rosa TV”, de Rosa Luz. Disponível em [https://www.youtube.com/channel/UCCX7dUMgO8\\_ORxWQ4PU4ISA/featured](https://www.youtube.com/channel/UCCX7dUMgO8_ORxWQ4PU4ISA/featured)

*prazer, uma mulher transexual sente o mesmo prazer (sensação) que sentia antes da cirurgia? e no orgasmo, sai algo? como um líquido ou até mesmo esperma?”* (sic). Percebeu-se também na seção dos comentários, que as pessoas interagem e expressam suas opiniões acerca da aparência e da autenticidade do corpo e gênero de Mandy: *“Isso não é uma pequinha, isso não é um canal vaginal. É simplesmente uma piroca mutilada pra dentro. Você continua sendo um homem”* (sic); *“se vc não tivesse mostrado esse vídeo na tela eu não diria que você é trans. Vc é muito feminina”* (sic). Há, inclusive, discussões entre xs espectadorxs em comentários como os citados acima.

Como exemplificado como nos dados advindos dos vídeos, esse *auto-engendramento* dos corpos trans, colocado por Lauretis ([1987] 1994) como o gênero que é inscrito nos corpos, considerando os marcadores sociais que o produzem, é permeado pelo uso de tecnologias para atingir expectativas do que é tido como característico de determinado gênero ou quando não correspondem ao que culturalmente é compreendido como sendo do homem ou da mulher. Tais expectativas são expressas alguns comentários dos vídeos analisados, como: *“Para de tomar hormônio feminino pra ver. Volta à masculinidade, e não passará de mutilação. Porque não se engana a natureza. A natureza é perfeita e se deixar volta ao início da criação”*. Este exemplo sugere que a natureza é o que legitimaria os corpos, como se essa suposta natureza humana, neste caso, o gênero, não fosse um efeito da tecnologia social que é reproduzida nos corpos (Preciado, 2014). Tais colocações reforçam a cisnorma e determinam como os corpos trans *deveriam ser* (Raun, 2015).

Como Preciado ([2004] 2014) argumenta, e que nos remete à colocação de Butler ([1993] 2011) na qual os corpos são constituídos ao serem descritos, como ao serem anunciados por profissionais da saúde “é um menino!”, ou “é uma menina!”, ao realizar tais anúncios, é possível a obtenção do corpo inteligível, *aceitável* a partir da fragmentação dos órgãos, de técnicas visuais, discursivas e cirúrgicas – como exemplificadas acima – que “se escondem atrás do nome “atribuição de sexo” (Preciado [2004] 2014:128). Não há corpos sem tecnologias e, segundo Preciado ([2004] 2014),

Invertido. Travesti. Intersexual. Transexual... Todos esses nomes falam dos limites e da arrogância do discurso heterocentrado sobre o qual as instituições médicas, jurídicas e educativas se assentaram durante os dois últimos séculos (...) as

operações de mudança de sexo parecem resolver os “problemas” (...). Mas, de fato, transformam-se nos cenários visíveis do trabalho da tecnologia heterossexual; evidenciam a construção tecnológica e teatral da verdade natural dos sexos” (128).

Butler (2004) apresenta certos embates entre ativistas trans e teóricxs *queer* em relação à cirurgia de redesignação sexual e o quão necessárias e desejáveis são as categorias de gêneros. X autorx coloca que a teoria *queer* não busca uma categorização ou ignora o desejo daquelxs que optam pela cirurgia ou demais tratamentos que xs enquadre em um dos gêneros binários, mas atenta que deve ser uma escolha de adultxs em relação a tais procedimentos *em* adultxs e não em crianças intersexo. Butler (2006) ressalta que essas crianças também não devem carregar o fardo do ativismo tão precocemente sem que possam ser capazes de tal assentimento.

Butler (2004) também discute a utilização do diagnóstico psiquiátrico para assegurar intervenções médicas e psicoterápicas em pessoas trans que assim desejam. X autorx coloca que por mais que seja uma “escolha” da pessoa passar por tais procedimentos, ressalta-se que a necessidade do diagnóstico faz com que essa escolha tenha que ter um aval médicx, do assentimento de profissionais. Butler (2004) ressalta que o rótulo de Disforia de Gênero como condição médica tem mais de um significado, pois pode permitir que a pessoa trans finalmente realize os procedimentos que considera necessários para sua vida e bem-estar, mas também serve como combustível para a expressiva fatia da população que dissemina discursos transfóbicos, utilizando a patologização como justificativa para abjeção.

É expresso pelxs youtubers que procedimentos como a Cirurgia de Redesignação Sexual não são pré-requisitos para uma identidade de gênero válida, porém, estxs falam de suas experiências pessoais, do desconforto com seus próprios corpos e a necessidade da intervenção cirúrgica. Thiessa, ao partilhar sua experiência com a cirurgia em um de seus vídeos mais populares de seu canal “*Minha cirurgia de redesignação sexual – Mudança de sexo*<sup>9</sup>”, discorre a respeito de seus sentimentos, de como percebia seu corpo e a urgência de sua cirurgia. Assim como xs demais youtubers, começa seu vídeo com explicações, de forma didática e, assim como Mandy, justificando o motivo de ter incluído o termo *mudança de sexo* no título de

---

<sup>9</sup> Vídeo de Thiessa visualizado em seu canal no YouTube e postado em 22 de abril de 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CfalIzqbqV8>

seu vídeo. Além de ressaltar que sua fala advém da sua experiência, Thiessa (2017) enfatiza que *“nem toda trans tem a necessidade ou quer fazer a cirurgia por ene motivos, e essa menina, essa mulher, não deixa de ser mulher por conta disso, porque não é um órgão sexual que vai fazer você ser homem ou mulher né? Já falei sobre isso nesse canal”* (sic), o que, por um lado, valida as identidades trans independente de procedimentos cirúrgicos, porém, como assinalam Raun (2015) e Horak (2014), a produção sistemática de vídeos trans a respeito de cirurgias e terapias hormonais, acabam por oferecer uma imagem de como os corpos trans devem ser, presumindo, por exemplo que a pessoa passará por procedimentos cirúrgico por ser trans, como exemplificado no seguinte comentário: *“Ela colocou piriquita?”*. Raun (2015) coloca que a estética dos corpos trans no YouTube é validada também por meio dos comentários, onde pessoas deixam mensagens dizendo o quão “lindx”, “gostox”, “perfeitx”, o que foi percebido nos vídeos de Mandy, Thiessa, Ariel e Adam durante a coleta.

Os vídeos analisados dos canais de Adam e Ariel apresentam conteúdo significativo relacionado à terapia hormonal. Também presente em grande parte dos estudos de Raun (2010, 2012, 2014, 2015), os materiais cujo objetivo é compartilhar as mudanças corporais com a administração da testosterona, são populares nos canais e servem como um diário que armazena visualmente suas mudanças. Em um dos vídeos de Ariel (2016)<sup>10</sup>, elx reflete *“gente, vocês já perceberam que vocês tão assistindo alguém que não vai mais existir fisicamente como eu existo hoje?”* (sic), e, logo em seguida começa a falar sobre suas expectativas em relação à mudanças corporais e psicológicas com o tratamento hormonal que está prestes a iniciar.

Raun (2014) coloca que os vlogs de mulheres trans – no caso de seu estudo, europeias e norte americanas – tendem a abordar questões referentes à intervenções cirúrgicas, com detalhes minuciosos, enquanto os homens trans de seu estudo destacam a testosterona como tecnologia primária de transformação. Nossa análise corrobora com os achados de Raun (2010, 2012, 2014, 2015), uma vez que os canais de pessoas que se apresentam como homens trans (Ariel e Adam) destacam a evolução de seus respectivos tratamentos hormonais, desde a aquisição do medicamento até as mudanças físicas que demonstram frente às câmeras, assim como

---

<sup>10</sup> Vídeo de Ariel Modara, postado no YouTube em 22 de fevereiro de 2016. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=4XS5DWi\\_LZ0](https://www.youtube.com/watch?v=4XS5DWi_LZ0)

demais vídeos com títulos parecidos – porém produzidos por outras pessoas – que foram sugeridos nas seções *vídeos recomendados* e *reprodução automática*.

Assim como os canais de Mandy e Thiessa, os canais de Adam e Ariel seguiam um padrão o que diz respeito às intervenções corporais. Quanto mais vídeos produzidos, mais perguntas e pedidos por materiais de temáticas relacionadas surgiam. Percebeu-se que haviam diversos comentários, principalmente nos vídeos de Adam e Ariel sobre seus percursos envolvendo terapias hormonais e como poderiam ter experiências similares. Ariel foi a única youtuber a utilizar o Sistema Único de Saúde – SUS (sistema público de saúde do Brasil) para realizar todas suas consultas e iniciar seu tratamento hormonal. No vídeo “*Como consegui minha testosterona*”<sup>11</sup>, assim como Mandy e Thiessa, Ariel inicia o vídeo ressaltando que o relato será de sua experiência e que pode variar de região para região o acesso e os serviços oferecidos pelo SUS. Outra fala reforçada por Ariel, é a validação das identidades trans independente de terapias hormonais. No caso dela, teve conhecimento do ambulatório que atende pessoas trans em sua cidade através de outro homem trans que reside no mesmo local de Ariel. Fala da experiência positiva que teve, do fato de ter sido chamada pelo sobrenome na sala de espera e da humanização do atendimento desde a recepção às consultas médicas.

Além de vários comentários positivos, muitas pessoas perguntaram a respeito do ambulatório ao qual Ariel foi e quais documentos eram necessários, e se Ariel fará mais procedimentos: “*eu achava que era muito mais difícil conseguir o hormônio! Vou descobrir como é por aqui*” (sic); “*Qual sua cidade mesmo?? Muito me interessei de ir nesse ambulatório e realizar meus primeiros passos*” (sic); “*está pensando fazer cirurgia de cima?*”(sic). Diferente de Mandy e Thiessa, Adam e Ariel possuem menos inscritos em seus canais e, provavelmente por conta do número menor de comentários, respondem à quase todos, interagindo com as pessoas, respondendo à dúvidas e inclusive aconselhando nos casos de depoimentos.

Além de tecnologias como cirurgias e tratamentos hormonais, é presente nos canais de Adam e Ariel, assim como de outras pessoas que aparecem nos *vídeos recomendados* e na seção *reprodução automática*, conteúdos sobre seus *packers*, que são “*ítems utilizados sob as calças ou roupas íntimas para criar volume e sensação de ter um pênis*” (Raun, 2010). Adam mostra no vídeo o seu *packer* e explica todas as

---

<sup>11</sup> Vídeo de Ariel Modara, postado no YouTube em 22 de abril de 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=xXiOT7mKkqI&t=35s>

funções que tem, como foi sua adaptação e em quais ocasiões utiliza. Assim como os demais vídeos que apresentam detalhes dos corpos trans, os materiais produzidos a respeito dos *packers* têm números altos de visualização e são comuns entre os vídeos trans. A espetacularização dos corpos trans se dá principalmente através dos detalhes das tecnologias que os produzem. No caso dos *packers*, mais especificamente do conteúdo apresentado no vídeo de Adam<sup>12</sup>, o objeto não é apresentado apenas como detentor do prazer sexual, mas sim como do prazer emocional, ao tornar positivas e agradáveis situações sociais vividas por Adam. Diferentemente dos relatos de terapias hormonais e cirurgias, os vídeos de *packers* se apresentam em formato de resenhas sobre o produto, de uma forma descritiva, assertiva. Adam interage com as pessoas que comentam, principalmente quando deixam perguntas. Como contraponto dos comentários presentes nos vídeos de Mandy e Thiessa, há questionamentos de pessoas que propõem a utilização dos *packers* por pessoas cis, não somente trans.

A flexibilidade e a possibilidade de significação dos *packers* remete às considerações feitas por Preciado ([2004] 2014) em relação aos dildos. Preciado, em sua obra *Manifesto Contrassexual*, publicada em 2004, desconstrói a sexualidade e os contratos sociais que a fundamenta e propõe o uso do corpo todo como dildo, – objeto com formato que se assemelha ao pênis e tem como função a obtenção de prazer sexual a partir do contato, penetração - o dildo braço, cabeça, perna e também os dildos de plástico, silicone ou demais objetos com formatos semelhantes. Pode-se perceber certas manifestações de propostas contrassexuais nos comentários do vídeo de Adam uma vez que é sugerido no comentário e em resposta, aprovado pelo youtuber, o uso do *packer* por mulheres cis que não utilizarão o objeto para as mesmas finalidades dos homens trans (exceto a de penetração e prazer sexual): *“Mulheres cis que curtem inversão por exemplo, seria interessante usar um pecker ao invés do strapdildo? ja que o prazer aparenta ser mais do que o dildo comum no strap”* (sic) e Adam responde: *“Pode usar ele com cinta tbm! Um dos problemas é que o packer acaba sendo mais caro que um strap on de sex shop (...), mas o bom é que o packer vc tbm sente prazer! Acho que pode ser uma maneira diferente e interessante sim!”* (sic).

É importante destacar o papel dos serviços de saúde brasileiros na (des)construção dos corpos trans. Na análise dos vídeos, foi comum encontrarmos

---

<sup>12</sup> Vídeo de Adam Franco, postado no YouTube em 29 de junho de 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=xU8Ewsk9EsQ>

conteúdos de “passo a passo” para iniciar a “transição de gênero”, como colocada pelxs youtubers. Adam, Mandy e Thiessa comentam que utilizaram serviços privados de saúde, tanto consultas com endocrinologistas, psicólogxs e psiquiatrxs. Adam deu detalhes de sua trajetória e relatou que a espera seria muito grande pelo Sistema Único de Saúde – SUS (como citado anteriormente, é o sistema de saúde público do Brasil), portanto, arcou com as despesas médicas, hospitalares e psicoterapia. Thiessa também realiza seu acompanhamento da terapia hormonal no serviço de saúde privado e pagou por sua cirurgia de redesignação sexual. Mandy comenta a existência dos serviços públicos de saúde e da possibilidade da cirurgia pelo SUS, porém, disse ter medo pois soube de resultados negativos, portanto, optou pela cirurgia com quem elx considera x melhor médicx e fez o procedimento na Tailândia. É importante ressaltar que, atualmente, Mandy reside na Ásia, na Coréia do Sul. Porém, ao falar de tratamentos e procedimentos, citou o Brasil e seu percurso relacionado à afirmação de gênero ainda no país. Ariel, por sua vez, é x únicx youtuber que relata utilizar o SUS para suas consultas e acompanhamentos e de forma positiva. Daniela, em entrevista ao Canal das Bee, faz críticas ao acesso à saúde das pessoas trans brasileiras pelo serviço de saúde público. Relata que a fila para procedimentos cirúrgicos como a Cirurgia de Redesignação Sexual é grande e sem previsões dos procedimentos. Problematisa também, a falta de profissionais (baseada nas suas experiências na cidade de São Paulo-SP) nas áreas de acompanhamento exigidas pelo *Processo Transsexualizador* do SUS.

Daniela discute ao longo do vídeo o controle que a medicina e o Estado exercem sob os corpos trans, exigindo laudos comprobatórios de disfunções e doenças, para garantir o acesso à saúde no que diz respeito à procedimentos de afirmação de gênero no serviço público e particular. Jesus (2016) discute a percepção do SUS em relação à diagnósticos psiquiátricos e suas diretrizes que colocam a universalidade, integralidade e a equidade no tratamento e acolhimento de todos os usuários do sistema. Por um lado, o SUS abriu espaço e lutou para reforçar o direito ao nome social, porém em contrapartida adota manuais como o DSM para diagnosticar pessoas, o que perpetua e dissemina o diagnóstico de Disforia de Gênero, que, segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais elaborado pela American Psychiatric Association (2014:216), é um transtorno mental que tem como critérios a “incongruência acentuada entre o gênero experimentado/expresso e o gênero designado de uma pessoa, com duração de pelo menos seis meses” e o



prejuízo no funcionamento social ou profissional. Todos youtubers analisados utilizaram em algum momento em seus vídeos termos como *disforia* e *disfórico* para referir o grau de desconforto em relação a características dos seus corpos ou para pontuar que algumas pessoas trans podem apresentar tais características da Disforia de Gênero.

Segundo o Portal da Saúde do Governo Brasileiro<sup>13</sup>, foi instituída em 2008, e ampliada em 2013, a Portaria nº 2.803 que garante que o *Processo Transsexualizador* seja realizado pelo SUS. Tal processo garante “atendimento integral de saúde a pessoas trans, incluindo acolhimento e acesso com respeito aos serviços do SUS, desde o uso do nome social”. O *Processo Transsexualizador* apresenta duas modalidades: ambulatorial e hospitalar. O serviço ambulatorial consiste em acompanhamento clínico, acompanhamento pré e pós-operatório e hormonioterapia, enquanto o hospitalar realiza cirurgias e acompanhamento pré e pós-operatório, e são oferecidos em cinco hospitais e seis ambulatórios diferentes no Brasil (Brasil, 2016).

Igualmente característico dos vídeos trans produzidos no Brasil e/ou protagonizado por pessoas brasileiras, é a discussão do assecuramento de direitos à população trans por parte dos youtubers. Diversos vídeos são sugeridos com temáticas de nome social, processos de retificação de registro civil e demais tópicos num formato de *expertise*, como colocado por Horak (2014) e Raun (2015), onde o youtuber dita os passos para realizar tal procedimento. Um destes casos, é o vídeo<sup>14</sup> “*Como pedir o nome social na escola, universidade e na justiça*”, de Ariel com a participação de seu pai, que é formado em Administração e Direito e explica os passos para solicitar o nome social, que é aquele pelo qual as pessoas trans se identificam, (Jesus, 2016) e/ou entrar com o processo de retificação de registro civil no Brasil. É interessante que, além de dividir experiências pessoais, Ariel disponibiliza para *download* na área destinada às informações de seu vídeo, três arquivos de modelos de documentos para os processos de nome social e retificação civil que ele e seu pai elaboraram e utilizaram. Tanto Ariel quanto seu pai colocam a importância de disponibilizar tais modelos de documentos e, assim, auxiliar demais pessoas trans. Notamos que além de comentários acerca dos documentos, a maioria

---

<sup>13</sup>Disponível em <http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/898-sas-raiz/daet-raiz/media-e-alta-complexidade/13-media-e-alta-complexidade/12669-cgmac-teste-botao-8>

<sup>14</sup>Vídeo de Ariel Modara postando no YouTube em 27 de maio de 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=l0GPxRcD8Zs>

das pessoas destaca positivamente a participação do pai de Ariel, assim como no vídeo<sup>15</sup> de Ariel e sua mãe, que foi publicado.

Como Raun (2010) discute, para youtubers trans o uso das redes sociais é de extrema importância e cria um espaço de comunidade *online*, de pertença. O YouTube torna-se o local de troca de experiências de transfobia, de problemas com a família, e, no caso dos vídeos brasileiros, de questionamentos acerca das tecnologias que afirmam seus gêneros. Raun (2010) acrescenta que xs youtubers sentem forte conexão e obrigação com relação à suas comunidades, compartilhando seus conhecimentos enquanto pessoas trans. Mandy, Thiessa, Ariel, Adam e o Canal das Bee (vídeo protagonizado por Jessica, Daniela e Victor) verbalizam a importância e o comprometimento que têm com xs inscritxs de seus canais, em todos os canais analisados há vídeos com o objetivo de aconselhar, ajudar aquelxs que enviam perguntas e experiências de vida para xs youtubers.

### **“Reagindo à fotos antigas antes da transição” Representatividade e Performatividade dos Corpos Trans no YouTube**

Como mencionado anteriormente, a visibilidade trans cresceu consideravelmente nos últimos anos. O que até recentemente parecia improvável e distante na televisão brasileira, surgiu no ano de 2017 com o destaque da personagem trans *Ivana*, interpretada por Carol Duarte, na novela da Rede Globo “*A Força do Querer*” escrita por Glória Perez. Internacionalmente, a representatividade trans na mídia é maior porém também tornou-se mais significativa na última década. Séries para televisão como *Transparent*, criada por Jill Solomon (Amazon, 2014), *Sense8*, (Netflix, 2015) criada e dirigida por Lilly e Lana Wachowski – mulheres assumidamente trans -, *Orange is the new black* (Netflix, 2013) criada por Jenji Kohlen, filmes como *Tomboy* (Céline Sciamma, 2011), *The Danish Girl* (Tom Hooper, 2015), *Tangerine* (Sean Baker, 2015), *About Ray* (Gaby Dellal, 2015), e programas como reality shows *I am Cait* (Caitlyn Jenner, 2016), *I am Jazz* (Jazz Jennings, 2015).

Por mais que a representatividade nas telas tenha aumentado, os conteúdos geralmente são produzidos e protagonizados por pessoas cisgêneras. Serano (2007)

---

<sup>15</sup> Vídeo de Ariel Modara postado em 28 de março de 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Z3otSTC40Lg>

aponta que a maior parte da representação midiática de pessoas trans as apresentam como “curiosidades”, de forma distante e objetificada, presumindo que xs espectadorxs são pessoas cis que estão assistindo à “elxs”, xs trans. Como Horak (2014) argumenta, hoje podemos consumir materiais produzidos e distribuídos por pessoas trans, e o YouTube é um dos grandes responsáveis por isso.

O que tanto Horak (2014) como Raun (2010, 2012, 2014, 2015) colocam, é que por um lado os vídeos trans aumentam a visibilidade das pessoas trans e as colocam como protagonistas de suas vidas, de suas experiências, porém, com o crescimento do YouTube, a criação de moldes e formatos de sucesso (que por consequência, atingem à um maior número de visualizações) criam uma *normativa trans do YouTube*, com segmentos próprios. Podemos destacar que os vídeos de pessoas trans brasileiras têm como características o uso do humor e, por vezes – como no caso de Mandy e Thiessa – de bordões ao iniciar seus vídeos, o que também é predominante nos canais de pessoas cis brasileiras. Mesmo com especificidades bem delimitadas nos vídeos trans brasileiros (segmentos de vídeos de “antes e depois”, “reagindo à fotos antes da transição”, “diário FTM”, “minha cirurgia”, “minha terapia hormonal”, “como me assumi trans”, entre outros), muitas características são visíveis na maioria dos conteúdos brasileiros do YouTube, independentemente da identidade de gênero ou das características dos canais. A *performatividade* das identidades trans no espaço do YouTube carrega marcadores que se reproduzem fora do espaço *online*, por quem assiste aos vídeos.

Como importante ponto de discussão deste trabalho, está a performatividade dos corpos trans no YouTube. Butler ([1990] 2016, 2004) apresenta a noção de performatividade de gênero discutindo gênero como uma sequência de atos corporais intencionais e, portanto, performativos, que estão sempre ocorrendo, porém não utiliza *performance* como a sugestão de dramático ou “fingido”. Butler ([1990] 2016, 2004) aponta que esses atos corporais criam as ideias de gênero e, sem elas não haveria gênero algum, questionando mais uma vez o dito “sexo natural” homem e mulher. As colocações que x autorx faz a respeito do gênero como sendo sempre performativo, é percebida em todos os vídeos analisados, inclusive no de Rosa Luz, que destaca-se dos demais analisados por ser permeado por um discurso militante e que aborda não somente questões trans mas também de raça e arte, por exemplo. Rosa Luz descreve o conteúdo de seu canal como “*Vlog sobre vivências periféricas enquanto mulher transexual, negra e afro-latina em movimento!*”. Ao mesmo tempo

que Rosa Luz apresenta conteúdos distintos dos demais youtubers que abarcaram este estudo, ela também produz conteúdo a partir de *hashtags* utilizadas por demais youtubers trans brasileiroxs, como *#YouTubeTrans*, *TAGS “50 Fatos Sobre Mim”*, ou vídeos de temáticas semelhantes dos outros canais assistidos.

O YouTube é um espaço de performatividade de gênero de todas as pessoas que o compõem, cis e trans, porém, também de performatividade dos próprios vídeos e seus formatos, destacando aqui, os vídeos em primeira pessoa com um modelo de “*cabeças falantes*” que, segundo Horak (2014), segue a tradição dos documentários feministas que posicionavam xs mulheres do torso para cima, como em entrevistas e telejornais, dando assim, um senso de expertise, estabelecendo assim, xs youtubers como especialistas do conteúdo que compartilham, além de proporcionar a sensação de intimidade entre x youtuber e o público.

Butler ([1990] 2016) compreende a performatividade de gênero como algo *feito cotidianamente*, que está inscrito em normativas regulatórias extremamente rígidas, como um *script* que indica o que iremos performatizar, previamente determinado e com quantidade limitada de possibilidades oferecidas pelas normativas, como no caso o binômio homem-mulher. A grande maioria dos materiais trans do YouTube brasileiro, tanto os analisados e citados neste estudo, quanto os visualizados no processo de *lurking*, performatizam identidades binárias de gênero, o que também é presente no estudo de Raun (2012). Butler ([1990] 2016) argumenta que as possibilidades performatizadas de gênero não são mais falsas ou verdadeiras do que as outras, porém são produzidas como efeitos verdadeiros de um discurso de identidade primária, estável, heteronormativa e cisnormativa que podem ter o intuito de apresentar-se como “essenciais” e “naturais”, permitindo compreender gênero como forma de paródia e que certas *performances* de gênero – que não hetero e cisnormativas – são mais paródicas do que outras.

Serano (2007) discute a presença do cissexismo nas representações midiáticas da população trans. Ela define como cissexismo a crença de que as identidades de gênero trans são inferiores ou menos autênticas do que as de pessoas cis. Serano (2007) complementa que pode-se notar a presença de cissexismo na negação, ou impedimento da garantia dos direitos básicos das pessoas trans, além do tratamento e respeito nas relações sociais. Como colocado por Lauretis ([1987] 1994), é necessário um olhar crítico a respeito da construção dos gêneros, da performance – como apontada por Butler ([1990] 2016, 2004) e Kessler (1990, 1998; Kessler & Mckeena,

1978 citada por Costa, A. B. *et.al.*, 2017), uma vez que ao performatizar gêneros como masculino ou feminino, por exemplo, as posições sociais, seus significados e discursos (cis)heteronormativos diferenciais, são simultâneamente representados e atualizados, o que faz com que a sociedade realize leituras de masculino ou feminino na totalidade dos atributos sociais previamente construídos que constituem gênero(s). Serano (2007) corrobora com as colocações acima e nomeia tais leituras sociais como *passabilidade*, termo também utilizado pelos youtubers para referir à atribuição de gênero binária que é feita diariamente nos mais distintos contextos sociais.

Ao mesmo tempo que o tema passabilidade é abordado como algo negativo e cissexista por youtubers como Rosa Luz, Thiessa, Adam e Ariel, todxs admitem que ser “passável” e “lido socialmente” nos gêneros binários homem-mulher é um facilitador nas suas vidas, inclusive como uma questão de sobrevivência e segurança numa sociedade que discrimina, marginaliza e mata as identidades que fogem ao binarismo e a performatividade cis e heteronormativa de seus corpos. Ariel e Adam, no vídeo que protagonizam juntos<sup>16</sup> com a temática de passabilidade, elencam situações nas quais percebem que ter maior passabilidade, ou seja, ser lido socialmente como cis, é preferível, porém, ambxs problematizam o fato da necessidade da passabilidade e relatam situações nas quais precisam explicar e afirmar suas identidades de gênero. Um dos resultados com a produção desse conteúdo, é a representatividade que a publicação de Ariel e Adam proporciona acerca das situações cotidianas vividas. Tal representatividade é confirmada nos comentários de pessoas que relatam passar pelas mesmas situações ou que agradecem pelo conteúdo criado. Comentários similares estão presentes na grande maioria dos vídeos analisados, o que demonstra o alcance da representatividade trans através dos vídeos no Youtube.

A repetição estilizada de gênero binário que Butler ([1990] 2016) assinala em nossa sociedade, é percebida na performatividade das pessoas trans analisadas em seus vídeos no YouTube. É possível compreender o número maior de pessoas trans binárias no YouTube (quando comparadas à pessoas que se apresentam como *não-*

---

<sup>16</sup> Vídeo intitulado “Passabilidade “Cis” com Adam Franco” publicado no canal de Ariel Modara em 23 de outubro de 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=zSVjgdodxSg>

*binárias*, como Hugo Nasck<sup>17</sup>) uma vez que estão inseridas numa sociedade onde os discursos que regem as normas são cis e heterocentrados, e, como aponta Serano (2007), acabam por inferir que o binômio homem-mulher é rígido e exclusivo, que se dá como pré existente nas possibilidades de performatividade. Xs youtubers que performatizam e têm passabilidade binária, masculina e feminina, são reforçadxs positivamente pela comunidade *online* na qual se inserem através de comentários como: “*Trans? Oiii? Que mulher maravilhosa*” (sic); “*Pela primeira vez não tenho medo de dizer que você é o homem mais lindo que eu já vi!!! Parabéns você é linda!*” (sic); “*Vc esta bem melhor como homem...tipo, harmonizou corpo, mente, alma e te fez um bem enorme. Esta lindo! Parabéns!*” (sic); “*Nossa Mandy não sabia que és trans tu é tão LINDA*” (sic); “*Olha nem desconfiava q vc e trans!Se vc n falasse acho q ninguém desconfiaria!*” (sic) e “*Quando uma pessoa "Muda de sexo" por mais perfeita a transformação, Ainda conseguimos ver um pouco de seu gênero físico de nascença, mas Mands, Você é tão graciosa q não achamos um traço se quer de homem!*” (sic). É importante destacar que compreendemos que tais comentários são colocados de forma positiva pelxs espectadorxs uma vez que advém da cultura hetero e cisnormativa na qual todxs estão inseridxs, por tanto, a passabilidade dxs youtubers trans é tida como algo positivo a ser alcançado.

### **Considerações Finais**

Realizar pesquisas em ambientes virtuais como o YouTube é desafiante, uma vez que o objeto de estudo é instável e apresenta mudanças dinâmicas tanto nos vídeos, como na organização do próprio *site* e seu conteúdo, crescendo diariamente através do compartilhamento de materiais audiovisuais (Burgess e Green, 2009). Porém, mesmo com tais desafios, foi possível compreender como o YouTube enquanto plataforma midiática tornou-se um espaço de visibilidade, representatividade das identidades trans e, ao mesmo tempo, reprodução do que devem ser as identidades trans (Horak, 2014; Raun, 2015). A consistência de comentários letigitando a aparência dxs youtubers em normativas binárias, femininas ou masculinas, demonstra por vezes, o desejo de atingir tal estética e

---

<sup>17</sup> Afirmação feita pelx Hugo Nasck no vídeo “*Trans finíssimas famosas que você precisa conhecer feat Hugo Nasck|Diva Depressão*”, do canal Diva Depressão, publicado em 16 de junho de 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZdbF2IRpKQs>

passabilidade cis, demonstra que os corpos *offline*, que não são xs youtubers por trás das câmeras, também são virtuais, pois buscam suas afirmações através do que é inscrito e performatizado *online*.

A performatividade que valida diariamente as expressões de gênero na sociedade também se manifesta na produção e reprodução dos vídeos analisados, uma vez que possuem formatos praticamente idênticos, que se performatizam a cada instante quando uma nova pessoa assiste aos vídeos e cria seu próprio material no YouTube. Assim como o gênero, os vídeos trans do YouTube se apresentam como cópias deles mesmos, que serão repetidas e estilizadas a partir dos conteúdos dos vídeos marcados com as mesmas temáticas. Os títulos e as *thumbnails* (imagens em miniatura criadas pelxs youtubers para atrair a atenção de quem xs assiste) se repetem entre as pessoas trans brasileiras e, por vezes, percebemos nos comentários dos vídeos discussões entre xs inscritxs a respeito de “qual youtuber criou o conteúdo primeiro”. Assim como as performances de gênero, os vídeos trans do YouTube não têm um original, são performatizados diariamente.

Com o crescimento diário do YouTube e seu alcance global, nichos distintos se formam no *website*. No Brasil, os materiais trans são marcados por experiências corporais, pela espetacularização das cirurgias, terapias hormonais e experiências sociais das identidades trans. O diferencial do YouTube, em relação às temáticas trans na mídia, é quem está por trás da criação dos materiais, quem decide o que será reproduzido e entregue para o público e de que forma suas mensagens serão transmitidas. Em contrapartida, xs consumidorxs de conteúdo têm papel ativo na escolha e divulgação dos materiais, sendo elxs mesmxs espectadorxs e criadorxs, youtubers.

Como Raun (2012) discute em sua tese, o YouTube é um espaço de visibilidade das pessoas trans, criando uma comunidade forte entre xs usuárixs, que têm, de certa forma, o YouTube como espaço onde questões como identidades de gênero podem ser tratadas, tendo entre xs participantes da comunidade, apoio emocional e por vezes retorno financeiro com o compartilhamento de conteúdo. É necessário destacar, que, como Haraway (1995) coloca, a visibilidade proporcionada pelo YouTube advém de um saber localizado, situado, que é marcado pelas especificidades das identidades trans que têm, a partir das suas criações de conteúdo no YouTube, o seus espaços de fala.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo procuramos investigar e compreender as especificidades das experiências de afirmação de gênero vivenciadas por pessoas trans brasileiras que compartilham suas trajetórias e reflexões em vídeos produzidos, protagonizados e publicados por elas no *site* YouTube. Através do uso da Netnografia como método, foi possível vivenciar o espaço do YouTube tanto como pesquisadoras/es quanto como espectadoras/es.

A ascensão da representatividade trans na mídia nas últimas décadas é fortemente marcada pelo cinema e televisão norte-americanas e, nos últimos anos, pelas mídias brasileiras. Assim como os questionamentos de Tobias Raun acerca da afirmação de gênero nos corpos trans, diversas pessoas no Brasil e no mundo têm utilizado o YouTube como repositório de informações e guias práticos de como iniciar processos de afirmação de gênero ou como lidar com situações familiares e sociais em suas vidas. É importante destacar, que apesar de A partir da análise dos vídeos coletados foi possível compreendermos quais são os questionamentos que se mostram mais presentes entre as pessoas trans brasileiras, uma vez que o YouTube tem papel ativo na visibilidade das questões trans e na representatividade midiática de identidades trans.

No caso dos conteúdos criados por pessoas trans que foram analisados, a binariedade dos gêneros masculino e feminino, e que os especifica e caracteriza socialmente é na maioria das vezes, replicada e performatizada nos discursos dxs youtubers trans e, com frequência, reforçados pela interação que ocorre nos comentários gerados pelas/os espectadoras/es. Percebemos o senso de comunidade entre as/os youtubers brasileiras/os através da produção e protagonização conjunta de vídeos, menções de colegas durante os vídeos de seus canais e o planejamento e execução de conteúdo enquanto rede de youtubers trans, como a elaboração de materiais durante o mês da visibilidade trans ou a padronização de vídeos com *hashtags* pré definidas entre elas/es.

Além das especificidades dos conteúdos a respeito das identidades trans e de processos de afirmação de gênero, compreendemos que, no Brasil, os vídeos são permeados por materiais acerca das tecnologias de gênero, das cirurgias de afirmação de gênero e dos tratamentos hormonais. Com um caráter didático, as/os youtubers trans assumem um local de expertise e demarcam o YouTube como um de seus



espaços de fala e de expressiva visibilidade. A respeito do acesso à saúde para as pessoas trans no Brasil, constatamos que a relação das/os youtubers trans brasileiras/os, assim como das/os espectadoras/es (a partir de relatos nas seções de comentários), com os Sistema Único de Saúde – SUS é de um certo receio e pessimismo. Somente Ariel, youtuber trans participante da análise, relatou utilizar a rede pública de saúde e ter tido sucesso durante todo seu acompanhamento. As/os demais youtubers utilizam a rede privada de saúde ou realizaram procedimentos fora do país, mesmo tendo um custo muito maior e contraindo dívidas, por acreditar que a tecnologia e o saber médico de determinada/o profissional era superior e/ou mais adequado para ela/e.

A construção dos corpos *online* é de grande importância tanto para pessoas cis quanto para pessoas trans brasileiras. Por mais que não tenha sido a proposta de análise deste estudo, através da revisão da literatura e também do resultado de vídeos sugeridos e relacionados na conta do YouTube referente à pesquisa, percebemos que a presença de conteúdo relacionado à tecnologias de afirmação de gênero é significativa entre pessoas cis, o que indicou a relevância da construção de corpos supostamente verdadeiros pela população brasileira que produz e consome conteúdo no *site* YouTube.

Em relação à performatividade dos corpos trans, percebemos que a binariedade homem-mulher é performatizada num continuum, visto que tal binariedade é imposta por normativas heterossexuais e cissexistas que permeiam as relações de poder, assim como as relações políticas e sociais que fundamentam os gêneros, o binômio homem-mulher, feminino-masculino é presente nas narrativas das/os youtubers assim como nos comentários das/os espectadores. Para além da performatividade de gênero, nós percebemos que os próprios vídeos, com seus formatos similares, são performatizados no espaço do YouTube, sem apresentar o material “inicial” que deu origem à tais formatos, ou seja: as/os youtubers não performatizam somente o gênero, mas também o formato dos vídeos. A elaboração dos conteúdos apresentados é similar, assim como as próprias temáticas de diversos canais tanto de pessoas que se encontram na mesma comunidade e nichos de entretenimento, quanto por youtubers de ramos diferentes mas que compartilham de formatos de edição, divulgação de materiais e *TAGS* populares abordadas pela maioria das/os youtubers brasileiras/os. A performatividade dos vídeos é constante,

reeditando-se e acrescentando ou modificando facetas que farão parte das performatividades seguintes.

Por fim, reconhecemos que a pesquisa *online* apresenta grandes desafios pelo volume alto e crescente de materiais a respeito do objeto de estudo, possibilitando também a investigação das expressões de afirmação de gênero de brasileiras/os cis, trans, não-binários e demais identidades de gênero apresentam especificidades que não foram abarcadas por este estudo. Com o crescimento dos canais de youtubers trans e o marco recente de mais de 1 milhão de inscritas/os no canal de uma pessoa trans brasileira, fica o questionamento de quais serão os efeitos sociais e políticos da expressiva representatividade e visibilidade trans que o espaço do YouTube – através de das/os criadoras/es de conteúdo - está constituindo.

## REFERÊNCIAS

- American Psychiatric Association. (2014). *Referência Rápida aos Critérios Diagnósticos do DSM-5*. Porto Alegre: Artmed.
- Ambrosy, Ingrid. (2012). Teoría Queer: ¿Cambio de paradigma, nuevas metodologías para la investigación social o promoción de niveles de vida más dignos?. *Estudios pedagógicos (Valdivia)*, 38(2), 277-285. DOI: 10.4067/S0718-07052012000200017
- Baker, Sean, S. (2015). *Tangerine*. Filme. Tangerine Entertainment.
- Bento, Berenice. (2008). *O que é Transexualidade*. São Paulo: Brasiliense.
- Bento, Berenice, & Pelúcio, Larissa. (2012). Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. *Revista Estudos Feministas*, 20(2), 559-568. DOI: 10.1590/S0104-026X2012000200017
- Beemyn, Genny. (2014). Transgender History in the United States. In Laura Erickson-Schroth (Org.), *Trans Bodies, Trans Selves: A Resource for Transgender Community*. Oxford University Press.
- Borges, Lenise S. (2014). Feminismos, Teoria *Queer* e Psicologia Social Crítica: (Re)Contando histórias... *Psicologia & Sociedade*, 26(2), 280-289.
- Borstein, Kate. (1995). *Gender outlaw: On men, women, and the rest of us*. New York: Vintage Books.
- Borstein, Kate, & Bergman S. B. (2010). *Gender outlaws: The next generation*. Berkeley, CA: Seal Press.
- Burgess, J.; Green, J. (2009). *YouTube: online video and participatory culture*. Malden: Polity Press USA. Kindle.
- Butler, Judith. ([1990] 2016). *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Butler, Judith (2006). *Undoing Gender*. New York: Routledge.
- Butler, Judith. ([1993] 2011). *Bodies that matter*. Kindle. New York: Routledge.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2016). “Portaria de nº 2.803, de 19 de Novembro de 2013. Processo Transexualizador no SUS”. Brasília: Ministério da Saúde. <http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/1174-sgep-raiz/lgbt/21885-processo-transexualizador>
- Brasil. Conselho Nacional de Saúde (2012). *Resolução nº 466, de 12 de Abril de 2012*. Reconhece as especificidades éticas das pesquisas nas Ciências Humanas e Sociais e de outras que se utilizam de metodologias próprias dessas áreas, dadas suas

particularidades. Brasília: Conselho Nacional de Saúde. Recuperado de: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>

Candy, Mandy. (2017). “Chegouuu 1 milhão de inscritos!!!! (...)” Twitter. Disponível em: <https://twitter.com/iMandyCandy/status/946615136004947968>

Carvalho, Mário, & Carrara, Sérgio (2013). Em direito a um futuro trans?: contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil. *Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)*, (14), 319-351. DOI:10.1590/S1984-64872013000200015

Ciribeli, João Paulo, & Paiva, Victor Hugo. (2011). Redes e mídias sociais na internet: realidades e perspectivas de um mundo conectado. *Revista Mediação*,13(12). Recuperado de: <http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/509>

Costa, Angelo B., Nardi, Henrique C., Koller, Silvia H. “Manutenção de Desigualdades na Avaliação do Gênero na Psicologia Brasileira”. *Trends in Psychology|Temas em Psicologia*. 25, no. 1 (Março): 97-115. DOI: 10.9788/TP2017.1-06

Costello, Leesa, Marie-Louise McDermott, Ruth Wallace. (2017). “Netnography: Range of Practices, Misperceptions, and Missed Opportunities”. *International Journal of Qualitative Methods* 16, no. 1 DOI: 1609406917700647.

Davidson, James, Liebald, Benjamin, Liu, Junning, Nandy, Palash, Van Vleet & Taylor. (2010). The YouTube video recommendation system. In *Proceedings of the fourth ACM conference on Recommender systems*. 293-296. New York: ACM. DOI: 10.1145/1864708.1864770

Debord, Guy ([1967] 1997). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.

Dellal, Gaby. (2015). *About Ray*. Filme. IM Global Production Company.

Depressão, Diva. (2017). *Trans finíssimas famosas que você precisa conhecer feat Hugo Nasck|Diva Depressão*. Publicado em 16 de junho de 2017. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=ZdbF2IRpKQs>

Dias, Vanina Costa. (2016). Limites entre o público e privado nas relações de adolescentes através das redes sociais virtuais. *Passagens*, 7(1), 27-44. ISSN: 2179-9938.

Franco, Adam. (2017). *Eu tenho um pinto!*. Publicado em 29 de junho de 2017. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=xU8Ewsk9EsQ>

- Galli, Rafael, Vieira, Elisabeth, Giami, Alain & Santos, Manoel. (2012). *Corpos Mutantes, Mulheres Intrigantes: Transexualidade e Cirurgia de Redesignação Sexual. Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(4), 447-457. DOI:10.1590/S0102-37722013000400011
- Gomes, Rogério, Vasconcellos, Pedro. (2017). *A força do querer*. Telenovela, Rede Globo.
- Gray, David E. (2012) *Pesquisa no mundo real*. 2. ed. Porto Alegre: Penso.
- Haraway, Donna (1995). “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”. *Cadernos Pagu*. 5, 07-41
- Hine, Christine. (2000). *Virtual Ethnography*. London: Sage.
- James, Aengus, Miller, Colin K., John, David St. (2015). *I am Jazz*. Reality Show. This Is Just a Test: TLC.
- Jenner, Caitlyn. (2015). *I am Cait*. Reality Show. E! Entertainment Television.
- Jesus, Jaqueline Gomes. (2012). *Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos*. Brasília.
- Jesus, Jaqueline Gomes. (2016). Operadores do direito no atendimento às pessoas trans. *Revista Direito e Práxis*, vol.07, n.15, p.537-556. DOI: 10.12957/dep.2016.25377
- de Jesus, Diego Santos Vieira. (2016). Vem, Monstro!: Suplementação Alimentar e Masculinidade Hegemônica em Perfis de Homens Fitness no Instagram. In *VIII Encontro Nacional de Estudos do Consumo IV Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo II Encontro Latino-Americano de Estudos do Consumo*. Universidade Federal Fluminense: Niterói.
- Hooper, Tom. (2016). *The Danish Girl*. Filme. Universal Pictures International.
- Horak, Laura. (2014). Trans on YouTube: Intimacy, Visibility, Temporality. In *TSQ: Transgender Studies Quarterly*. (Novembro) Volume 1, no.: 4. Duke University Press. DOI: 10.1215/23289252-2815255.
- Kessler, S. J. (1990). The medical construction of gender: Case management of intersexed infants. *Signs*, 16(1),3-26. doi:10.1086/494643. In: Costa, Angelo B., Nardi, Henrique C., Koller, Silvia H. “Manutenção de Desigualdades na Avaliação do Gênero na Psicologia Brasileira”. *Trends in Psychology|Temas em Psicologia*. 25, no. 1 (Março): 97-115. DOI: 10.9788/TP2017.1-06
- Kessler, S. J. (1998). *Lessons from the Intersexed*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press. In: Costa, Angelo B., Nardi, Henrique C., Koller, Silvia H.

“Manutenção de Desigualdades na Avaliação do Gênero na Psicologia Brasileira”. *Trends in Psychology|Temas em Psicologia*. 25, no. 1 (Março): 97-115. DOI: 10.9788/TP2017.1-06

Kessler, S. J., & McKenna, W. (1978). *Gender: An ethnomethodological approach*. Chicago, IL: University of Chicago Press. In: Costa, Angelo B., Nardi, Henrique C., Kohan, Jenji. (2013). *Orange is the new black*. Série Web-Televisiva. Netflix.

Koller, Silvia H. “Manutenção de Desigualdades na Avaliação do Gênero na Psicologia Brasileira”. *Trends in Psychology|Temas em Psicologia*. 25, no. 1 (Março): 97-115. DOI: 10.9788/TP2017.1-06

Kozinets, Robert V. (2014). *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso.

Lange, Patricia G. ([2014] 2016). *Kids on YouTube: Technical Identities and Digital Literacies*. Kindle. New York: Routledge.

Lauretis, Teresa de. ([1987], 1994). “A tecnologia do gênero”. In *Tendências e impasses – O feminismo como crítica da cultura*. Org. Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Rocco.

Louro, Guacira. (2001). Teoria Queer – Uma política pós-identitária para a educação. *Estudos Feministas*, 9(2), 541. Recuperado de: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000200012>

Luz, Rosa. (2016). *Passabilidade é o caralho: Eu sou mulher de peito e paul!*. Publicado em 30 de março de 2016. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=D9BjOvuR51g>

Machado, Paula Sandrine. (2008). *O sexo dos anjos: representações e práticas em torno do gerenciamento sociomédico e cotidiano da intersexualidade*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Mandy Candy (2015) *TUDO Sobre Minha Cirurgia de Redesignação Sexual (Mudança de Sexo)*. Publicado em 21 de novembro de 2015 no site YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=XGHbs-XpDTg>

Miskolci, Richard. (2009). A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, (21), 150-182. DOI: 10.1590/S1517-45222009000100008

Miskolci, Richard. (2015). *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*, 2. ed., rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora: Universidade Federal de Ouro Preto.

- Modara, Ariel. (2015). *Como contei pra Mãe que sou transgênero + Nome*|Diário FTM. Publicado em 31 de dezembro de 2015 no YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=awbRIeTNOfM>
- Modara, Ariel. (2016). *“Expectativas pré T e novidades*|Diário FTM. Publicado em 22 de fevereiro de 2016 no YouTube. [https://www.youtube.com/watch?v=4XS5DWi\\_LZ0](https://www.youtube.com/watch?v=4XS5DWi_LZ0)
- Modara, Ariel. (2016). *Escolhi meu nome definitivo+Mãe de trans*|Ariel Modara. Publicado em 28 de março de 2016 no YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=Z3otSTC40Lg>
- Modara, Ariel. (2016). *Minha primeira dose de T*|FTM. Publicado em 06 de março de 2016 no YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=IH28uJ7aHqA>
- Modara, Ariel. (2016). *Como consegui minha testosterona*. Publicado em 22 de abril de 2016 no YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=xXiOT7mKkqI>
- Modara, Ariel. (2016). *Passabilidade “Cis” com Adam Franco*. Publicado em 23 de outubro de 2016. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=zSVjgdodxSg>
- Modara, Ariel. (2017). *Como pedir o nome social na escola, universidade e na justiça*. Publicado em 27 de março de 2017. <https://www.youtube.com/watch?v=l0GPxRcD8Zs>
- Preciado, Beatriz. (2011). Multidões *queer*: notas para uma política dos “anormais”. *Revista Estudos Feministas*, 19(1), 11-20. DOI: 10.1590/S0104-026X2011000100002
- Preciado, Beatriz. ([2004] 2014). *Manifesto contrassexual*. São Paulo: n-1 Edições.
- Raun, Tobias. (2012). *Out online: trans self-representation and community building on YouTube*. Tese de Doutorado. Roskilde: Roskilde Universitet.
- Raun, Tobias. (2014). Video blogging as a vehicle of transformation: Exploring the intersection between trans identity and information technology. *International Journal of Cultural Studies*, 201X, Vol. XX(X) 1–14. DOI: 10.1177/1367877913513696.
- Raun, Tobias. (2015). Archiving the Wonders of Testosterone via YouTube. In *TSQ: Transgender Studies Quarterly*. (Novembro) Volume 2, no. 4. Duke University Press. DOI: 10.1215/23289252-3151646.
- Salih, Sarah. (2012). *Judith Butler e a Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Santos, Amanda, Sanchonete, Nicole. (2017) *Gorda, Sim! Maravilhosa, Também! Do Ressentimento à Autoestima em Testemunhos de Vítimas de Gordofobia no*

YouTube. In 40° Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba. Recuperado de <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2142-1.pdf>

Santos, Ana Cristina. (2005). Heteroqueers contra a heteronormatividade: Notas para uma teoria queer inclusiva. *Oficina do CES*, 239. Recuperado de: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/239.pdf>

Sarturi, Leticia, Cerqueira, Carla. (2016) Além dos tamanhos: o corpo e a moda nos blogs. *dObra [s]—revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda* 9, no. 20 203-215 DOI: <http://dx.doi.org/10.26563/dobras.v9i20.485>

Serano, Julia. (2007). *Whipping Girl: a transsexual woman on sexism and the scapegoating of femininity*. Seal Press: Berkeley, CA.

Sciamma, Céline. (2012). *Tomboy*. Filme. Canal+.

Soloway, Jill. (2014). *Transparent*. Série Web-Televisiva. Amazon.

Souza, Eloísio, & Carrieri, Alexandre. (2010). A analítica queer e seu rompimento com a concepção binária de gênero. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 11(3), 46-70. DOI: 10.1590/S1678-69712010000300005.

Stryker, Susan. (2008). *Transgender History*. Berkeley, CA: Seal Press.

Stryker, Susan. (2006) (De)Subjugated Knowledges. In Stryker, S., & Whittle, S. *The Transgender Studies Reader*. New York: Routledge.

Toneli, Maria Juraci. & Amaral, Marília. (2013). Sobre Travestilidades e Políticas Públicas: Como se produzem os sujeitos da vulnerabilidade. In Nardi, H., Silveira, R., Machado, P. (Orgs), *Diversidade Sexual, Relações de Gênero e Políticas Públicas*. Porto Alegre: Sulina.

Wachowski, Lana, Wachowski, Lilly. (2015). *Sense8*. Série Web-Televisiva. Netflix.

Woibackk, Thiessa. (2017). *Minha cirurgia de redesignação sexual – mudança de sexo*. Publicado em 22 de abril de 2017. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=CfallzqbqV8>

Whittle, Stephen. (2006). Foreword. In Stryker, S., & Whittle, S. *The Transgender Studies Reader*. New York: Routledge.

Youtube (2016a). Sala de Imprensa. Estatísticas. [website]. Recuperado de: <https://www.youtube.com/yt/press/pt-BR/>

Youtube (2016b). Centro de Criação. [website]. Recuperado de: <https://www.youtube.com/yt/creators/pt-BR/>



## 5 ANEXOS

### 5.1 Notas de Campo

Início o momento da coleta de dados criando uma nova conta de e-mail destinada especificamente à pesquisa para que ao entrar no *site* YouTube ele esteja como uma “tela em branco”, sem termos previamente pesquisados ou vídeos sugeridos. A escolha do endereço de e-mail foi *mestradospico.pucrs@gmail.com*. O e-mail foi criado no Gmail por ser uma conta Google, que criará automaticamente um usuário no *site* Youtube, também da empresa Google.

O próximo passo é entrar no *site* YouTube e me familiarizar com a plataforma, mexendo nas configurações e me certificando de que nenhum filtro restritivo está acionado na conta da pesquisa. (tirei um *print* do momento da primeira entrada no Youtube). Como não há nenhum canal inscrito nessa conta, noto que os vídeos sugeridos pelo Youtube são os vídeos “em alta” → mais assistidos no mundo; e canais de música, geralmente músicas *pop* ou videoclipes mais assistidos.

Início processo de *lurking* inserindo o termo “afirmação de gênero” no buscador. Percebo que ao inserir esse termo aparecem 3.055 vídeos, porém, a lista inicial que é apresentada é de trechos de entrevistas com acadêmicos, notícias relacionadas ao MEC, entrevistas com religiosos e materiais explicativos criados por universidades. Insiro então a palavra *trans* no buscador, onde 10.300.000 resultados aparecem, sendo que 15 dos 20 vídeos que o Youtube apresenta por página são de pessoas brasileiras. O primeiro vídeo dessa lista intitula-se “TRANS FINÍSSIMAS FAMOSAS que você PRECISA conhecer feat HUGO NASCK | Diva Depressão”. O vídeo, pelo título, não se encaixava nos tópicos levantados pelas Questões Norteadoras ou pelos Objetivos Específicos que estabeleci, porém, escolhi assistir por ser a primeira recomendação do Youtube ao inserir o termo *trans*, e por ser um vídeo produzido no Brasil.

Os apresentadores do vídeo, e criadores do canal *Divas Depressão*, iniciam apresentando Hugo Nasck, que se identifica como “mulher *trans* não-binária” e participa ao longo do vídeo também. Hugo inicia definindo o que é uma pessoa *trans* de forma bem objetiva e clara. Ao definir o que é *trans*, ela também se define e explica rapidamente o motivo de se identificar como mulher *trans* não-binária. Como o objetivo do vídeo é apresentar *trans* famosas, começam pela Caitlyn Jenner (EUA)

e seguem com várias outras celebridades. Ressaltam a importância da problematização diversas vezes, principalmente entre pessoas mais conservadoras. Definem a Mandy Candy como a pessoa trans do YouTube com mais seguidores no Brasil, como o maior canal trans do Brasil e apresentam também Ariel Modara (outro youtuber), além de pessoas como Roberta Close e Lea T.

Problematizam a necessidade do biológico e da genitália para identificar-se ou não com determinado gênero. Por mais que não venha necessariamente a utilizar esse vídeo numa análise futura da pesquisa, me identifiquei na sessão dos comentários para iniciar e delimitar minha entrada no campo virtual. A mensagem padrão que inseri (e que será compartilhada na sessão “comentário” de cada canal que assistir) é a seguinte: *Olá, tudo bem? Me chamo Hellena Bonocore e sou psicóloga. Estou fazendo mestrado em psicologia social na PUCRS e minha pesquisa é sobre o Youtube como espaço de compartilhamento das experiências de afirmação de gênero de pessoas trans. Tenho o interesse em investigar e compreender tais questões pois entendo que o campo virtual vem ganhando cada vez mais espaço e permite a discussão de temas importantes como este que carece de espaço e ainda encara preconceito e discriminação. Também acredito que as reflexões que irão surgir em minha pesquisa auxiliarão na visibilidade das pessoas trans. Encontrei o seu canal aqui no Youtube e estou assistindo seus vídeos para compor minha pesquisa. Se você tiver qualquer dúvida, pode perguntar que responderei o mais rápido possível :).*

A partir da colocação feita no vídeo anterior, de que Mandy Candy era a pessoa trans com o maior canal do Youtube, optei por colocar seu nome no buscador e seguir a procura. É um canal com 239 vídeos e 655.536 inscritos, cuja última atualização foi há uma semana. Ao selecionar o filtro “vídeos mais populares” em seu canal, os vídeos que surgem são os que abordam a temática trans e especificidades do processo de afirmação de gênero ou da sua vida enquanto mulher transexual (como se apresenta). O vídeo mais popular – e o primeiro a ser assistido, é o COMO ERA MINHA VOZ DE "HOMEM" (COMO MUDEI MINHA VOZ), com 1.752.579 visualizações. Mandy inicia o vídeo utilizando o humor para responder à pergunta do título do vídeo, e, logo em seguida também pede para que o expectador *curta* o vídeo, compartilhe e se inscreva no canal, caso esteja “curioso” e queira a resposta. No espaço de vídeos sugeridos (cards), é colocado pela própria youtuber o vídeo “SINTO PRAZER NA PEPECA DEPOIS DA CIRURGIA?”, o que sugere que há vários vídeos com perguntas específicas e temas relacionados aos processos de

afirmação de gênero de Mandy em seu canal. Mandy relata sua experiência, principalmente antes da “transição” – que define quando iniciou procedimentos como hormonioterapia –, colocando que o treino que sentia necessidade de fazer era o de falar como “menino”, pois tinha vergonha de ser uma mulher transexual. Procura dar informações de experiências de outras mulheres trans que não tem a voz como a dela, que coloca como sendo sempre mais “feminina”. Mandy fala rápido e parece tentar responder o que seu público questiona. É direta em suas respostas e bem-humorada. Faz um comparativo com os homens trans que, através da hormonioterapia tem uma mudança na voz. Por mais que ela apresente rapidamente maneiras de mudar a voz (treino, cirurgia), assim como o vídeo anterior (Hugo Nasck e Diva Depressão), Mandy questiona o que é uma voz de mulher e uma voz de homem, problematizando a necessidade de associarmos certas vozes à homens ou mulheres e fala rapidamente de “passabilidade”. Ao final, faz uma crítica às pessoas que utilizam a expressão “voz de traveco” quando se referem a uma voz mais rouca, grave.

Durante o processo de *lurking* no canal de Mandy Candy, vi que há várias playlists (vídeos organizados em listas separadas) criadas pela Youtuber, como VIDA NA COREIA DO SUL; MELHORES; DEU ALOKA; MANDY BARBIEZINHA, COLABS MARAVILHOSES; VIVENDO NA ÁSIA; #MANDYRESPONDE RESPONDENDO A MAROTADA (ela se refere aos inscritos de seu canal como marotos e marotas – notei que é uma prática comum youtubers terem bordões que utilizam ao iniciar seus vídeos e por vezes chamarem seus inscritos ou seguidores de algum apelido); VLOGS TRANS; #VISIBILIDADETRANS; PARA MAIORES (OU NÃO :P), entre outros. Ao clicar na playlist “Vlogs Trans”, percebo que há vários vídeos marcados como privados, ou seja, apenas a criadora do canal pode visualizar.

Os demais vídeos são de acesso público, sem precisar que o espectador se inscreva no canal para acessá-los. O primeiro, e mais recente vídeo da playlist “Vlogs Trans” se chama “MINHA TENTATIVA DE SUICÍDIO” e foi publicado em 7 de junho e com mais de 187.000 visualizações. Nesse vídeo, a youtuber inicia o vídeo com o seu bordão, porém, com a expressão séria. Por conta da temática do vídeo, Mandy explica que não pedirá *likes* ou compartilhamentos, pois o objetivo do vídeo é mandar um recado para pessoa que mandou um e-mail para ela e para quem esteja sofrendo. A edição destaca partes importantes que a youtuber deseja ressaltar, o que me demonstrou a liberdade de criação e da mensagem sendo transmitida da forma que a criadora acha necessária e/ou clara. Ao compartilhar a própria história,

novamente a youtuber se define de forma clara como mulher trans, e relata que a época de transição, como coloca, foi a melhor e pior fase de sua vida. Fala de situações de discriminação que viveu e faz referência ao livro que escreveu e publicou em 2016 e divide sua própria tentativa de suicídio. Outro ponto interessante é que a youtuber coloca que mesmo que você (referindo-se a pessoa que mandou o e-mail falando da sua ideia suicida) não tenha o apoio da família ou de amigos próximos, tem as mais de 630.000 pessoas que estão inscritas no canal, e que podem conversar e ajudar de alguma forma. Levanta também a necessidade de por vezes procurar ajuda especializada, mas não refere a qual ajuda seria esta.

Ainda na *playlist* “VLOGS TRANS” do canal de Mandy, há um segmento de vídeos explicativos, onde a criadora se propõe a explicar os motivos da escolha de seu nome, a diferença entre transexual e travesti, especificidades da sua própria cirurgia (se sente prazer ou não, como foi a primeira relação sexual após ter feito cirurgia de redesignação sexual, como era ter um pênis → próprio título do vídeo; como contou ao namorado que era uma mulher trans). Decidi ir para o primeiro vídeo dessa *playlist*: o mais antigo que fosse público, pois o primeiro é privado. No vídeo “Sim, Sou uma MULHER TRANSEXUAL! Prazer, Amanda” – publicado em 06/02/2015, nota-se que a qualidade do vídeo é bem inferior aos outros assistidos anteriormente, inclusive a própria criadora deixa uma mensagem no topo da tela pedindo desculpas pela qualidade do vídeo e explicando o motivo da escolha do equipamento de gravação. Pede para que assista até o final e com a “mente aberta”. Afirma que perderá inscritos, amigos e que muitas pessoas que gosta irão parar de falar com ela. Nesse vídeo, se apresenta e fala um pouco de sua origem e de sua família. Explica que omitia o fato de ser uma mulher trans dos inscritos de seu canal por medo e receio de como seria tratada. Noto uma grande diferença deste vídeo para os outros dois que assisti previamente. A postura mais relaxada, o olhar para a câmera e a maneira com a qual se apresenta enquanto mulher transexual é bem mais presente nos vídeos mais atuais. Nesse vídeo, diferente dos demais assistidos até o momento, a youtuber explica o que é uma pessoa transexual atribuindo sexo à genitália, gênero ao que a pessoa “tem na cabeça” – entendi como a pessoa se sente –, e orientação sexual como definida ao nascer. Fala de Disforia de gênero, porém, coloca que não é inteligente e que não sabe explicar, portanto deixa um *link* da Wikipedia que direciona para Transtorno de Identidade de Gênero (no corpo do texto da Wikipedia é comentado a “eliminação” do TIG e a utilização de Disforia de

Gênero). Ela pede para que leiam o *link* que contém a explicação de Disforia de gênero, pois, há formas de tratar pessoas trans que são dolorosas, portanto, é importante se informar, segundo a youtuber. Ela fala que agora tem muito orgulho de quem ela é, e que agora ama seu corpo, o que para mim, deu a entender que talvez não o amasse antes. Coloca o não se assumir como mulher trans como um “fantasma” que ficará na sua história se não for compartilhado. Relata, mais de uma vez, que sentiu-se como uma boneca inflável, um objeto sexual ao se assumir transexual para alguém, principalmente quando era em um relacionamento amoroso. Fala de religião e de passagens da Bíblia, brevemente, e ressalta a mensagem de “se amar”, independente do corpo que tem, etnia ou orientação sexual. Percebo que ao final do vídeo, depois de um discurso positivo sobre autoimagem, ela já se caracteriza como inteligente (diferente do início do vídeo) o que acredito ser motivado também pelo processo da filmagem, da criação do conteúdo e da “extroversão” que parece ir surgindo e aumentando ao longo dos minutos que vão se passando. Ela termina o vídeo pedindo ao expectador que se inscreva no canal, porém, coloca que se perder inscritos por conta da temática do vídeo, não fará diferença para ela. Fala que seus vídeos terão assuntos sérios, mas que gosta de falar besteiras. Termina o vídeo se apresentando novamente, pela terceira vez.

Seguindo na mesma *playlist* do canal de Mandy, há o vídeo “ANTES E DEPOIS DA TRANSIÇÃO DE GÊNERO! VOCÊ PODE TUDO”, publicado em 1 de agosto de 2015. O vídeo, que inicia sempre após alguma campanha publicitária (ou seja, a youtuber decidiu por monetizar seus vídeos) foi gravado e publicado pouco tempo depois do vídeo anterior. Também apresenta um formato diferente, com baixa qualidade e sem as frases introdutórias que virariam bordões posteriormente. Nesse vídeo, ela apresenta o canal com outro nome e fala que o vídeo é o resultado de uma promessa ao seu público caso alcançasse a meta de 10.000 inscritos. Ela se propõe a compartilhar e mostrar como era “antes da transição”, como define. Como ela mesma coloca, “promessa é dívida”, e então mostra algumas fotos antes de procedimentos como hormonioterapia e cirurgias – faz uma expressão de descontentamento, ou desconforto, antes de apresentar as primeiras fotos. Inicia com uma foto aos 18 anos, poucos meses antes de iniciar o tratamento hormonal, e diz sentir-se envergonhada, que inclusive havia deletado todas as suas fotos ao iniciar o tratamento e que conseguiu o material com uma amiga.

Nesse período de 6 meses, entre o vídeo que se apresenta enquanto mulher trans e este vídeo de ANTES E DEPOIS, a youtuber conquistou um público muito maior, e seus vídeos relacionados a identidade de gênero apresentam um grande número de visualizações. Ao apresentar as fotos, a youtuber relata os procedimentos que fez e antecipa qualquer especulação a respeito de cirurgias no rosto (em vídeos recentes, anos após a publicação deste vídeo, compartilha demais procedimentos estéticos que realizou). No vídeo, fala que colocou implantes de silicones nas mamas e que “fez a pepequinha (...), essa daí eu tinha que fazer né gente” (sic). Explica que não é rica e que trabalhou por três anos para comprar seus medicamentos, pagar por tratamento psicológico e fazer suas cirurgias. Atribui como maior mudança seu aumento de peso, e novamente dá ao vídeo um tom motivacional, falando que você, no caso o expectador, pode ser e ter o que quer, mas traz novamente a necessidade de foco, força, motivação, e de ter sonhos. Compartilha que seu sonho naquele momento que é o crescimento de seu canal no Youtube e de ter 100.000 inscritos. Uma de suas justificativas para a necessidade do sucesso do canal é a oportunidade de compartilhar sua história com outras pessoas que têm histórias parecidas com a sua, ou que podem estar passando por alguma situação que já vivenciou. Ela encerra o vídeo falando que, “por incrível que pareça”, não está mais recebendo mensagens de ódio nos comentários de seus vídeos, apenas mensagens carinhosas.

Ainda dentro do tema da afirmação de gênero, há o vídeo publicado na mesma playlist, de 21 de novembro de 2015, intitulado “TUDO Sobre minha Cirurgia de Redesignação Sexual (Mudança de Sexo)”. É interessante notar a forma como a youtuber inicia o vídeo, de forma bem didática e explicando o motivo de falar “mudança de sexo”, antecipando que haverá comentários negativos falando que o termo está errado. Dessa forma, a youtuber atinge mais pessoas e fala numa linguagem mais clara e simples, passível da maioria do público de seus vídeos compreender o que está compartilhando. Outro movimento interessante que percebo é que Mandy fala das “pessoas de fora” e o que “nós usamos”, dando a entender que fala de um local específico, de uma comunidade fechada. Ela mesma coloca que “nós usamos termos difíceis (...) que as vezes nem eu entendo” (sic), o que fala de uma inacessibilidade ou academicismo, talvez. Como dito em outros vídeos, ela procura transmitir conhecimento ao maior número de pessoas – acredito que aqui ela também se refere aos “de fora”. Utiliza de humor e termos fáceis durante o vídeo. Relata que fez sua cirurgia com “o médico perfeito, de gabarito” (sic), e cita brasileiras famosas

que fizeram o mesmo procedimento com o médico na Tailândia. Fala rapidamente do tempo e de certos acompanhamentos necessários para a realização do procedimento no Brasil, mas justifica a realização da sua cirurgia na Tailândia por conta da excelência do médico, e que essa decisão resultou numa espera de 6 anos até ter o dinheiro suficiente para realizar a cirurgia. Ao falar do tempo de espera, fala do sofrimento de ter que esperar com “aquele negócio do meio das pernas”, e da vontade de morrer por ter de esperar tanto tempo. Em sua fala, atribui erros médicos e cirurgias de correção que algumas pessoas passam, a não conseguir “esperar” para fazer com o melhor médico.

Noto que durante o vídeo, a youtuber se refere aos órgãos genitais sempre com apelidos, termos engraçados – o que é presente em outros vídeos também. Usando de muito humor, Mandy relata que ainda deve cerca de 15 mil reais para o banco, mas que quem busca essa cirurgia deve se preparar, “pois você estará do outro lado do mundo e não pode ir sem dinheiro”. Durante o vídeo, ela utiliza da edição para marcar o próximo tópico do vídeo: o método que foi utilizado em sua cirurgia. Dá detalhes sobre profundidade do canal vaginal, lubrificação, etc., explicando os motivos para cada decisão médica. Novamente, ela relata que seu médico é um dos mais perfeitos, pois, a aparência da vagina fica “idêntica de qualquer outra” (sic), o que me fez refletir sobre o que seria uma vagina perfeita, ou idêntica a todas, e sobre a cultura dos corpos iguais. Ela fala da curiosidade das pessoas e da validação que teve de amigos próximos e familiares a respeito do resultado da cirurgia. Além dos custos, a youtuber detalha todos os passos, desde a chegada na cidade, as consultas, a ida ao hospital, o pré-operatório, etc., falando rapidamente e com vários cortes na edição. Relata que é necessário um acompanhamento longo com enfermeiras, mas que ficou apenas 2 semanas por questões financeiras e que sua recuperação foi tranquila. Nesse momento, cita outras mulheres trans que fizeram a cirurgia, como Lea T, e que tiveram experiências negativas, com muita dor. Relatou que no seu caso, não sentiu dor e detalha todo o processo da sonda e utiliza de humor, de termos engraçados para narrar a experiência de evacuar no pós-operatório. Ao narrar outras situações, noto que Mandy traz, na maioria das vezes, dificuldades que outras meninas que passaram pela cirurgia tiveram para depois relatar sua própria experiência, como no relato da retirada da sonda, por exemplo, o que aparenta uma busca anterior por relatos e provavelmente uma troca de experiências com outras meninas que fizeram a cirurgia. Ao relatar sua experiência de retirada de sonda,

Mandy traz que foi a primeira vez que “caiu a ficha” e que se emocionou e chorou, pois percebeu que tinha uma “pepeca de verdade” (sic). Noto que ela não se atém ao discurso de suas emoções e rapidamente segue a história falando sobre o processo de dilatação que se inicia no pós-operatório e segue ao longo da vida, segundo Mandy. Ela ressalta a importância da dilatação diariamente – e após seis meses semanalmente; e coloca que caso não seja feita, a cirurgia terá que ser feita novamente, pois a profundidade (e não especifica que é do canal vaginal) será pequena e talvez não consiga fazer sexo. O uso de humor é constante ao longo do vídeo, tornando-o descontraído. Ela olha diretamente para a câmera principalmente quando relata que tem os dildos utilizados na sua dilatação até hoje e que foram “introduzidos na sua pepeca” (sic). Fala sobre sensibilidade e dá detalhes de como sentia-se nos primeiros três meses após sua cirurgia e do desconforto físico e, por vezes, embaraçoso do processo de dilatação (que inicialmente é realizado pelas enfermeiras numa sala com outras pacientes que fizeram o mesmo procedimento), além de mostrar, em vídeo, os dildos utilizados durante o processo, e o que ainda utiliza para fazer a dilatação. Ao terminar essa parte da fala, diz que agora “estamos ultra mega íntimos, vocês já sabem tudo de mim” (sic), olhando diretamente para a câmera, o que torna o vídeo bem intimista, como se fosse uma conversa com o/a espectador/a. Ao aproximar-se do final do vídeo, retoma questões como o tempo total de recuperação e o valor total do procedimento, que foi em torno de 35.000 reais. Fala mais uma vez que a vagina é perfeita e tem “tudo que outra pepeca tem” (sic). Comenta que várias pessoas perguntam se ela sente prazer e que já fez um vídeo sobre a questão, mas responde que sim, que sente prazer e explica que as terminações nervosas são preservadas no procedimento cirúrgico. Nos últimos 3 minutos do vídeo, responde perguntas deixadas em suas redes sociais, e pede para que a sigam em suas redes. As perguntas eram relacionadas à tópicos que já haviam sido abordados durante o vídeo, mas ela respondeu cada uma e finalizou falando mais uma vez sobre dor e sua tolerância à mesma. Pede desculpas, mais de uma vez, se “falou alguma besteira” (sic) e repete o pedido para que a corrijam na seção de comentários e pede ajuda para patrocinar seu canal e deixa um *link* para que seus/suas espectadores/as sejam patrões. Nos vídeos adicionados mais recentemente, o *link* não está mais disponível nas descrições dos vídeos (<https://www.patreon.com/mandycandy>). Na seção de comentário, há vários usuários elogiando a youtuber e sua coragem de postar um vídeo com tantos detalhes. Há



pessoas agradecendo, pois estão procurando vídeos a respeito para tirarem dúvidas pois querem realizar o mesmo procedimento, e tantos outros elogiando a beleza de Mandy e sem “conseguir acreditar que ela era um homem”. Esses comentários, geralmente vêm com respostas de outros seguidores explicando que ela não era um homem, sempre foi uma mulher, o que gera tantos outros debates – por vezes acalorados.

Ao terminar o vídeo, opto por colocar no buscador o nome Ariel Modara, uma vez que ele foi citado no primeiro vídeo assistido para a coleta e por já ter assistido alguns vídeos dele com a minha conta particular do Google, e não da pesquisa. Há diversos outros vídeos do canal de Mandy Candy que são interessantes para análise, mas decido seguir transitando por outros canais do Youtube e voltar aos outros/as criadores/as já analisados, caso necessário ou altamente recomendado, pelo próprio *site*.

Ao digitar Ariel no buscador, ele aparece como terceira sugestão, e seu canal tem, no momento 58.796 inscritos. Ao entrar na aba “vídeos” do seu canal e incluir filtros como “data de inclusão” (mais antigo), percebo que o vídeo mais antigo é de um ano atrás. Grande parte dos seus vídeos tem palavras como Trans, transgênero, FTM (*female to male*), semanas em T (testosterona), e termos relacionados no título. Ao clicar na aba “Sobre” do canal de Ariel, há a seguinte mensagem: *Oie! Um dos objetivos do canal é eu poder desabafar/contar tudo que possa estar relacionado ao processo de transição FTM. Isso inclui qualquer detalhe sobre qualquer coisa, como por exemplo genderfluid (genero fluido), packers, antes e depois, visibilidade de ser e até coisas como cabelo, porque o tempo todo eu estou relacionando minha vida com o fato de ter resgatado/me dado conta de que sou transgênero. O outro objetivo é, simplesmente, falar o que eu quiser. Você também pode encontrar na minha playlists os feats que fiz com, por exemplo, Hugo Nasck, Adam Franco, Federico Devito, Bernardo Enoch, entre outros. Todo mundo possui uma vivência diferente. Orgulho de ser trans. Ariel Modara CX POSTAL 21747 Cep: 88058-970 Florianópolis – SC.*

Outro ponto interessante do canal de Ariel é a presença de sua família em alguns vídeos, principalmente de sua mãe. Há vídeos também acerca de questões legais e respondendo perguntas frequentes e comentários. Início deixando o comentário que me apresenta e sigo para análise pelo vídeo mais popular do canal, que no caso é “COMO CONTEI PRA MÃE QUE SOU TRANSGÊNERO +

NOME|DIÁRIO FTM”, com 176.657 visualizações e publicado em 31 de dezembro de 2015. Nos primeiros segundos do vídeo, aparece um *card* (quadrado contendo informações que o/a criador/a do vídeo inclui na edição do material, muitas vezes para explicar algo ou adicionar *links* para outros vídeos relacionados. No caso do *card* que aparece, segue o seguinte conteúdo: “*Olá. Após iniciar a terapia hormonal eu escolhi meu nome definitivo (não é esse do vídeo mais). Eu conto aqui como eu contei pra minha mãe o fato de ser transgênero. É de coração.*” Ariel inicia o vídeo falando o que abordará, e que a mudança de nome ainda não é oficial pois não mudou papéis e documentos, e que sua mãe escolheu um nome para ele, mas que “descobrirá no final do vídeo”. Percebo que há vários cortes, e ele parece um pouco tímido, olhando para baixo algumas vezes, porém, é um vídeo antigo e um dos primeiros de seu canal. Pela fala de Ariel, nota-se que, na época, ele não postava com a frequência de hoje em dia (que faz o *upload* de um vídeo por semana), e que no tempo que havia ficado sem postar muitas coisas aconteceram. Fala a respeito de estudo, que havia largado a faculdade e prestado vestibular e estava ansioso com o resultado. Relata que se assumiu para uma das irmãs e para o grupo de amigos do colégio e que recebeu apoio de todos. Ariel compartilha no vídeo que se planejou para contar para sua mãe e posteriormente para seu pai. Detalha como pensou e avaliou quem se afetaria mais e como seria a reação de cada um dos pais, e que, para tomar sua decisão, conversou com Amanda (não esclareceu quem é) e com sua irmã, mas para ele, para contar que é transgênero tem “um método né”, mas que, por mais que acredite precisar de um método, está num momento de sua vida que prefere agir conforme “o calor do momento”, como a situação pede naquela hora. Narra um pouco do dia que contou à sua mãe e o quão nervoso estava e que havia separado em seu celular a foto de um homem trans antes e depois da transição, o que me chamou a atenção, pois ele fez uso da internet (foto no celular) para preparar-se e sentir-se seguro, e uma foto dele na infância, para “utilizar o gancho da infância” (sic). Descreve a conversa, e comenta que o tom estava descontraído, e que sua mãe o ajudou rindo, e que, num primeiro momento, a mãe trouxe a tona a conversa que já haviam tido sobre sua orientação sexual. Relata que se preparou muito, pois sabia que sua mãe faria muitas perguntas. Quando falou “mãe eu sou transgênero” (sic), percebeu que sua mãe tinha muitas dúvidas, e que, quando ela viu as fotos que havia levado e antes mesmo de fazer perguntas, falou “ta, mas não vai fazer cirurgia né?” (sic). Ariel diz compreender sua mãe, pois já passou por cirurgias grandes, como a

retirada de um tumor no pâncreas em 2013, retirada da vesícula biliar, e de parte do intestino, e que tais procedimentos foram “um pouco traumáticos” (sic), e que ficou bem debilitado, portanto, entendeu que para sua mãe seria complicado ver ele passando por outra cirurgia, mas explicou o que acontece e que provavelmente futuramente queira fazer cirurgia para retirada dos seios.

Ariel diz sentir-se como se nada no mundo fosse lhe abalar e que tem muita sorte, pois sabe que muita gente não tem o apoio que teve de seus pais, e que isso o deixou mais aberto para se expor, para lutar pelos seus direitos e não se importar com o que outras pessoas possam falar de negativo sobre ele, pois quem lhe importa (e aqui refere-se à família), lhe apoia. Comenta que no dia que contou para seus pais, eles pediram para ver o seu vídeo no Youtube (não referiu qual), e que eles haviam gostado, e que achou engraçado que sua mãe ficou muito chocada quando percebeu que ele iria ter barba. Durante o vídeo, fala de maneira clara e calma, num tom de voz mais baixo. Deixa na edição do vídeo, alguns “erros” e cortes, explicando barulhos ou o motivo de segurar uma pequena bolsa de gelo (irá tirar os sisos). Volta ao tema da conversa com a mãe, e diz que lhe pediu que a mãe escolhesse um nome para ele, que ele pudesse se identificar no tempo de uma semana (pediu para o pai também). Sua mãe sugeriu o nome Gustavo e ele gostou bastante, e já utilizava o nome Adam, então iria utilizar os dois (Gustavo para registro e Adam como apelido). Como o vídeo é de 2015, provavelmente há outro explicando a troca para Ariel, ou talvez tenha mudado sem abordar em vídeos. Ao final faz algumas caretas e mostra um caderno com a frase “No esperes que pase la tormenta, Baila bajo la lluvia!”.

Nos vídeos recomendados ao lado, encontro o vídeo com sua mãe que se intitula “ESCOLHI MEU NOME DEFINITIVO + MÃE DE TRANS|Ariel Modara”, de 28/03/2016. No vídeo estão Ariel e sua mãe, que sorri e fala baixinho seu nome: Rosângela. Ele inicia o vídeo falando que como todos podem ver seu nome está “Modara”, e que ao final do vídeo irá revelar seu nome definitivo. Pergunta se sua mãe quer falar alguma coisa, mas ela sorri e fala para ele conduzir o vídeo, então Ariel começa suas perguntas, que aparentemente foram previamente preparadas, pois parece que ele as lê num papel. Inicia perguntando para a mãe como foi a escolha de nome dos cinco filhos que teve. A mãe responde com calma e tranquilidade, dizendo que a escolha sempre foi baseada em alguma experiência, e que está feliz por participar desta escolha agora. Nesse momento, os dois se olham sorrindo e ficam por um segundo assim, até começarem a dar risadas. A mãe conta um pouco do processo

de escolha do nome dos outros quatro filhos e relata que o nome dele, do quinto filho, foi o pai quem escolheu. Rosângela, a mãe de Ariel, fala inclusive do processo de escolha da sua mãe em relação ao seu próprio nome. Nesse momento, uma terceira pessoa fala (que está por trás da câmera) e dá sua opinião sobre escolhas de nomes. A mãe diz que está com 62 anos, e tem o desejo de trocar o próprio nome. Nesse momento dão risadas, o clima aparentemente é descontraído durante todo o vídeo. Ariel relata que desde que tomou a primeira dose de testosterona “se enxerga diferente” (sic), e que o nome pelo qual se identificava (refere-se à Adam, que havia escolhido anteriormente), já não o representa mais. Fala que é algo inconsciente, e que antes não sabia como iria se sentir e trabalhava muito em cima disso. Havia se preocupado pois tinha colocado “Adam” em suas redes sociais, mas que quem conviverá com o nome será ele, que esse nome irá para sua lápide e que recém começou com a testosterona (está indo para a segunda dose) e que esse é o primeiro nome que pensou, que seu nome é Ariel. Sua mãe valida o nome e fala do início de um processo de transformação que já existe. Que é o Ariel. Ao questionar sua mãe, de como isso é para ela, ela coloca que acredita que esse vídeo servirá de orientação para muitas pessoas. Sorrindo, fala que Ariel está maravilhoso e é lindo, que o importante é o que ele sente, como se “incorpora” ao nome. Ariel encerra o vídeo falando que quem tiver mais perguntas para sua mãe pode fazer (na sessão de comentários) que poderão gravar mais vídeos. Rosângela brinca que abrirá um blog: “A mãe de Ariel”. Ao final, pedem rindo “comentários construtivos”.

Volto para o canal de Ariel e vou para aba “VÍDEOS” e coloco o filtro “mais populares”. Ao analisar o último vídeo, queria seguir para um vídeo que relatava sua experiência com testosterona e que acreditava ter visto antes mesmo da pesquisa, em minha conta pessoal e não na do mestrado. A escolha por um vídeo já conhecido e que relatava experiências com testosterona é pela possibilidade de discussão de uma das questões norteadoras do projeto de mestrado, que visa compreender como se dá o acesso à saúde das pessoas trans no Brasil.

O vídeo intitula-se “MINHA PRIMEIRA DOSE DE T|FTM” e tem 4 minutos e 57 segundos. Na descrição do vídeo, há a seguinte mensagem: *Publicado em 6 de mar de 2016. HEEY! Então, chegou o grande dia! Dia 29/02/16 (uma semana antes da postagem do vídeo) eu tomei minha primeira dose de testosterona. Foi um dos dias mais importantes da minha vida e eu estou compartilhando com vocês. Muita coisa ainda vai acontecer daqui pra frente! Injeção Deposteron 200mg a cada 21 dias.*

*Obrigado.* Há uma música de fundo e nas primeiras imagens aparecem caixas de Deposteron e Ariel apoiado observando a paisagem. A filmagem mescla cenas da medicação sendo aberta, e pode-se ver como vem o conteúdo, e de Ariel (no vídeo ainda assinado como A. Modara) contemplativo, numa paisagem com um rio e pássaros. Ariel começa a falar com cerca de um minuto de vídeo. Explica que na última semana em 29 de fevereiro de 2016 tomou sua “primeira dose de T”, e que estão na casa da mãe de Amanda (sua namorada na época), gravando o vídeo. Relata que estava bem ansioso para tomar o “primeiro *shot*”. Fala de seu preparo e escolha da data 29/02. Relata que esperou uma semana após pegar a receita e que foi à uma farmácia que seu amigo recomendou, pois foi bem atendido lá, porém o farmacêutico notou que a receita estava errada, e Ariel ficou chateado. Foi junto com seus pais e Amanda ao ambulatório novamente para pegar uma nova receita e retornar à farmácia. Inclui no vídeo um trecho da gravação na sala de aplicação da farmácia, onde registrou o momento da primeira dose de testosterona sendo aplicada. Neste trecho, Ariel parece apreensivo pelas feições de seu rosto e pela maneira que posiciona os braços, mas olha para a câmera e sorri, aparentemente emocionado. O vídeo mostra, inclusive, o momento da aplicação da injeção e Ariel seguindo as instruções do farmacêutico, que o instrui a sentar, respirar e lhe dá um copo com o que provavelmente é água. Ariel olha para a câmera e diz que não doeu, e, logo em seguida, corta para uma imagem dele sentado com sua mãe e seu pai lhe abraçando enquanto o farmacêutico fala ao fundo “fiquem bem à vontade”, e a mãe dizendo que estão ali comemorando o nascimento dele. Volta com cenas dele na casa onde inicia o vídeo e aparecem as frases na tela “no próximo vídeo tem os primeiros efeitos da T”, e então ele acena para câmera.

Volto para a aba “vídeos” do canal para encontrar algum vídeo da época no qual o “MINHA PRIMERA DOSE DE T” foi gravado para ver se Ariel também compartilhou o procedimento no ambulatório que mencionou no vídeo. O material publicado prévio ao “MINHA PRIMEIRA DOSE DE T” é o “EXPECTATIVAS PRÉ-T e novidades | DIÁRIO FTM”, que não aborda necessariamente o que eu procurava, porém, me chamou a atenção e decidi incluir na coleta dos dados, uma vez que Ariel divide suas expectativas pré-terapia/tratamento hormonal. Inicia o vídeo falando que anda nervoso, ansioso, não está dormindo bem e está com olheiras. Relata que já pegou a receita do hormônio e que deseja dividir nesse vídeo suas expectativas quanto às mudanças corporais e psicológicas que ocorrerão uma vez o

tratamento for iniciado. No início, reflete e fala que acha muito “louco” que vocês – referindo-se às pessoas que assistem aos vídeos – estão assistindo à alguém que não “vai mais existir fisicamente como eu existo hoje?” (sic), porém conclui que isso é “todo mundo”, pois todos/as mudamos fisicamente todos os dias. Diz que espera ter muitos pelos no corpo, e fala de seu pai e irmãos nesse momento. Relata que está ansioso para a diminuição das mamas, pois sente grande desconforto depois de um tempo usando *Binder*; fala que viu relatos de pessoas dizendo que o tato muda, que a pele fica mais grossa e não sabe como será “pegar” as coisas, das expectativas relacionadas ao rosto, cintura e abdômen, e como será sua barba. Psicologicamente, acredita que mudará a própria aceitação, que irá parar de pensar em quem é praticamente o tempo todo, e irá se aceitar melhor. O outro item relacionado às mudanças psicológicas que elenca é o item surpresa, pois não sabe como será sob efeito de outro hormônio, diz saber quem é sob efeito de estrógeno e progesterona, porém não sabe quem é sob efeito de testosterona, mas acredita que continuará sendo ele mesmo. Questiona quais serão os detalhes que irão mudar, pois fala que no final das contas somos várias reações químicas no nosso cérebro. Nesse momento, pede desculpas se estiver falando besteiras, pois não estuda mais essas coisas há tempos, segundo ele mesmo. Ao final, agradece a paciência de todos, e, com humor, fala que daqui a dois anos estará falando “lembra quando eu falei que não ia ter barba? E olha só a barba que tenho hoje! Hahaha”.

O próximo vídeo analisado foi escolhido ao voltar para a aba “vídeos” e localizar os vídeos feitos naquela época de início de testosterona, para encontrar o vídeo que explicava um pouco do processo de Ariel para começar com a terapia hormonal. Fui atrás desse vídeo pois sabia que existia um conteúdo mais explicativo, e por ser na época dos demais vídeos analisados. Assisti “COMO CONSEGUI MINHA TESTOSTERONA”, de 22 de abril de 2016. Logo ao iniciar o vídeo, notei a mudança na voz de Ariel, comparado aos vídeos antigos que assisti. Na seção de comentários, há várias pessoas comentando a respeito de sua voz, majoritariamente comentários positivos. Ariel inicia o vídeo dizendo que falará sobre a sua experiência pois, segundo ele, muda muito de acordo com a cidade onde a pessoa mora e os/as profissionais que atenderão, por isso, a experiência será sempre bem diferente para cada pessoa, portanto, pede para não tomar como base a experiência dele. O segundo ponto que ressalta é que “você não precisa de terapia hormonal se você não quiser fazer terapia hormonal. Você não é menos trans por conta disso (...)” (sic). O último

ponto que elenca é que fará o vídeo com calma, pois se não oscila demais o tom de sua voz. Começa sua história relatando que após se assumir trans, em novembro de 2015, pensou se gostaria de fazer a terapia hormonal e então foi pesquisar na internet pessoas de sua cidade e conheceu um homem, na sua cidade (Florianópolis – SC), que estava tomando hormônios há algum tempo para trocar informações. Pensou que se fosse a um médico endocrinologista particular iria gastar muito dinheiro e não saberia se a pessoa teria conhecimento sobre pessoas trans e o tratamento em particular, se seria transfóbico e que “não dá para correr esse risco” (sic). Coloca que procurar um endocrinologista particular seria sua última opção, mas que sua cidade conta com um ambulatório que atende a população trans todas as segundas-feiras, das 18 às 22 horas, (não explica como encontrou tal informação, apenas deixa claro que buscou informações na internet, e com o contato que fez na cidade). Conta que esse ambulatório existe desde 2015 e que o trabalho que os médicos fazem lá é incrível. Ariel coloca que foi buscar a consulta logo após se assumir trans, pois era uma relação que já tinha há muito tempo com seu corpo, que pode ter parado de pensar nisso por um tempo, mas que “sempre tava lá” (sic). Relata que estava muito assustado para a primeira consulta e que foi junto com sua namorada, Amanda, em 30 de novembro de 2015. Não sabia que precisaria agendar um atendimento e descobriu na hora, porém, “encena” sua chegada ao ambulatório e relata que com vergonha, falou que queria atendimento para pessoas trans, e que a “moça foi muito simpática” e lhe explicou como funcionava e lhe encaixou para a primeira consulta naquele mesmo dia. Relata que foi “engraçado” (sic) que naquele dia entrou um grupo de estudantes de medicina para entrevistar um médico, e lhe convidaram para dar uma entrevista, mas ele conta que não “tinha condições naquele dia” (sic), que já é tímido normalmente, e era muito mais tímido naquela época. Achou ótimo que a médica lhe chamou pelo sobrenome e que essa primeira consulta durou cerca de 40 minutos, onde lhe foi passado uma folha com informações acerca do que poderia acontecer com o uso da testosterona, e que precisou assinar para dizer que estava ciente das informações e riscos. Relata que a médica pediu para contar sua história e que teve um “momento de ouro” (sic), que foi quando a médica lhe contou que ali eles não pediam laudo. Nesse momento, Ariel encena sua reação e fica de boca aberta e diz que é incrível que não peçam laudo no ambulatório, pois é comum que médicos peçam laudo após certo período de tempo de acompanhamento psicológico. Nesse momento, deixa bem claro que o que falará diz respeito à sua opinião, e que fez o

curso de Psicologia por cerca de um ano, e que antes de novembro estava tendo algumas sessões com uma psicóloga, mas já não aguentava mais “ouvir coisa de psicologia. Tanto que eu saí da psicologia” (sic), e que está voltando a amar Psicologia aos poucos, porém, ficou um pouco traumatizado por experiências próprias, mas não detalha quais foram. Depois dessa fala, retorna à consulta médica e diz que por conta disso tudo ficou muito feliz de não ter que voltar a fazer terapia. Relata que lhe foram solicitados dois exames de sangue diferentes, que podem ser feitos nos postos de saúde da cidade, e foi onde ele os fez. Detalha os exames solicitados – hemograma completo e exame de HIV, sífilis e hepatite – nesse momento fala que são exames padrão, e que sua tia lhe confirmou isso. Fez seus exames em janeiro e após ficarem prontos foi para sua segunda consulta (refere o vídeo “MINHA PRIMEIRA DOSE” nesse momento) onde o médico viu seus exames, tirou dúvidas, e imprimiu seu novo cartão nacional de saúde com o nome social (nesse momento mostra o papel com a impressão do cartão com nome social para a câmera). Ele explicou que no sistema ainda constará “o outro nome”, mas que então pede-se para que encontre pelo número, que estão tentando mudar isso. Relata que o médico lhe receitou sua primeira dose de testosterona e, nesse momento, sorri para a câmera e relembra que há o vídeo mostrando o momento no qual tomou a primeira dose. Mostra a receita médica (de uma forma que não fica muito nítida ou legível para a câmera) e que marca as três doses que já fez, e fala que cada caixa vez com três unidades e custou 78,80 reais e mais 9 reais da seringa (com seis unidades). Conta que fará mais exames até sua terceira consulta (em maio), pois o acompanhamento, médico e por exames, é necessário e muito importante. Termina o vídeo dizendo que é “só um pontinho, só alguém compartilhando suas experiências” (sic), que foi assim que conseguiu sua testosterona, e que deveria ser assim em todos os lugares, pois foi muito bom mesmo.

Após o término do vídeo, retorno para o canal de Ariel e assisto o vídeo que está em reprodução automática na capa de seu canal: “HOMEM TRANS ANTES E DEPOIS (TRANSIÇÃO FTM EM FOTOS)| ARIEL MODARA (01 ANO EM T)”. É um vídeo de 4 minutos e 30 segundos, composto por fotos de Ariel desde seu nascimento até os dias de hoje – foi postado em 10 de maio de 2017. Em algumas fotos há textos acrescentados por Ariel na edição, muitos utilizando do humor para colocar questões como o ser Ariel e identificar-se como homem independentemente da genitália, como coloca no início do vídeo. Coloca diversas fotos de sua infância e



adolescência e, a partir de 1:10, coloca fotos de momentos antes de iniciar a terapia hormonal e de todo o processo até o presente momento.

Ao voltar para aba “playlist” do canal e ir em “ASSUNTOS TRANS” abre-se uma seleção de 24 vídeos que Ariel (criador do canal e dos conteúdos do mesmo) separou com tal temática. O segundo vídeo chama a minha atenção por ser mais um vídeo informativo no que diz respeito ao acesso à direitos da população trans. O vídeo intitula-se “COMO PEDIR O NOME SOCIAL NA ESCOLA, UNIVERSIDADE E NA JUSTIÇA”, publicado em 27 de maio de 2017. Antes mesmo de iniciar o vídeo, leio o *box* de informações que é preenchido pelo criador de conteúdo do canal, no caso Ariel Modara. Estão disponíveis as seguintes informações: *HEY! O vídeo de hoje é pra você, pessoa trans, que quer pedir o nome social seja na escola, universidade ou até mesmo que está em busca da retificação na justiça. Nesse vídeo esclarecemos passo-a-passo como pedir o nome social e também disponibilizamos 3 documentos que servem de modelo para que você possa somente preencher com seus dados e enviar à instituição. Para a retificação, é imprescindível que leve ao advogado para que ele possa realizar a petição completa. Também é possível acionar a Defensoria Pública do seu estado, eles ajudarão você e é gratuito. Espero que o vídeo e seu conteúdo ajude você assim como me ajudou. Bora compartilhar conhecimento! Obrigado ♥ E-mail do meu pai, Rogério • modararogério@gmail.com E-mail para consultas empresariais: • modaraariel@gmail.com Ariel Modara • <https://www.facebook.com/ModaraAriel> • <https://twitter.com/arielmodara> • <https://www.instagram.com/arielmodara> • <http://www.einfachnicht.tumblr.com> • CX POSTAL 21747 Cep: 88058-970 Florianópolis - SC Download dos Documentos • Escola: <http://bit.ly/2n9iWf8> • Universidade: <http://bit.ly/2nY4E5N> • Em juízo: <http://bit.ly/2nERFVS> Obs: Todos os documentos estão sujeitos a alterações posteriores. Lembre-se de substituir todas as partes em vermelho, você também pode deixar espaços importantes de destaque (como seu nome social) em negrito. Caso seja dito que o documento deve ser entregue à Coordenação, no caso escolar, basta apenas modificar o nome. Alguns estados já dispõem de uma carteira do nome social, se você tiver, coloque em anexo. Nome social é direito! Divulguem o vídeo! ♥*

Percebo que há diversos comentários agradecendo pela divulgação do vídeo e dos documentos necessários para o processo de retificação de nome. Outra questão novamente abordada nos comentários foi a “sorte” de Ariel em ter pais tão carinhosos

e que lhe apoiam. Muitas das pessoas na sessão de comentários elogiavam a postura do pai de Ariel.

O vídeo inicia com Ariel se apresentando como um garoto trans de 22 anos e a temática abordada no presente vídeo. Explica que o nome social serve para que as pessoas trans que ainda não tiveram o nome retificado na justiça evitem constrangimentos, e que passem a ser chamadas como desejam. Relata que desde que começou a compartilhar sua vida no YouTube, várias pessoas lhe perguntaram como fez para conseguir seu nome social, e como fez para solicitar na universidade a inclusão de seu nome social. Ariel relata que enviava para as pessoas que entravam em contato com ele um documento que seu pai fez para solicitar este direito, e que sua universidade já possuía um regimento interno em relação à tal política, portanto conseguiu a inclusão com este mesmo documento. Diz ter noção de que para outras pessoas pode, e muitas vezes é, mais difícil, portanto, quis “expandir” e trazer o documento para todo mundo, com um passo a passo de como proceder. Disponibiliza o documento para três finalidades: para a escola, universidade e para juízo. Neste momento, passa na tela uma inclusão de texto alertando que “os documentos não são normas, mas modelos. Estão sujeitos a alterações posteriores”. Os documentos foram produzidos por seu pai, que é formado em Administração e Direito. Nesse momento, Ariel sorri e diz que ninguém melhor que seu pai, Rogério, para explicar o tema. Seu pai entra na cena e Ariel traz uma caneca de café para ele. Nesse momento, escuta-se uma terceira voz, por trás da câmera que fala “aplausos!”, e dá risada aplaudindo. Rogério diz que o café é da Fernanda Modara. Ariel o cumprimenta e o pai agradece, dizendo que é uma satisfação estar ali. Ariel pergunta se ele quer se apresentar, falar um pouco de si, porém, ele já inicia pelo assunto, pois acredita que é o que as pessoas desejam saber. Divide em três “fases” e inicia pela fase colegial, como chama. Relata que na verdade não existe ainda uma lei específica para isso, mas que as Secretarias de Educação do Brasil e dezoito Estados se “alinham nesse seguimento” (sic) e possuem um ordenamento para que isso aconteça. Nesse momento, cita alguns Estados do país que já possuem resoluções específicas e passa para a questão do documento que estão disponibilizando; diz que é simples e que tal documento deve ser entregue na direção do colégio onde a pessoa estuda e, que caso haja alguma dificuldade, que recorra à Secretaria de Educação de seu Estado, e que se houver maior dificuldade, que recorra ao Conselho Estadual de Educação. Rogério passa para a situação das universidades, e explica que o MEC que já editou uma resolução

abrindo a possibilidade de que isso (o uso do nome social na universidade) ocorra no espaço universitário. O pai de Ariel coloca que praticamente todas as universidades já possuem em seus regimentos internos a maneira para que isso aconteça. Coloca que a terceira via, a judicial, é importante, pois é alterado no Registro Civil o seu nome e o sexo. Nesse momento, Rogério diz que fala sexo pois “lá não se fala gênero”, e que a alteração no Registro Civil irá alterar masculino para feminino ou o contrário; também fala que antigamente era necessário um procedimento cirúrgico mas que hoje é dispensado para que alteração no documento ocorra. Explica que “basta que você junte fotos mostrando a sua vivência social, a sua vivência de família e tenha um atestado médico, que um médico lhe acompanhe, que ministre sua dose de testosterona – Ariel fala: Ou progesterona –, ou progesterona, dependendo da sua situação pessoal (...) é preciso que você reúna essa documentação e entre com uma petição judicial” (sic). Ou seja, Ariel e Rogério apresentam um vídeo em um formato bem explicativo, com passo a passo do que deve ser feito. Rogério apresenta de forma clara questões como a decisão do Supremo Tribunal, que regulamenta os demais tribunais e juízes a seguir a orientação do Supremo que é favorável à população trans no que diz respeito à mudança no Registro Civil e utilização do nome social, por exemplo. Explica que os materiais estão disponíveis para que “você realize seu sonho” (sic), e nesse momento Ariel sorri e aplaude, olhando para seu pai. Rogério segue falando e diz que o irmão mais velho de Ariel, que é juiz (e dá nome inteiro do filho mais velho) em Santa Catarina foi o primeiro juiz que “concedeu, naquela época, o chamado *casamento gay*, e ele foi o primeiro juiz de Santa Catarina que teve uma decisão nesse sentido. Eu gostaria de acrescentar, fugindo um pouco do nosso tema, que pra mim é uma satisfação muito grande ser pai do Ariel, curtir a mudança que ele fez, foi ótima pra ele, foi fantástica, o Ariel melhorou em todos os sentidos e nós o amamos mais ainda do que já o amávamos” (sic). Depois desta fala de Rogério, aparece um símbolo de coração num fundo preto na tela e o vídeo segue para Ariel dizendo que agora explicarão passo a passo dos documentos que disponibilizaram. Além dos formulários, disponibilizam informações úteis para o processo de retificação do nome e demais materiais de apoio para eventuais dificuldades que possam ocorrer também nas escolas e universidades. Rogério diz que a mudança de documentos auxilia, pois às vezes você “fez uma transformação pessoal significativa e você tem um nome feminino e já tem uma aparência masculina ou vice e versa, então esse documento ajuda a provar que você é aquela pessoa no seu

documento que ainda não foi retificado” (sic). Nesse momento, Ariel acrescenta à fala do pai que não é necessário tratamento hormonal para ser trans, e que algumas pessoas podem achar que é preciso, como um pré-requisito (pelo que entendi de sua fala). O pai concorda e diz que hoje em dia a jurisprudência aceita a foto e um “atestado de um psicólogo, que você realmente tem aquela doença” – nesse momento, Rogério fala baixo e Ariel começa a falar ao mesmo tempo da fala do pai, dizendo que há pessoas que conseguem a retificação de nome sem tomar hormônios. Os dois concluem que não há necessidade. Fazem mais alguns comentários para instruir quem for utilizar os documentos disponíveis, reforçando inclusive diretrizes que já vem sendo implementadas nas universidades e devem ser cumpridas. Ao final, Ariel verbaliza que você deve assinar ainda com seu nome de registro, pois ainda não foi modificado. Faz caretas com o rosto nesse momento, mostrando que é algo desconfortável, negativo. Seu pai, com o mesmo tom de voz e expressão do restante do vídeo explica de maneira prática o motivo da assinatura com o nome de registro. Ariel comenta que também disponibilizou informações para a retificação do nome e que seu pai, que está fazendo o processo para ele, e então disponibiliza o e-mail de seu pai (que consente no vídeo) para informações.

Neste momento o pai sorri e diz que repassarão o e-mail para a secretária, Fefa Modara. Todos dão risada (pai, voz por trás das câmeras que fala EU! E Ariel) e Ariel explica que é a irmã dele. O pai termina o vídeo parabenizando “as moças e rapazes que tiveram coragem de assumir sua própria natureza... eu sei que vocês enfrentam hostilidade, enfrentam problemas e dissabores..., mas tudo isso faz parte da nossa vida, e a gente tem que lutar por aquilo que acha certo, correto e quer”. Rogério agradece o filho e diz ter ficado feliz em ter participado. Ariel agradece ao pai também e diz esperar que o documento ajude muitas pessoas e que é para que todos/as sintam-se à vontade para compartilhar para ajudar ainda mais pessoas.

Sigo para um dos vídeos que aparece com frequência na seção “vídeos sugeridos”. É outro vídeo do canal de Ariel Modara, porém, com a participação de outra pessoa. Há vários vídeos de Ariel também sozinho, principalmente os mais recentes, porém, é comum ocorrerem “collabs” entre youtubers, que é quando duas pessoas que tem canais, podendo ser da mesma temática ou não, se juntam para produzir conteúdo para ambos canais e assim, como consequência, atingir um número maior de visualizações e inscritos. O vídeo escolhido é intitulado “PASSABILIDADE ‘CIS’”, com Adam Franco, postado em 23 de outubro de 2016 e

com 14 minutos e 08 segundos de duração. A descrição do vídeo é a seguinte: *HEEEY! Hoje o assunto é sobre PASSABILIDADE "CIS"! Eu e Adam conversamos sobre alguns pontos dentro desse aspecto como: banheiro, pessoas, documentos e passabilidade também na voz! Ressaltamos que não curtimos usar esse termo mas, para melhor entendimento, utilizamos no vídeo.* ♥ ♥ *Canal do Adam Franco*  
<https://www.youtube.com/c/adamfrancoo> ♥ *Canal do Ber*  
<https://www.youtube.com/user/gnomundo> *Ariel Modara* ♥  
<https://twitter.com/arielmodara> ♥ <https://www.instagram.com/arielmodara> ♥  
<http://www.einfachnicht.tumblr.com> *Obrigado!*

Ariel e Adam estão sentados em um sofá e iniciam o vídeo rindo, e é incluído, como na maioria dos vídeos de Ariel, elementos textuais na edição, como o “oie” que ele costuma dar para introduzir seus vídeos. Outra pessoa surge em cena rapidamente e também dá oi, e é introduzido o texto “Ber” sinalizando quem é a pessoa que aparece. Diferentemente de outros vídeos analisados do canal de Ariel, neste ele parece mais brincalhão, dando risada principalmente se erra alguma coisa. Adam também ri e escuta-se outra risada. Ao introduzir o tema, Ariel coloca que ele e Adam não gostam muito do termo “passabilidade”, pois segundo Adam (e Ariel concorda durante a fala dele) “parece que a gente precisa ser passável pra ser aceito”, “parece que a gente não é validado como homem se a gente não têm a passabilidade”. Ariel complementa que mesmo não gostando do termo, eles o utilizarão pra “galera entender mais fácil”. Minha impressão foi a que eles não concordam com o que a passabilidade cis impõe às pessoas trans, mas colocaram como se o termo em si fosse ruim, mas necessário para explicar seu significado. Após o comentário, dão risadas e Adam fala “acho que essa barba já ajuda né”?

Ariel verbaliza que falarão em tópicos, e inicia com “PASSABILIDADE NO BANHEIRO”. Adam inicia a fala neste tópico, e coloca que falará do início de sua transição (termo que ele utiliza), e que hoje em dia já completou um ano de hormonização. Relata que o início foi muito difícil, pois mesmo já tendo a compreensão de que era um homem trans, utilizava o banheiro feminino por não ter os traços masculinos que apresenta agora e ter medo da reação das outras pessoas, dos olhares que receberia. Conta que chegou um determinado momento que não conseguiu mais entrar num banheiro feminino pois as pessoas olhavam estranho para ele, mas também não conseguia ir ao banheiro masculino “eu sempre prezava por banheiros que eram unissex, era o que me salvava... ou então eu segurava pra ir em

casa”. Ariel pergunta se em São Paulo (local onde estão e que acredito que Adam mora) há muitos banheiros unissex, e Adam relata que em algumas baladas, o que acha muito válido, porém, reconhece que há questões envolvendo um possível desconforto de homens entrando em banheiros de mulheres, mas que seria muito mais fácil pra pessoas trans no início da transição se houvessem mais banheiros unissex. Ariel concorda com Adam e relata que também precisou usar o banheiro feminino até chegar “nessa fase”, e que era horrível pois ofendia, e sua “bexiga quase explodia” e ia embora para casa, pois não conseguia ir em nenhum dos dois banheiros. Ariel fala que está “há seis meses em T” e que recentemente foi escondido ao banheiro masculino, mas evita ir em geral, espera estar com muita necessidade e “evitar horários de pico”.

Adam relata que começou a “se transformar” e quis mudar de apartamento, academia, tudo e “pra começar uma vida nova”. Ao iniciar em uma nova academia, sentia-se desconfortável ao ir no vestiário e todos trocaram de roupas ou tomarem banho na frente uns dos outros, pois ainda usava *binder* e utilizava a cabine para fazer xixi, trocar de roupas, e nunca saía e trocava de roupas como todo mundo. Concluí que para ele, o vestiário de academia foi mais tenso do que os banheiros. Ariel coloca que evita ir à academia por essa questão.

Seguem para o próximo tópico que é “PASSABILIDADE COM PESSOAS DESCONHECIDAS E CONHECIDAS TAMBÉM”. Ariel relata que só tem esse tipo de passabilidade com pessoas desconhecidas, pois quem não o conhece lhe enxerga num primeiro momento como ele realmente é – nesse momento os dois dão risadas e dizem que é difícil falar sobre isso, e que com pessoas próximas, íntimas é abertamente assumido como trans, portanto, todos sabem. Nesse momento coloca que seu avô é a única pessoa que não sabe que ele é um homem trans pois “é uma situação complicada”. Adam concorda e diz que não precisa falar, pois ambos têm canal no Youtube e Facebook e é tudo muito aberto, portanto as pessoas acabam sabendo. Relatam que o fato de se exporem no Youtube e Facebook também é motivo de fofocas, e nesse momento Adam dá um exemplo de vezes que nota pessoas que passam por ele e o reconhecem. Ariel conta que a primeira vez que percebeu que tinha passabilidade cis, foi quando um frentista num posto de gasolina falou “dá licença” (nesse momento imita a forma que o frentista falou com ele) diretamente para ele e de uma forma muito diferente do que estava acostumado a ouvir. Fala que naquele momento “sentiu que tinha sido...” - não termina a frase, mas conclui que é

percebido, visto, como homem. Adam complementa a fala de Ariel e fala que a partir do que Ariel compartilhou, lembra-se que a primeira vez que se sentiu visto foi também em um posto de gasolina, onde um frentista perguntou “*Vai pagar como, chefe?*”. Neste momento, a câmera se aproxima e enquadra o rosto de Adam, que fica surpreso e sorrindo. Ri com Ariel e diz “do jeito que você quiser!”. Adam continua dizendo que acha que ficou tão feliz e eufórico por “alguém conseguir me ler da forma que eu queria ser lido que eu fiquei em êxtase, não sabia o que dizer”. Conclui dizendo que acha que a maioria das pessoas trans passam pela mesma coisa, e que a passabilidade (cis) só acontece com pessoas desconhecidas, e que, “pra isso que serve a tal da passabilidade”. Ariel coloca que percebe que tem grande dificuldade em conversar com homens cis hétero (e Adam concorda), inclusive ao cumprimentar. Adam rindo diz que não sabe se dá oi, dá um beijinho ou oferece a mão para cumprimentar, o que Ariel concorda enfaticamente. Ambos dão exemplos de situações estranhas e/ou constrangedoras ao cumprimentarem homens cis hétero. Os dois falam para a câmera, que não têm problemas em cumprimentar, dar beijinho em homens cis, e que notam que se a pessoa sabe previamente que eles são trans, fica ainda mais estranho o momento.

O próximo tópico elencado por eles é “PASSABILIDADE NO DOCUMENTO”. Ariel inicia a fala dizendo que “chega num momento que a gente já tem essa passabilidade física, e aí a gente tem que mostrar o documento” no que Adam complementa “e no momento que a gente não retificou o nome ainda”. Ambos falam que é estranho e chato, ainda mais depois da passabilidade. Adam fala que sempre anda com o processo (está com o processo em andamento da retificação de seu nome) em *pdf* no seu celular para mostrar, pois “as pessoas duvidam muito que é você naquele documento”. Dão o exemplo de situações na entrada de festas, baladas, mas ambos concordam que hoje em dia já não se “incomodam” tanto nessas situações. Ariel relata que passou agora por uma situação envolvendo documentações, quando foi para São Paulo (Adam mora em São Paulo e estão gravando na casa dele) e avisou o hotel com antecedência que era um homem trans e que gostaria de ser tratado no masculino.

Explica que ao fornecer seu documento para a moça da recepção do hotel, não disse nada e a moça pegou seu documento, olhou e também não disse nada, mas coloca a situação como constrangedora. Adam explica que antes de entregar seu documento para as pessoas avisa que o documento está com um nome, mas que não

é o nome que gosta de ser chamado e é um nome que não utiliza mais e que está fazendo um processo de mudança de nome. Coloca que às vezes a pessoa lhe olha e fica um pouco desconfiada e ele responde: “olha para mim, e olha para o meu nome nesse documento. Não bate”, no que segundo Adam, a pessoa concorda com ele. Conclui que essa confirmação de terceiros, vem com a passabilidade. E que você precisa explicar porque senão a pessoa olha para você e não entende o motivo do documento conter aquele nome. Adam e Ariel acreditam que esse é um dos pontos negativos da passabilidade. A terceira pessoa que está no ambiente, mas não aparece na frente das câmeras pergunta se já aconteceu alguma coisa “ao contrário”, e dá o exemplo que já comprou pela internet e em seu cadastro seu nome está como Bernardo e aí o “correio é horrível”, e aí ele chega com seu documento que não está escrito Bernardo e o homem do correio não queria liberar a entrega num primeiro momento. Outro agente do correio explica que ele já foi na agência algumas vezes e que “pode liberar” a encomenda, porém, quase ficou sem sua compra e teria que enviar de volta para que a empresa mudasse o nome na entrega e então a compra pudesse ser retirada. Adam comenta que no prédio que morava antes, recebeu uma encomenda no nome de Adam e mandaram devolver (provavelmente a portaria do prédio, mas inferi essa informação pois não foi explicada no vídeo).

Passam para mais um tópico que é “PASSABILIDADE NA VOZ (TELEFONE)”. Iniciam novamente num tom descontraído, dando risadas. Falam que irão comentar mais a respeito de operadoras de telefone, contas e cobranças num geral, pois geralmente quando alguém lhes telefona é uma pessoa que já os conhece e conhece sua(s) voz(es). Adam conta que muitas vezes essas empresas telefonam e pedem para falar com a “fulana”, referindo-se ao nome de registro que está no contrato das operadoras, por exemplo. Diz que geralmente não acreditam que é ele e que, hoje em dia, ele não tenta mais disfarçar sua voz, fala normalmente, mas que antes afinava a voz nesses casos. Ariel ri e diz que faz isso ainda, que ainda afina a voz nessas situações telefônicas. Adam ri e fala “eu tenho certeza que se você escutar a sua voz afinada, você vai revelar: que bosta!”, e ambos dão risada, no que Ariel concorda. Adam diz que fica muito pior afinando a voz, e Ariel conta que a última vez que ligaram perguntando pelo nome de registro, disse que era sua irmã e que ela não estava. Adam diz que a parte boa é que você pode falar que essa pessoa não está e irão acreditar – ambos dão risada e dizem “essa pessoa não existe mais” -. Dão exemplos de quando pedem todos seus dados, ou para confirmar seu nome e vários



outros dados, e que, mesmo depois de confirmar todos os dados a pessoa fica “ah, o senhor... a senhora...” e que inicialmente lhe tratam como senhora, pois é como está no cadastro, mas que do meio para o final da conversa já lhe tratam como senhor. Ambos concordam que são estranhas essas situações de telefonia, e que esses serviços não sabem como lidar com pessoas trans. Concluem que é uma passabilidade vocal. Terminam rindo e fazendo brincadeiras com o termo passabilidade e todos “passam” na frente da câmera, inclusive Bernardo que não aparecia (até então) em quadro.

Sigo para um dos vídeos recomendados do canal de Adam Franco. O vídeo intitula-se “E O MEU LADO FEMININO? ”, postado em 3 de novembro de 2016. Início deixando a mensagem de apresentação nos comentários, uma vez que não havia entrado no canal dele ainda. Adam inicia se apresentando e falando sobre o tema do vídeo: “o lado feminino dos homens trans”. Noto que diferentemente dos demais vídeos que assisti até agora, Adam está de pé em frente à câmera, e não sentado como os/as demais youtubers que vi até o momento. Adam começa indagando qual o motivo de ter de deixar seu lado feminino de lado, por que não pode expressar sua feminilidade? “Por que tem que ser o macho alfa depois que eu me assumo trans?” Ele responde que não precisa perder seu lado feminino, ou ser o macho alfa, e acredita que muitas pessoas não compreendem isso. Interage e se aproxima da câmera para dar um recado para os homens trans que “se você tem um amigo, conhecido, que é um homem trans, que não tem barba, que é pré-T, e que tem um jeito mais feminino, ele não deixa de ser homem... e pra vocês, todas as outras pessoas, cis, homens e mulheres, se um cara diz pra você que é um homem trans e ele não tem barba ou até tem, ele é pré-T, ou não, mas ele ainda assim tem um jeito feminino ele é um homem... e ele não é menos homem do que aquele cara cis que tá lá atravessando a rua, tá bom?” Adam permanece com uma expressão séria enquanto fala de perto com a câmera, fazendo pausas entre palavras e/ou frases. Após essa fala, corta para outra imagem de Adam distante da câmera, no local onde iniciou o vídeo. Ele gesticula mais e fala que não irá perder seu lado feminino ou deixar de lado, que não ficará um “cara duro, eu não vou sair para balada e não vou dançar, eu não vou deixar de beber drinks só porque agora eu sou um homem”. Percebo ironia em sua fala, principalmente no final quando diz “só porque agora eu sou um homem” e abre seus braços e muda levemente o tom da sua voz.

O vídeo corta novamente e Adam diz que falará um pouco de si, do início de sua transição (como ele se refere) ele se “travava” muito, que adorava sair para dançar porém ficava num canto “duro”, mexendo somente as pernas – nessa hora imita com o corpo as expressões que fazia e como portava-se nessas situações. Relata que hoje em dia percebe o quanto era idiota por pensar que deveria ser assim (referindo-se ao jeito “duro” de se portar e expressar) só por ter se assumido homem. Conta que foi conversando com vários amigos e com o tempo mesmo (já tem mais de um ano desde o início de sua transição) que percebeu que não precisava perder esse “seu lado” – como refere, que pode ser carinhoso, sentimental e que continuará sendo homem do mesmo jeito. Explica que esse é um vídeo mais curto, e estava mais sério do que de costume, mas que precisava falar que empatia e respeito custam “zero reais” e que já viu muitos homens trans que após a transição começam a ser machistas e que falam que “caras pré-T que não têm barba não é homem ainda, que é tipo um bofinho... gente, não...! A gente não precisa ter esse tipo de preconceito”. Finaliza dizendo que ainda tem seu lado feminino “aqui dentro” e o externaliza também, e que não é menos homem por conta disso.

Ao analisar a sessão de comentários deste vídeo de Adam, percebo que há vários comentários concordando com o que Adam aborda em seu vídeo, e frases como, *“homem cis também deve ter lado feminino! (...)”, “que bom, não perca mesmo esse lado! <3 (ps: não sabia desse preconceito entre trans e de caras trans machistas, que preguiça disso. o pessoal tem que se unir, poxa)”*, porém, percebo comentários problematizando os estereótipos de “masculino” e “feminino” como o colocado por essa pessoa: *“Quando dizem, por exemplo, “sou mulher, mas sou masculina” dá a entender que existe atitudes masculinas e atitudes femininas. Vai contra tudo que eu, e algumas pessoas, discordo. Algumas atitudes e características não devem ser separadas para homens ou só para mulheres. É a mesma coisa que dar razão para que existe roupas só para mulheres e só para homens e que a maioria de vocês são contra.”*. Em um dos comentários, Adam responde a pessoa e lhe aconselha. A pessoa relata que está se descobrindo trans e que tem muitas dúvidas e que sua única fonte de apoio é o Youtube, e que sua amiga lhe disse que isso é só uma fase, pois usa maquiagem e *“homem não pode usar maquiagem”*, mas que explicou para a sua amiga que usa *“apenas maquiagem básica pois só corrijo olheiras, espinhas e a sobrancelha, mas ela disse q n faz diferença, pq homem n pode*

*usar maquiagem, nem se for p esconder espinha. Isso foi hj de manhã e sinceramente mexeu demais comigo, porém esse vídeo me fez abrir os olhos. Muito obrigado, de coração”.*

Após esse vídeo, sigo para a página do canal de Adam Franco a fim de conhecer melhor seus materiais através do processo de *lurking*. Ao abrir a aba “vídeos”, em seu canal, noto que a maioria de seus vídeos tem a temática trans ou questões envolvendo afirmação de gênero no título, como “CURA GAY(?) E A TRANSEXUALIDADE”, “MINHA BARBA (MINOXIDIL)”, “MEUS MEDOS DA TESTOSTERONA”, “EU TENHO UM PINTO!”, “PROJETO DOAÇÃO DE BINDER - #VISIBILIDADETRANS + RIGHT NOW”, “EXPERIMENTANDO ROUPAS DE ANTES DA TRANSIÇÃO”, “COMO CONTEI PRA MINHA MÃE QUE ERA TRANS + APLICAÇÃO DE T”, “1 ANO DE HORMÔNIOS”, “EU NÃO SABIA QUE ERA TRANS”, “O QUE É DISFORIA DE GÊNERO”, “MINHA TRANSIÇÃO E MINHA FAMÍLIA”, “COMO CONSEGUI MINHA TESTOSTERONA”, “ALÉM DA TRANSIÇÃO FÍSICA”, entre outros vídeos.

Inicio pelo vídeo “COMO SABER SE O PSICÓLOGO É BOM?”, uma vez que nenhum outro canal que entrei tinha um vídeo com a temática da Psicologia tão explícita. Adam se apresenta e a vinheta aparece na tela, onde o seguinte aviso surge na tela: ANTES DE TUDO, QUERO DEIXAR UM RECADO: PROCUREM SEMPRE UM PROFISSIONAL. A TERAPIA É *MUITO* IMPORTANTE. Inicia falando que faz terapia há muito tempo e que foi assim que conseguiu seu laudo (aparece na tela, nos vídeos sugeridos por ele – que são incluídos nas informações do vídeo por quem o cria e edita – o *link* de outro de seus vídeos “COMO CONSEGUI MINHA TESTOSTERONA”). Conta que depois de um tempo no psicólogo, ele lhe deu um laudo e lhe encaminhou para a endocrinologista, que pediu exames e então iniciou a hormonização. Diz que resume essas etapas, pois no vídeo irá focar no psicólogo. Adam conta que muitos homens trans e/ou outras pessoas confusas com sua sexualidade e/ou identidade de gênero lhe procuram e perguntam sobre psicólogos. Informa que na cidade de São Paulo tem pelo SUS (acredito que esteja se referindo à psicólogas/os), e que a fila é demorada, que ele mesmo entrou na fila de espera, mas que não conseguiu esperar. Fala que dependendo da região em São Paulo, as filas podem ser menores, e que há endocrinologistas e psicólogas/os no SUS atendendo a população. Conta que começou a fazer terapia quando foi morar em São Paulo e que era ótimo, porém, quando começava a introduzir o assunto

transexualidade “as coisas começaram a desmoronar um pouco, e acabou que eu mudei de psicólogo”. Relata que quando mudou de psicólogo/a as coisas melhoraram e começou a falar muito sobre transexualidade. Adam compartilha algumas das perguntas que fazem a ele em locais como o Facebook, onde recebe comentários como “meu psicólogo não sabe se eu sou trans ou não...”, Adam fala enfaticamente que “psicólogo bom vai te indicar o caminho, ele vai te fazer pensar, não vai te mandar ir nesse caminho, ele vai te fazer pensar (...) não deixa o psicólogo falar para você “ah, você é trans, você não é, você é gay, você não é”, não! Isso você quem sabe”. Explica que o/a psicólogo/a está lá para você “não levar um baque”, para te fazer pensar, te fazendo perguntas e que quando você vai respondendo, está respondendo à você mesmo/a. Como no vídeo anterior, é utilizado o recurso de edição para demarcar os cortes e passar para um novo tópico/assunto, onde Adam discute outros comentários que ouviu ou leu em suas redes sociais. Comenta que algumas pessoas disseram que quando externalizaram pensamentos acerca de suas identidades de gênero, psicólogos/as responderam como “sendo uma fase, vai passar”, fazendo de tudo para você não ser trans. Adam alerta para esse perfil de profissional, explica que é normal ficar confuso/a, que a pessoa pode estar num período de transição. Diz que se ele vai à um psicólogo que já “olha torto” para algo que disser, não volta para outras sessões. Conta que quando tinha 15, 16 anos seus pais o levaram à uma psicóloga, e que, na época, ele achava que era lésbica e que a psicóloga lhe olhou de um jeito – imita e faz um “hm, temos um problema...” e nunca mais voltou lá, que é muito antiético. Fala para a câmera que quer abrir a mente de quem está assistindo, para que procurem um/a psicólogo/a que gostem, e comenta que recebe perguntas relacionadas à psicólogos/as especialistas em pessoas trans. Adam acredita que não existam psicólogos/as especialistas em pessoas trans, mas que acha que “há pessoas mais preparadas para lidar com isso”, que há profissionais que atendem um maior número de pessoas trans e que estão mais preparados/as para lidar com essa população. Não descarta situações onde psicólogos/as que nunca lidaram com pessoas trans não possam “dar conta”, diz que acredita que podem sim, que eles/as (referindo-se aos psicólogos/as) sabem tudo, que “estudaram para isso e que sabem tudo que envolve a psicologia, que a princípio eles sabem. A pessoa pode nunca ter atendido um paciente trans, mas eles vão saber lidar com isso se eles forem bons profissionais”. Finaliza o vídeo repetindo trechos da introdução e ressaltando a importância de ter um/a psicólogo/a “para que quando

“você der um passo grande, você não cair”. Disponibiliza-se através de suas redes sociais para conversar. Após o que seria o término do vídeo, onde aparece novamente a vinheta do canal, Adam volta e diz que criou um grupo no Facebook para a “Família Adam” (aparece na tela a imagem utilizada no grupo, que é fotografia da Família Addams, filme norte-americano de 1991). O grupo do Facebook tem o intuito de compartilhar experiências, inclusive as do próprio Adam, além de trocar perguntas e respostas entre membros da Família Adam. Outro recado que dá é em relação à sua loja virtual, onde vende camisetas e que também gostaria de fazer um “encontrinho” (encontros presenciais agendados previamente entre o/a youtuber e aberto ao público que o/a acompanha, assiste) e que saber qual época/mês é melhor para todos/as. Ao ler a sessão de comentários, noto que há vários depoimentos de experiências negativas e alguns comentários de estudantes de Psicologia, e de um psicólogo já graduado, e em um destes comentários, a estudante de psicologia coloca que mesmo no último ano de formação, sua aproximação com temáticas de identidade de gênero e sexualidade só ocorreu por conta de experiências de estágio que teve, e não por conteúdos curriculares, o que me remeteu às experiências que tive em minha graduação. Os demais comentários mostram, na maioria, insatisfação com psicólogos/as e dificuldades nos processos terapêuticos. Também há comentários a respeito do acesso à psicoterapia pelo SUS em determinadas regiões, ou em locais com valores acessíveis como o comentário *“aqui em campinas é super acessível. pra quem mora aqui e não sabe. centro lgbt campinas. procurei pela net e marque . lá tem muitos psicólogos maravilhosos”* e *“vale lembrar que existem as clínicas-escolas, toda faculdade/universidade que tem o curso de psicologia oferece atendimento de graça ou com preços super acessíveis”*. Poucas pessoas referem ter recebido diagnóstico de Disforia de Gênero ou ter recebido laudo dos/as psicólogos/as e que irão começar tratamento hormonal. Neste comentário em específico, *“Primeiramente. lindo. kkkk eu passei com minha psicologa e mwu laudo saiu ontem. Vou fazer semana q vem meus exames e passar com endrocnologista. :)”*, duas pessoas perguntam quanto tempo de terapia foi necessário para ter o laudo, o que me fez questionar a respeito da ansiedade em obter o laudo e a determinação de tempo nos processos psicoterápicos.

Volto para a aba de vídeos, e cliquei no vídeo “PORQUE COMECEI A GRAVAR? ESPECIAL 1000 INSCRITOS S2”, postado em 18/10/2016, pois senti que seria uma forma de compreender o que motivou Adam a criar conteúdos e postar

vídeos no Youtube. Começa o vídeo explicando que queria ter feito o vídeo há tempos, e que o número de inscritos em seu canal aumentou muito rápido (diz que de 1000 passou para 1300 rapidamente. Hoje tem cerca de 12.000 inscritos) e que pode ser uma marca pequena para alguns, mas muito significativa para ele. Conta que começou a postar vídeos há cerca de um ano (em 2015), e que fazia alguns vídeos, editava-os antes, porém, não postava, pois morria de vergonha de ser visto. Começou a perder os vídeos que estavam em seu computador e então começou a postar, pois queria gravar uma espécie de diário para ele mesmo, pois acredita que cada transição é diferente (refere-se aos processos de afirmação de gênero) e é muito bonito acompanhar a compressão de si que ocorre durante todo processo. Adam fala que queria acompanhar seu próprio processo pois muitas vezes bate “aquela bad” onde você se olha e acha que nada mudou mesmo passando-se 5 meses e não queria sentir-se assim, queria poder olhar para os registros e perceber suas mudanças, inclusive a forma de sentir-se e de pensar, por isso, o registro em vídeo. Com a divulgação dos vídeos, as pessoas começaram a se interessar por seu canal, mandar mensagens e pedir ajuda, o que ele sempre tentou ajudar ao máximo. Adam relata que a partir dessas interações percebeu que mais pessoas vinham lhe procurar e se identificavam com ele e seus vídeos (nesse momento para, e pega seu gato no colo que está miando e grava todo o vídeo com o gato no colo). Conta que essa identificação das pessoas com o que falava e com sua história foi muito importante naquele momento, pois antes de sua transição tomava diversos remédios para depressão, ansiedade, insônia e que era muito mal-humorado, “caçava brigas no trânsito”, e que as mensagens positivas dos/as inscritos/as do canal o ajudaram muito (relata nesse momento que “por incrível que pareça” tinham mais mensagens positivas do que negativas), pois sentia que precisava ficar bem para ajudar as pessoas que o assistiam e acompanhavam. Adam fala que “uma coisa foi puxando a outra” e foi melhorando e parando de tomar remédios e de ter insônia, que foi se entendendo e que as “coisas começaram a fazer sentido” e que isso foi resultado da força que lhe deram (fala *vocês*, referindo-se aos/às espectadores/as) no Youtube, e em demais redes sociais como Instagram e Facebook. Adam relata que a partir da sua melhora e da crescente interação resultante dos vídeos iniciais que postou, decidiu postar mais vídeos, compartilhar seu conhecimento e vivências e pretende continuar criando mais conteúdo e crescendo mais. Volta seu relato para o início de sua motivação para começar no Youtube, e conta que se mudou para São Paulo sozinho, e que não fez

amizades com facilidade, portanto, sentia-se só para conversar sobre tudo que estava passando, e que os vídeos e o contato com as pessoas que os assistem foram uma forma de conseguir conversar, expressar o que sentia. Diz estar muito feliz com sua vida, com o crescimento e o rumo que o canal está tomando. Explica que o melhor canal para conversar com ele e tirar dúvidas é o e-mail (e o disponibiliza), e diz que sempre tira um tempo de seu dia para responder todos/as que mandam e-mails para ele. Fala de sua loja virtual, onde vende alguns modelos de camisetas e diz ter planos para ampliar sua loja e canal. Ao ler os comentários, percebo que todos são positivos e além de elogiarem Adam, relatam o quão importante são seus vídeos no momento no qual se encontram (algumas pessoas relatam brevemente que também estão em “transição”). Percebo que este vídeo reforça a importância de sentir-se e pertencer à uma comunidade, e que o sentimento de pertença (nesse caso) impulsiona a melhora psíquica e motiva o crescimento profissional e pessoal também.

Entro novamente na aba “vídeos” do canal de Adam e cliço no vídeo “COMO CONSEGUI MINHA TESTOSTERONA”, uma vez que vários comentários nos vídeos de Adam são a respeito de sua terapia hormonal ou de como ele “conseguiu” certas intervenções, etc. O vídeo foi postado em 22 de julho de 2016 e Adam começa dizendo que explicará tudo sobre sua terapia hormonal e a “sua T”, como refere. Relata que naquele momento já está há 10 meses em terapia hormonal e que sua testosterona é a Deposteron (traz a caixa e mostra em vídeo). Cita quais são as testosteronas mais “famosas” e que toma a Deposteron de 15 em 15 dias e mostra para a câmera a ampola que vem na caixa do produto. Relata que sempre fez psicoterapia e que, após várias sessões, com sua psicóloga trabalhando questões referentes à sua identidade de gênero, ela o encaminhou para uma endocrinologista. Adam ressalta que para a transição é necessário o acompanhamento psicológico e que é bom e importante fazer terapia. Diz que faz todo(s) seu(s) tratamento(s) particular, pagando, pois não conseguiu “entrar” pelo SUS, portanto optou por pagar e explica que o acompanhamento da endocrinologista não é todo mês (vai a cada 2, 3 meses), e que sempre fez psicoterapia, portanto era um custo que já tinha. Detalha sua consulta com a endocrinologista e relata que a primeira consulta foi extensa e que não foi receitada a testosterona, pois a médica precisava lhe conhecer. Ao conversar com a médica, Adam lhe disse que o que mais lhe incomodava era a menstruação todo mês e sua voz que era muito (ele enfatiza várias vezes o muito) fina, e utiliza na sua fala o termo *disforia* ao contar que várias outras coisas lhe incomodavam, porém, a voz e a

menstruação eram “as coisas mais disfóricas que tinha”. Adam fala que já postou vídeos de comparações de sua voz, mas acrescenta neste vídeo um quadro menor com a gravação que mostra sua voz com apenas dois dias do início do tratamento hormonal, em 13 de setembro de 2015. Adam ressalta que é para vida toda, pois “a gente nunca vai produzir tanta testosterona quanto um homem cis” e que é com agulha, e sua aplicação é intramuscular, porém, não dói tanto. Adam mais uma vez fala de psicoterapia e diz que continua fazendo, porém, trocou de psicólogo. Diz novamente o quanto a terapia lhe ajuda e que é extremamente importante e recomenda a quem o assiste, tanto tratamento particular, quanto pelo SUS. Reforça também a necessidade do acompanhamento médico e da realização de exames e, que, para ele, foi um período longo, demorado que “precisa ser conversado na terapia” e que “você precisa ter uma base”, e detalha que na primeira dose de Deposteron já parou de menstruar (noto que sorri um pouco), que os seios atrofiaram bastante e que coloca uma foto no canto da tela de seu queixo com os pelos que estão crescendo. Olha diretamente para a câmera e pede calma para quem está passando por este processo e alerta para que não fique mudando de testosterona “como quem muda de cuecas”, e diz que nos grupos de homens trans que participa *online* este aviso é constante. Há menos comentários neste vídeo do que nos anteriores, porém, é mais antigo e provavelmente haviam menos pessoas que o acompanhavam. Os comentários, em sua maioria, contêm dúvidas a respeito da testosterona e da obrigatoriedade do acompanhamento médico e psicológico. Uma das pessoas pergunta por quanto tempo é obrigatória a psicoterapia até conseguir o encaminhamento para terapia hormonal. Uma das respostas de Adam foi a seguinte: *“Pelo SUS existe um período obrigatório sim. Que são dois anos. Até conheço gente que conseguiu antes. Mas eles falam que são obrigatórios esses dois anos. Pelo particular depende muito. O meu eram obrigatórios alguns meses. Mas como eu mudei de psicólogo. No meio do caminho eu acabei esperando isso tudo”*.

Sigo para um dos vídeos recomendado pelo YouTube que contém grande número de visualizações: “EU TENHO UM PINTO! ”, postado em 29 de junho de 2017. Adam inicia falando que falará de um “assunto polêmico” que é “homem trans tem pinto”? Diz que muitas pessoas perguntam “como é? ”; “cresce? ”; “como é que faz?”, e responde: “temos. Vários. Na gaveta”, e mostra para câmera o seu *packer*, como é chamado os pênis feitos de silicone, próprios para o contato com a pele e que permitem urinar em pé, usar durante o dia para ter volume na cueca, penetração



durante o sexo, prazer durante sexo ou penetração. Adam fala que possui quatro *packers* tanto feitos dentro do Brasil, quanto fora do Brasil, porém, irá mostrar o de uma marca brasileira chamada Transtore, e disponibiliza o *link* da loja na descrição do vídeo (que vende *packers*, *binders*, cintas e outros acessórios). Conta que recebeu o *packer* da Transtore, e que é o seu favorito, mais do que o que comprou no exterior. Adam mostra para a câmera os detalhes do *packer* e explica como funciona e que como “não nasceu biologicamente com um” no início estranhava ter algo “dentro da calça”, porém o tamanho é ideal pra ele que “não é um cara grande”. Como em outros vídeos, quando Adam quer falar algo que julga importante, olha diretamente para a câmera, arregala os olhos e fala “ah, muito importante (...)”, e no caso fala sobre a higienização diária do *packer*. Explica como a vértebra que vem separadamente e pode ser colocada dentro do *packer* funciona e diz que ele quase não a utiliza pois usa o *packer* mais em situações sociais onde quer volume, ou para ir banheiro e à festivais de música onde irá usar banheiro químico e, portanto, é melhor urinar em pé. Explica como foi a primeira vez que urinou com o *packer*, e diz que para ele não foi fácil a primeira vez, portanto, indica fazer isso no banheiro de casa e de preferência dentro do box, mas, novamente ressalta que foi a sua experiência, e que nem todos passarão da mesma forma. Coloca fotos no vídeo de como o *packer* fica na cueca e diz que esse é o melhor que tem por conta da textura e de como encaixa no corpo. Explica que quem fabrica os *packers* (ou produtos do *site* no geral, não ficou claro) é o Té Queiroz e que ele é atencioso, que tira dúvidas, e que no *site* há fotos dele utilizando o *packer*. Adam detalha o motivo da preferência do material da Transtore comparado a outros que possui de outras marcas, e em seguida mede em frente à câmera o *packer* e diz que por mais que algumas pessoas achem pequeno (cerca de 9, 10 centímetros) acha um tamanho bom principalmente para fazer “volume”). Finalizando o vídeo, fala da preferência dele em relação ao uso de cintas, e que a loja Transtore também as vende e tudo chega rapidamente, ressalta a importância de apoiar um homem trans que faz produtos para homens trans, e que acha que o apoio é importante. Interrompe o que está falando e a edição do vídeo deixa a imagem em preto e branco pois está falando de outra coisa, do chá que está tomando, pois está gripado. Fala novamente sobre a loja e que a primeira vez que utilizou e foi à um mictório ninguém percebeu pois o *packer* é muito real.

Volto para a página inicial do YouTube e vejo os canais recomendados para mim a partir dos vídeos que assisti até o momento. É sugerido o canal de Thiessita,

que tem mais de 300.000 inscritos/as. Na aba “About” de seu canal, que é o espaço onde as/os Youtubers escrevem sobre si, geralmente se apresentando, Thiessita (que se chama Thiessa) escreve: *“E aí meus tchutchucos, como é que cês tão? Cês tão beleza? :3 Resolvi criar esse canal pra poder compartilhar com o mundo as minhas ideias, sonhos e pensamentos. Vivi alguns anos me escondendo de todos, no caso, o fato de eu ser trans. Quando comecei o canal eu ainda não tinha o intuito de me revelar, mas isso foi me sufocando tanto. Às vezes esconder quem você é prejudica só a si mesmo, é como se fossem correntes, cada vez mais apertadas. Vi aqui nesse spacinho uma chance de poder mostrar ao mundo e ganhar apoio. Eu espero que vocês gostem um pouquinho desse meu mundinho. Desde já sejam muito bem-vindos e já se inscrevam, eu garanto que teremos ótimos tempos livres juntinhos! :3”*.

Há diversos vídeos no canal de Thiessa, e sobre temas diferentes. Há vídeos de tutoriais de maquiagem, de música, viagens, relacionamentos, desafios e alguns específicos sobre ser trans. Ao utilizar o filtro “mais populares” na aba de vídeos, os primeiros que surgem são em relação ao seu namorado, reação a fotos antigas antes da transição (termo utilizado também por Thiessa e por todos/as outros/as youtubers que vi pelo processo de *lurking* e pelas análises de vídeos) e dois vídeos consecutivos sobre ter sido espancada por seu pai.

Diferentemente de youtubers que assistir anteriormente, não conhecia Thiessa, portanto cliquei randomicamente em alguns de seus vídeos com o intuito de me familiarizar mais com seu canal, que tem uma consistência de postagens de duas vezes por semana. Ao assistir o primeiro vídeo “MEU PAI ME ESPANCOU!”, de outubro de 2017, deixo a mensagem de apresentação, que deixo em todos os canais pelos quais já passei. Nesse vídeo, Thiessa lê um e-mail que lhe foi enviado em uma conta que ela destina para conversar e ajudar a quem desejar. O quadro chama-se “ThiOrienta” e ela explica no início que ficou emocionada com a mensagem que lhe foi enviada pois vive uma situação semelhante com seu pai, que já a agrediu fisicamente e verbalmente diversas vezes. Após ler o e-mail, aconselha a pessoa que enviou e compartilha um pouco de suas vivências, dizendo que seu pai não aceita o fato dela ser trans, não a respeitando e utilizando pronomes masculinos, por exemplo. Fala da dificuldade de conseguir emprego numa cidade pequena, até porque seu processo de retificação de nome ainda está aberto, e do fato de sentir muitas vezes que não tem com quem conversar. Relata que criou o canal no YouTube como um espaço para poder desabafar, e que decidiu focar toda sua energia para que seu canal

desse certo. Aconselha a pessoa que mandou o e-mail a também conversar com alguém ou fazer terapia, e se põe a disposição para conversar em qualquer momento. A maioria dos comentários são carinhosos e em apoio à Thiessa, porém há comentários negativos também.

Voltando à aba dos vídeos, outro listado como “MAIS POPULARES” chama-se “MINHA CIRURGIA DE REDESIGNAÇÃO SEXUAL – ‘MUDANÇA DE SEXO’”, postado em 22 de abril de 2017. Thiessa novamente inicia o vídeo dando olá para seus “tchutchucos”, como se refere a quem assiste e/ou é inscrito/a no seu canal. Diz que, como visto no título, ela é uma “mulher trans e passou pela redesignação sexual, mais conhecida como mudança de sexo, mas não é uma mudança de sexo porque a gente não *muda* de sexo, certo? A gente pega o pênis e reconstrói a uma vagina, então você redesigna o pênis à uma vagina, no meu caso né”, explica Thiessa. Enfatiza diversas vezes que falará sobre a sua experiência (como outros/as youtubers, pausa nesse momento para pedir *likes* e que se inscrevam no seu canal). Thiessa fala que fez a cirurgia porque queria muito, mas fala que nem toda mulher trans faz a cirurgia e nem por isso deixa de ser uma mulher, que não é o órgão sexual que vai fazer você ser homem ou mulher – diz que já explicou isso melhor em outro vídeo em seu canal. Fala que é uma cirurgia muito cara e que fez no Brasil (em nenhum momento durante este vídeo menciona o SUS), porém, pode variar de preço dependendo de local, médico/a e afins, ficando entre 30.000 a 70.000 reais ou mais, se for no exterior, por exemplo. Conta que teve que trabalhar muito, porém não iria conseguir essa quantia toda sozinha, então sua família a ajudou, que sabia que há muito tempo ela não se sentia bem, e quando se olhava no espelho não gostava “daquilo”, mas não tinha tanta “aversão”, como coloca. Thiessa enfatiza, falando mais lentamente e mais alto, e diz que depende do “nível de disforia que você tem”, mas que no caso dela dá como exemplo que em relações sexuais não deixava que encostassem, que tinha muita agonia, e que “não queria aquilo de jeito nenhum no meio das minhas pernas”, então, com 24 anos fez a cirurgia. Relata que sempre foi muito medrosa e sensível a dor, e que sua experiência com a cirurgia não foi agradável e que sentiu muita dor por mais de três meses (dá o exemplo que numa escala de 0 a 10 de dor, sentia 20) mas explica que é porque “é fresca” e ficou confortável depois de 6 meses. Fala que não quer influenciar meninas trans que querem fazer a cirurgia e ao assistirem seu vídeo se deparem com uma experiência ruim, pois – ressalta novamente – cada corpo é um corpo e cada recuperação é única.

Indica o canal de Mandy Candy, que ela fala sobre a experiência dela e para ela foi tudo certo (o vídeo de Mandy foi o que analisei no começo da coleta). Thiessa fala que é uma cirurgia complicada, que “não é como arrancar um siso” e que durante a recuperação só pensava em como iria se sentir depois, pois se fosse focar na dor “não gosta nem de lembrar”, e explica que a visão que tinha da cirurgia é que se sentiria “mais mulher, mais realizada”, e que, após a cirurgia percebeu que não era isso que lhe fazia mulher, porém, sente-se mais confortável hoje em dia e cita o exemplo de relações sexuais, e que hoje em dia se conhecesse um homem e quisesse fazer sexo com ele no mesmo dia não teria problemas, porém, antigamente (pré-cirurgia) sim. Diz que antigamente levava um tempo para falar para o homem que era trans, mas logo acrescenta que “não é pra todo cara que eu falo que sou trans”. Conclui o vídeo falando novamente que não se sente “mais mulher” porque fez a cirurgia, mas que sabe que na sociedade as pessoas julgam e dizem que “ela ainda não fez cirurgia então, sei lá, ela ainda é um homem” e repete que não tem nada a ver, que não é o seu sexo biológico que vai fazer quem você é, não é o que você tem no meio das pernas que vai fazer quem você é” e logo em seguida faz uma analogia à robô E.V.A. do filme Wall-E (Disney-Pixar) dizendo que se respeitam um robô, que não tem “nada no meio das pernas e é uma mulher” está na hora de respeitar as pessoas. Thiessa fala que várias pessoas perguntam se ela “sente prazer na pepeca”, “como é o funcionamento dela”, “como é na hora do sexo”, e que ela fará outro vídeo na próxima semana sobre isso.

Percebo que assim como Mandy Candy, Thiessa cria e apresenta conteúdo bem específico e detalhado sobre procedimentos que fez (há vídeos sobre silicone, porém, não foram utilizados na coleta), falando sobre seu corpo e respondendo/criando conteúdo a partir dos comentários e perguntas que as pessoas que assistem seu canal fazem. Em relação aos comentários deste vídeo, há cerca de 2.630 comentários e noto que muitos são positivos, elogiando Thiessa, e várias pessoas comentando a respeito de sua idade, pois acreditam que ela aparenta ser muito mais nova da idade que diz no vídeo que fez a cirurgia (uma pessoa comenta que no momento Thiessa tem 27 anos), alguns comentários sugerem que ela tem 13, 15 ou 16 anos. Há vários comentários negativos, muitos deles questionando a fala de Thiessa de que o sexo biológico não define se a pessoa é homem ou mulher. Há usuários/as que além do nome ou apelido, acrescentam *hashtags* ou até mesmo se intitulam BOLSONARO ou #BOLSONARO2018, e além de comentar respondem

outros comentários de outras pessoas, geralmente indo contra as opiniões e colocações de Thiessa em seu vídeo. Certos comentários são colocados de forma agressiva, ou com ofensas à Thiessa, por vezes ridicularizando e utilizando de ironias para discutir as ideias da youtuber que foram expressas.

Passo para o próximo vídeo de Thiessa que é “MULHERES TRANS SENTEM PRAZER NA PPK DEPOIS DA CIRURGIA?”, postado em 3 de agosto de 2017. É um vídeo mais curto do que os demais que assisti de seu canal, tendo um pouco mais de 4 minutos. O que me chamou a atenção, é que assim como Amanda, do canal Mandy Candy, Thiessa descreve sua vagina como “perfeitinha”, “com tudo que uma pepeca tem que ter”, o que remete à uma padronização de vaginas. Continuo o processo de *lurking* no canal de Thiessa, vendo alguns vídeos e comentários aleatórios. Vários desses comentários, principalmente acerca de terapia hormonal, passabilidade e processos diversos de afirmação de gênero, elogiam a forma com a qual Thiessa passa o conteúdo e explica o funcionamento dos hormônios no corpo, por exemplo. Através dos comentários, entendi que cursa biologia (não ficou claro se concluiu ou não) e que, segundo ela, procura tirar dúvidas e pegar explicações mais completas com sua endocrinologista acerca do material que está preparando para seus vídeos. Diferentemente dos demais vídeos visualizados de outros/as youtubers, Thiessa traz mais detalhes da parte biológica de seu tratamento. Explica que por um problema na hipófise, nunca produziu testosterona, o que resultou numa hormonioterapia diferente do que a maioria das mulheres trans utilizam (segundo Thiessa). No vídeo “MINHA TERAPIA HORMONAL+RISCOS DA TERAPIA HORMONAL PARA MULHERES TRANS, COMO ME DESCOBRI MULHER TRANS e SOU UMA MULHER TRANS E COLOQUEI SILICONE?”, Thiessa comenta sobre sua adolescência e as características secundárias que adquiriu com a utilização de estrogênio e a questão da não-produção da testosterona, e reitera em todos estes vídeos a questão da passabilidade, nos comentários das pessoas que costumam questionar a identidade das mulheres trans baseado em características ditas “femininas”.

Volto para a tela inicial do YouTube, onde digito “PASSABILIDADE” (uma vez que é assunto discutido por Ariel, Adam e Thiessa) no buscador, e aparecem cerca de 667 vídeos, muitos deles com termos como TRANS e CIS nos títulos. Mesmo não alterando nenhum dos filtros do YouTube, verifico que o *site* apresenta os vídeos por ordem de relevância, sendo que o primeiro é o do canal de Thiessa,

“SOU TRANS MESMO? – PASSABILIDADE” com o maior número de visualizações: 194.000. Assisto ao vídeo que tem 7min e 42seg, e neste vídeo Thiessa está bem próxima à câmera, iniciando o vídeo dizendo que falará sobre seu histórico médico, pois recebe vários comentários – edita o vídeo nesse momento e coloca em preto e branco e uma voz fina ao “imitar” quem comenta – dizendo que ela não parece trans, “olha a ossatura do rosto dela”, que está mentindo ser trans “só pra chamar atenção e likes”. Thiessa diz que “trans não tem cara de nada, não tem que parecer com nada” e que irá explicar o motivo de parecer assim e usa aspas “o porquê que eu não pareço trans” e diz achar muito triste essa colocação, pois acha que trans não precisa parecer com nada, que não tem um rosto específico, que as pessoas falarão “nossa aquela mina parece trans”! Corta para seu rosto de frente novamente e começa a explicar seu histórico médico, insere imagens na tela com infográficos acerca da glândula hipófise e do seu funcionamento e inclusive pega um crânio para mostrar onde é localizada a hipófise. Fala pausadamente e enfatiza algumas palavras quando define a função da hipófise e o que são gônadas, num formato bem pedagógico, como de sala de aula. Pausa e diz que usará a biologia agora pois como é formada em biologia “pelo menos pra isso serve” e insere na tela a frase “*toda blogueirinha da ciência <3*” explica o motivo de parecer tão nova, de ter feito tratamento para crescer, de não ter os ombros largos ou gogó e demais características tidas como masculinas e que é por isso que tem passabilidade (faz aspas com os dedos nessa hora). Explica que passabilidade “é quando uma mina trans é lida na sociedade como uma mina cis”. Diz que ela e outras mulheres trans têm passabilidade, e que quando as pessoas ficam sabendo que tais mulheres são trans, vira um “alarde”. Utiliza novamente a edição para marcar a fala de tais pessoas e as imagens ficam em preto e branco e a voz mais grossa, dizendo “ela é muito bonita, nossa ela parece muito mulher!”, no que ela mesma responde “gente, ela é mulher. Ela não parece mulher, ela é uma mulher independente se ela tem passabilidade ou se ela não tem passabilidade”. Thiessa diz entender o motivo de “dar um bug” na cabeça das pessoas (que ela refere como *vocês* no vídeo), pois geralmente quando se vê algo diferente, assusta-se, e acredita que é algo natural, instintivo do ser humano e a primeira coisa que se faz é atacar, mas acha que há muita “frustração interna que vocês jogam pras pessoas” e que isso deve ser trabalhado com psicólogos/as, como ela mesma já o fez. Thiessa aconselha a antes de atacar uma pessoa, tentar entender a sua história, o que acontece “por trás disso” sem ficar atacando, pois, além de achar

feio, acha ruim para quem o faz, e pensa que “cresce ódio no coração”. Encerra o vídeo mostrando sua identidade antiga, sem mostrar o nome pois diz não gostar e diz “eu era assim ó”. Como em outros vídeos, há vários comentários sobre sua idade (dizendo que aparenta ser mais jovem) e outros a chamando de linda, de incrível e empáticos como: *“Deve ser horrível ter que ficar dando satisfação pras pessoas se você é trans ou não. Nem responda Thi, larga esse povo pra lá.”* Outros comentários são de pessoas que compartilham um pouco de suas histórias de vida, e de tratamentos que fizeram. Como em outros vídeos, há também comentários negativos nos quais outras pessoas respondem, muitas vezes, defendendo Thiessa.

Ao voltar à página que exibia vídeos marcados com o tema “Passabilidade”, seleciono o segundo vídeo intitulado “PASSABILIDADE TRANS|ISA MOMORA #VISIBILIDADE TRANS”, postado em 23 de janeiro de 2017 no canal de Hugo Nasck. No vídeo, Isa se apresenta e diz que Hugo pediu para ela falar de sua experiência enquanto mulher trans e logo em seguida explica o que é passabilidade, dizendo que para pessoas trans, é “ser visto, ou vista, e ser reconhecido pelo gênero no qual você se identifica”. Diz pensar e questionar muito a respeito desse conceito de passabilidade, e, que para a maioria das pessoas trans ainda é muito importante, inclusive para ela mesma. Isa acrescenta que passabilidade – principalmente para mulheres trans, acaba sendo “quase como uma questão de sobrevivência”, e que teve épocas em sua vida nas quais pensava muito “ser passável” e que era a primeira coisa que pensava antes de sair na rua, por exemplo. Relata que hoje em dia já não pensa em passabilidade tanto quanto antes, porém, se preocupa muito com isso pois na sociedade na qual vivemos “ser passável ou não é uma questão de diferença entre viver uma vida normal e segura e viver uma vida cheia de discriminação e violência (...)”. Isa continua sua fala dizendo que a passabilidade não afeta somente as pessoas trans, mas também as pessoas cis, pois existe um padrão de como é o corpo de um homem ideal e como é o corpo de uma mulher ideal e que a maioria das pessoas não está dentro desses padrões. Acredita que, pelo fato das pessoas trans serem minoria, sofrem mais com isso do que outras pessoas que também não estão no padrão. Isa fala que sua voz não está no padrão, assim como outras partes de seu corpo, e que se “você olhar pra você mesmo ou pra você mesma, você vai ver que tem várias coisas que não estão no padrão do que é um corpo de um homem e o que é um corpo de mulher e as pessoas são diferentes”! Conclui dizendo que não faz sentido invalidar as identidades de homens e mulheres trans porque seus corpos são diferentes, já que

todos/as temos corpos diferentes. Os comentários deste vídeo são na grande maioria positivos e elogiam a beleza de Isa. Há comentários também de pessoas concordando com o que ela aborda ao longo do vídeo, e, por vezes, compartilhando alguma de suas vivências. Volto para a lista de vídeos marcados como “passabilidade” e cliço em um dos poucos vídeos que não tem no título somente “passabilidade”, “passabilidade trans” ou “passabilidade cis”. O vídeo analisado intitula-se “PASSABILIDADE É O CARALHO: SOU MULHER DE PEITO E PAU!” do canal Barraco da Rosa, publicado em 30 de março de 2016. O vídeo começa com Rosa se apresentando (chama-se Rosa Luz) e acendendo um cigarro. Diz que durante a semana, recebeu uma notificação no Facebook de um grupo “voltado às pessoas trans para o público LGBT, e para pessoas que são colegas das lutas cotidianas envolvendo esse tipo de grupo marginal” que “problematiza basicamente tudo”, segundo Rosa. A notificação era voltada às pessoas trans do grupo e perguntava o que achavam a respeito de passabilidade cis e que este será o tema do vídeo. Diz que se identifica como mulher trans de peito e pau, e que não é cis pois quando nasceu a sociedade impôs que era um homem, e isso fere a sua existência, seu corpo e suas ideologias. Rosa define o que é passabilidade e diz que em certas ocasiões sociais é lida como uma mulher cis, podendo passar despercebida e evitar vários constrangimentos, pois a sociedade irá tratá-la de forma diferente do que pode tratar “outra irmã transexual ou travesti que não seja tão passável assim por inúmeros fatores”. Conta que há várias mulheres transexuais e travestis que não podem arcar com os custos de um tratamento hormonal (nesse momento a câmera aproxima-se de Rosa) “que deveria ser, por sinal, custeado pelo SUS”, ou que estão em situação de rua e não têm acesso a reinserções sociais. Que o dinheiro que fazem “com sexo e seus boquetes da vida” vão para “coisas mais substanciais do que o fato de você ter um pelo na cara ou não”. Rosa diz ficar impressionada com o pensamento colonizado de muitas pessoas que acreditam que ser uma “mulher que nasceu de buceta na nossa sociedade é uma coisa necessariamente boa”, e que várias pessoas já lhe parabenizaram por ser trans e ser linda, como se várias mulheres trans e travestis não fossem bonitas e pudessem ocupar lugares de referência de beleza, intelectualidade e referências de vida. Rosa acrescenta que esse pensamento está “conectado com uma sociedade ‘cissexista’, onde pessoas cis dominam o mundo e ditam as regras de beleza”. Fala também que tais ideias estão ligadas a ideias preconceituosas que dizem que “mulheres trans nasceram no corpo errado”, e que os ideais de beleza são influenciados pela mídia,



por mais que Rosa reconheça que o belo é muito relativo (cita padrões de beleza diferentes de diferentes séculos que foram construindo a noção atual do que é belo). Diz que quando se fala em passabilidade cis, se fala de uma série de normas e códigos que ditam que pessoas trans, “mulheres de peito e pau, trazendo um recorte da minha realidade”, são mais mulheres, não mais bonitas e aceitas socialmente e têm mais privilégios quando se parecem com mulheres que biologicamente nasceram com uma vagina. Diz que para ela isso é muito complicado, pois muitas vezes as pessoas não entendem que ela é uma mulher de peito e pau e que quer ser retratada desta forma e tratada bem. Questiona: “Por que que o meu padrão de beleza tem que ser algo que não me pertence”?; “Por que o meu padrão de beleza tem que ser algo imposto”? Propõe descolonizar o imaginário para desconstruir tais padrões e traz informações, tais como, o Brasil é o país que mais mata transexuais e travestis, e também é o país que mais procura por materiais pornográficos que tenham travestis e transexuais. Acredita que “todas estas questões estão conectadas”, e que enquanto tais padrões de beleza e aceitação não mudarem e se desconstruírem, o país continuará estagnado, com pessoas trans e travestis morrendo. Rosa diz que se você é uma pessoa trans, você é linda – e a câmera aproxima-se novamente no seu rosto – e que se você é passável ou não a estes códigos impostos socialmente, “foda-se, passabilidade é o caralho, vamos ser quem a gente é, bonitas na nossa singularidade e na nossa coletividade”.

Por fim, pensando nas questões norteadoras propostas no projeto da dissertação, percebo que de todas as questões propostas o que foi pouco abordado pelas/os youtubers foi o acesso à saúde para população trans. Alguns vídeos que continham detalhes do início da terapia hormonal, por exemplo, falavam sobre o acesso aos/às médicos/as, porém, brevemente. Portanto, volto à tela inicial do YouTube e digito as palavras “*acesso saúde trans*” e aparecem vídeos do Ministério da Saúde, de universidades, veículos de comunicação regionais (como afiliadas de redes de televisão, jornais e rádios), prefeituras e organizações como a ONU. Como pretendo com a pesquisa analisar e discutir questões abordadas e construídas pelas próprias pessoas trans, digito outra combinação de palavras para encontrar vídeos de canais produzidos pelas próprias pessoas trans que utilizam serviços de saúde. Digito “*saúde trans*” no buscador e novamente aparecem alguns vídeos produzidos pelo Ministério da Saúde e por veículos de comunicação como jornais, mas há vídeos de canais menores de algumas pessoas. Como os primeiros resultados eram a respeito de

descobrir-se trans ou terapia hormonal (assuntos que já apareceram em vídeos analisados), vou para o próximo vídeo que é intitulado “TRANSEXUALIDADE E SAÚDE – PERGUNTE ÀS BEE 51”, postado em 14 de outubro de 2014 pelo Canal das Bee. No vídeo, há três pessoas: Jessica Tauane, Victor Larguesa (que apresentam o vídeo e a convidada) e Daniela Andrade. Na descrição do vídeo, a seguinte informação está inclusa: *O Pergunte Às Bee é um web-programa onde Jessica e Victor, dois jovens gays, se reúnem para responder dúvidas sobre o universo LGBT. Nesse episódio, o segundo da trilogia, eles convidaram Daniela Andrade, uma das mais conhecidas ativistas trans\* do Brasil, para falar sobre transexualidade e saúde. Será que o Brasil assegura a saúde de transexuais assim como diz nossa Constituição (que todos temos direito à saúde)? Quem vai responder as perguntas dessa vez, é ela!* Ao iniciar, dizem que há outros vídeos no canal com Daniela Andrade (que estão, inclusive, na seção de reprodução automática: “PROTOCOLO TRANSEXUALISADOR” e “TRANSFOBIA”) e que o assunto deste vídeo é saúde trans. Percebo que diferentemente dos demais vídeos analisados, este organiza-se e apresenta-se como uma entrevista mais estruturada, diferente do vídeo de Adam e Ariel, que mesmo estruturado, dava à impressão de uma conversa entre amigos. Jessica começa perguntando à Daniela “como que rola a hormonização, a famigerada operação... como que funciona todo esse universo transexualizador”? Daniela começa falando que uma das pautas do movimento trans é o direito ao corpo, e que quando se fala em saúde da população trans, se fala no direito à modificar o próprio corpo e que é algo absurdo ter que “passar por 2 anos de terapia com psiquiatra, 2 anos de terapia com psicólogo, por endocrinologista, assistente social, ter o laudo do Papa e da Dilma... todo mundo tem que me dar um laudo” para realizar mudanças no seu corpo. Daniela segue falando que se parte do pressuposto que a pessoa não tem autonomia suficiente para decidir o que fazer com o corpo que é seu, mas que “pra votar e escolher o presidente do país, aí eu tenho autonomia suficiente”, e que a “desculpa que se dá” é que se não passar por psiquiatra e psicólogo você pode se arrepender da cirurgia e tem gente se arrependendo e se matando, mas questiona: “cadê os dados? Esses dados não existem. A maioria, aliás, todas as pessoas que eu conheço que fizeram a cirurgia de transgenitalização hoje em dia vivem muito melhor. Eu não conheço uma pessoa que fez essa cirurgia e se arrependeu ou se matou por conta disso”, diz Daniela. Victor comenta e concorda com a fala de Daniela, e ainda acrescenta que não é falado que a maioria das mortes de pessoas

trans é causada pela transfobia, porém, o direito à autonomia dos corpos é justificado com a morte por “arrependimento”. Daniela fala que acha engraçado que psicólogos/as se preocupam com o acompanhamento das pessoas trans por um possível arrependimento pós cirurgia, mas e “o antes”? Diz que conhece pessoas que já se mutilaram, que estão em depressão severa, pois não tiveram assegurado o direito à cirurgia e que “não tem saúde sexual pois seus genitais não servem para ela, então é óbvio, evidente que esse genital, eu não tô utilizando ele e minha vida sexual, não tá de forma satisfatória ou minha vida sexual está uma merda, sabe? Inexistente (...) eu não transo com meu corpo inteiro, transo com partes do meu corpo. Eu sempre falo que meu corpo tem minas terrestres, que tem partes do meu corpo que meu namorado não pode tocar, porque se tocar ele vai explodir, sabe”? Diz que há apenas 4 hospitais públicos realizando essa cirurgia (reforço que o vídeo foi publicado em 2014), sem que o Estado de São Paulo faz apenas uma cirurgia por mês e que no começo do ano estava parado e há centenas de pessoas na fila e que o número de pessoas na fila não é divulgado, o que Jessica acrescenta que “não te dão nem esse direito de saber o seu destino né”. Daniela diz que não sabe em “qual lugar está na fila” e que não te dão o direito de saber antes de morrer. Dá o exemplo de um depoimento de uma mulher trans que teve seu direito à cirurgia negado, e que uma mulher cis que não vive a transexualidade diz que sabe mais quem é trans, e que tem o direito de decidir quem é trans e quem não é, e quem vai ou não para a cirurgia. Daniela diz que pagando pela cirurgia no Brasil, sairá em torno de 30 a 40 mil reais, e que mesmo no serviço particular você passará por todo esse processo de 2 anos de terapias que mencionou anteriormente. Fala que a maioria das pessoas trans não têm esse dinheiro todo e que então dependerão do SUS. Jessica pergunta se com a lei de identidade de gênero isso muda, e Daniela responde que não, que a única coisa que muda é que você pode fazer a cirurgia sem a exigência de laudos, mas a fila do SUS segue a mesma, e a lei sendo aprovada não irá “magicamente” acabar com a transfobia, ou fazer com que tenham mais hospitais realizando a cirurgia pelo SUS.

Outro ponto que Daniela coloca é que a disciplina de Gênero e Sexualidade deveria estar nos currículos dos cursos de medicina, pois quando procurou um/a endocrinologista para hormonização (que até então fazia automedicação), mesmo com plano de saúde, passou por 5 endocrinologistas e nenhum/a podia lhe atender, e a que melhor lhe atendeu disse que teve uma aula no curso inteiro sobre transexualidade e que não saberia lhe atender e medicar. Fala dos números

baixíssimos de profissionais especializados para tratar a população trans no Estado de São Paulo (1, 2 profissionais de cada área para atender travestis e transexuais do Estado de São Paulo). Traz a necessidade de um ambulatório que trate das especificidades de travestis e transexuais. Concluem – Jessica e Victor – dizendo que terão mais vídeos com Daniela no canal. Os comentários, no geral, são positivos, e elogiam Daniela e o conteúdo abordado por ela.

Com o processo de *lurking*, percebo que a maioria dos vídeos marcados como “saúde trans” tratam da despatologização das identidades trans, ou do acesso à cirurgia de redesignação sexual e demais procedimentos como a terapia hormonal. Outros materiais são, como dito anteriormente, de canais como o do Ministério da Saúde e do curso ofertado pelo UNASUS.

Finalizo a coleta de dados ciente da imensa quantidade de vídeos que aumenta diariamente no *site*, e que não conseguiria acrescentar mais vídeos para análise tendo estipulado um prazo. Um dos critérios que adotei para o encerramento da coleta, é ter ao menos dois vídeos diferentes das temáticas que foram surgindo ao longo do processo de *lurking*, que levou em consideração as questões norteadoras do projeto, porém acabou alterando os caminhos da coleta e análise por propiciar um novo olhar assim que entrei no campo da pesquisa. Até o momento da finalização, nenhuma pessoa de nenhum canal interagiu comigo por meio do comentário de apresentação que deixei nos canais nos quais coletei os vídeos.

## 5.2 Normas técnicas da revista *Transgender Studies Quarterly*

*TSQ: Transgender Studies Quarterly* Style Guide September 2014

*TSQ: Transgender Studies Quarterly* first adheres to the rules in this style guide. For issues not covered in the style guide, refer to *The Chicago Manual of Style*, 16th ed. (CMS16).

### **ABBREVIATIONS. See also DOCUMENTATION**

Abbreviations, such as *e.g.* and *i.e.*, are allowed within parentheses in the text and within the notes but not elsewhere. Latin abbreviations, except for *sic*, are set in roman type, not italics.

Personal initials have periods and are separated by a space.

W. E. B. DuBois; C. D. Wright

Abbreviations used to designate international bodies and governmental organizations do not use periods (CMS16, 10.24, 14.317).

the EU; the UN; UNICEF; WHO

### **ABSTRACT**

Substantial articles should include an abstract of approximately 250 words. Book reviews and short issue introductions do not require abstracts.

Abstracts should be written in the third person (“This article proposes . . .”) not the first person (“I propose . . .”).

### **ACKNOWLEDGMENTS**

Acknowledgments are made in a first, unnumbered footnote, in the first person. They include a note about translations in the article or notice of publication elsewhere, if appropriate.

### **BIOGRAPHICAL NOTE**

An unnumbered biographical note is presented at the end of each article and is written in the third person. The note gives the author's name (as on the article-opening page), affiliation, areas of activity or research, and recent works (parenthetical cite includes publication date but not publisher).

**David Smith** is an assistant professor of English at the University of North Carolina at Chapel Hill where he teaches modern British literature. He is the author of *Winter People: Ted Hughes and Sylvia Plath* (1987).

**Miriam Skidmore** is an associate professor of philosophy at the University of California, Riverside. Her book *Philosophy and the Mind-Body Split* is forthcoming.

**Dipesh Chakrabarty** teaches in the departments of history and South Asian languages and civilizations at the University of Chicago. His recent publications include *Provincializing Europe* (2000) and "Calcutta: Dwelling in Modernity" (*Public Culture*, winter 1999).

## **CAPITALIZATION. See also SPELLING AND TERMS**

### **After a Colon**

If the material introduced by a colon consists of more than one sentence or if it is a quotation or a speech in dialogue, it should begin with a capital letter. Otherwise it begins with a lowercase letter. See CMS16 6.61.

### **Quotations**

Silently correct the initial capitalization in quotations depending on the relationship of the quotation to the rest of the sentence (see CMS16, 13.14). For instance:

Smith stated that "we must carefully consider all aspects of the problem."

*but* Smith stated, "We must carefully consider all aspects of the problem."

A lowercase letter following a period plus three dots should be capitalized if it begins a grammatically complete sentence (CMS16, 13.51).

The spirit of our American radicalism is destructive. . . . The conservative movement . . . is timid, and merely defensive of property.

### **Terms**

A down (lowercase) style is generally preferred for terms, but proper nouns and their derivatives are capitalized. See CMS16, chap. 8, for detailed guidelines on capitalization of terms.

### **Titles of Works**

For titles in English, capitalize the first and last words and all nouns, pronouns, adjectives, verbs, adverbs, and subordinating conjunctions (*if, because, that, etc.*). Lowercase articles (*a, an, the*), coordinating conjunctions, and prepositions (regardless of length). The *to* in infinitives and the word *as* in any function are lowercased. For hyphenated and open compounds in English, capitalize first elements; subsequent elements are capitalized unless they are articles, prepositions, or coordinating conjunctions. Subsequent elements attached to *prefixes* are lowercased unless they are proper nouns. The second element of hyphenated spelled-out numbers or simple fractions should be capitalized. If a compound (other than one with a hyphenated prefix) comes at the end of the title, its final element is always capitalized.

Nineteenth-Century Literature

Avoiding a Run-In

Policies on Re-creation

Reading the Twenty-Third Psalm

When titles contain direct quotations, the headline-capitalization style described above and in CMS16 should be imposed.

“We All Live More like Brutes Than like Humans”: Labor and Capital in the Gold Rush

In capitalizing titles in *any* non-English language, including French, capitalize the first letter of the title and subtitle and all proper nouns. See CMS16, 11.24 and 11.42, for the treatment of Dutch and German titles, respectively.

### **DATES AND TIMES. See also NUMBERS**

May 1968

May 1, 1968

May 1–3, 1968

September–October 1992  
 September 11  
 9/11  
 from 1967 to 1970  
 1960s counterculture; sixties [*not* 60s or '60s]  
 counterculture the 1980s and 1990s  
 mid-1970s American culture  
 the late twentieth century;  
 late twentieth-century Kenya  
 the mid-nineteenth century [note hyphen, not en dash]  
 the years 1896–1900, 1900–1905, 1906–9, 1910–18\*

AD 873; the year 640 BC; Herod Antipas (21 BCE–39 CE) [use full caps without periods for era designations]

c. 1820 at 8:15 a.m. and again at 6:15 p.m.

\*In titles and section headings, inclusive dates are presented in full.

## **DOCUMENTATION. See also ABBREVIATIONS**

### **General Principles**

The journal uses the author-date form of citation (see CMS16, chap. 15).

*Endnotes* may include material that cannot be conveniently included in the text, such as discursive adjuncts and additional sources of information. Any material necessary for understanding the argument set forth in the article should be included in the text.

*Legal sources* (court cases, constitutions, treaties, statutes, and legislative materials, such as unenacted bills, hearings, and reports) should be cited in the main body of the article, not in the references. If a case or law is well known (e.g., *Roe v. Wade*), it is not necessary to provide a full citation (see CMS16, 15.55).

### **In-Text Citation Style**

In-text citations (enclosed in parentheses) should contain the author's surname (with first initial if ambiguous), the date, and the pages cited.

Wert (1984: 115–17) insists that his predecessors' conclusions were the merest speculation (see M. McLain 1981; P. McLain 1981).

If more than one work by the same author is cited, the author's name is not repeated.

(Wilson 1963, 1974) (Miller 1978: 267; 1994)



For works by four or more authors, only the surname of the first author is used, followed by “et al.”

*not* (Cobb, Hornsby, Ott, and Smith 1982) *but* (Cobb et al. 1982)

If the work is meant, rather than the author, the parentheses are omitted.

Medwick 1924 remains the standard reference.

If the citation is to a reprint edition, the original date of publication should be cited first, in brackets within a parenthetical citation and in parentheses not within a parenthetical citation (e.g., in a footnote). See CMS16, 15.38.

(Foucault [1963] 1973: 41) 1. For a more in-depth discussion of this point, see Foucault (1963) 1973.

To refer again to the most recently cited source, subsequent citations need only include page number (see CMS16, 15.26).

The sperm whale, Beale (1839: 46) concluded in *The Natural History of the Sperm Whale*, is “remarkably timid, and is readily alarmed by the approach of a whale boat.” Beale noted that “it is difficult to conceive any object in nature calculated to cause alarm to this leviathan” (46).

When one volume of a multivolume work is cited, the volume number is indicated after the date.

(Koufax 1973, 1:223)

Personal communications, such as telephone conversations, e-mail messages, and nonarchived letters, are identified as “pers. comm.” and dated in the text but are not included in the References section.

Wilson (pers. comm., March 13, 2007) proved the hypothesis false.

### **Latin Abbreviations and Terms in Documentation**

Apart from “et al.” and “cf.,” Latin abbreviations and terms are not used. These abbreviations are not italicized. Note that “et” in “et al.” is a whole word (meaning “and”) and therefore is not followed by a period.

### **References**

The References section at the end of the article provides full bibliographic information for all works cited in the text. Works that are *not* cited should not be included in this section. References are arranged alphabetically by author, then chronologically in ascending order. Works of four or more authors are listed by the

first author, followed by “et al.” Works published in the same year by the same author are labeled “a,” “b,” and so on.

In titles of works, serial commas are added, ampersands are spelled out, and numbers are spelled out (contra CMS16, 14.96).

If the place of publication is not widely recognized or is ambiguous, it is specified with a state, provincial, or national abbreviation.

Cambridge, MA

London, ON

Bengbu, PRC

Dover, UK

If the publisher is a university press, the words “University Press” are spelled out.

Lebanon, NH: University Press of New England

Chapel Hill: University of North Carolina Press

For online works, if no publication date is provided, an access date is required. In all URLs, “http://” is omitted unless the URL does not function without it.

### *Book*

Valentine, David. 2007. *Imagining Transgender: An Ethnography of a Category*. Durham, NC: Duke University Press.

Dachuan, Sun. 1991. *Jiujiu jiu yici (One Last Cup of Wine)*. Taipei: Zhang Laoshi Chubanshe. Lennox, Eleanor. 2000. *The Scottish Diaspora*. 2nd ed. Inverness, UK: Northern Light.

### *Chapter in a Collection*

Aizura, Aren. 2012. “The Persistence of Transgender Travel Narratives.” In *Transgender Migrations: The Bodies, Borders, and Politics of Transition*, edited by Trystan T. Cotton, 139–56. New York: Routledge.

Hayward, Eva. 2012. “Spiderwomen: Notes on Transposition.” In Cotton 2012, 92–104. [If the collection has its own reference list entry, individual contributions may be cross referenced; see CMS16, 15.37.]

### *Translation*

Rivera, José Rivera. 1999. *Labor Unions in Baja, California*. Translated by Will Moore. Richmond, VA: University of Richmond Press.

*Multivolume Work* Foucault, Michel. 1986. *The Care of the Self*. Vol. 3 of *The History of Sexuality*, translated by Robert Hurley. New York: Pantheon. [One volume is cited individually.]

Foucault, Michel. 1978–1986. *The History of Sexuality*. 3 vols., translated by Robert Hurley. New York: Pantheon. [The work as a whole is cited.]

#### *Multiauthor Work*

Peters, Harold, Mary Kay Rogers, and Lawrence Burke. 1992. *Why the Revolutions Stopped*. Wilmington, DE: Strong and Wills. [Three authors.]

Gustafson, Albert K., et al. 1985. *If I Were a Rich Man: Comparative Studies of Urban and Rural Poverty*. Murphy, WI: Fore and Aft. [More than three authors.]

#### *Online Book*

Pyatt, Timothy D., ed. 1996. *Guide to African American Documentary Resources in North Carolina*. Charlottesville: University of Virginia Press. [www.upress.virginia.edu/epub/pyatt/index.html](http://www.upress.virginia.edu/epub/pyatt/index.html).

#### *Journal Article*

Carlson, Shanna T. 2010. “Transgender Subjectivity and the Logic of Sexual Difference.” *differences* 21, no. 2: 46–72. [Journal published in volumes; the month or season is not required. As a courtesy to readers, who increasingly are locating articles online, issue numbers should be given if available.]

Wood, Ellen Meiksins. 1988. “Capitalism and Human Emancipation.” *New Left Review*, no. 167: 1–20. [Journal published only in issues.]

Weinan, Xu. 1931. “Taiwan shengfan de yishu wenhua” (“The Artistic Culture of the Taiwanese Barbarians”). *Yishu jie (Art World)* 21: 133–54.

Stryker, Susan, Paisley Currah, and Lisa Jean Moore. 2008. “Introduction: Trans-, Trans, or Transgender? The Stakes for Women’s Studies.” *WSQ* 36, nos. 3–4: 11–22. [En dash for multi-numbered issues.]

#### *Online Journal Article*

Abdulhadi, Rabab. 2003. “Where Is Home? Fragmented Lives, Border Crossings, and the Politics of Exile.” *Radical History Review*, no. 86: 89–101. [muse.jhu.edu/journals/radical\\_history\\_review/v086/86.1abdulhadi.html](http://muse.jhu.edu/journals/radical_history_review/v086/86.1abdulhadi.html).

Esposito, Joseph J. 2010. "Stage Five Book Publishing." *Journal of Electronic Publishing* 13, no.2. [quod.lib.umich.edu/cgi/t/text/text-id?c=jep;view=text;rgn=main;idno=3336451.0013.204](http://quod.lib.umich.edu/cgi/t/text/text-id?c=jep;view=text;rgn=main;idno=3336451.0013.204).

Jovanovic, Boyan, and Peter L. Rousseau. 2008. "Specific Capital and Technological Variety." *Journal of Human Capital* 2: 135. doi:10.1086/590066. [If the author has provided a DOI rather than a URL, use the DOI; no URL is needed. See CMS16, 14.6.]

*Magazine Article* Tuckman,

Mitch. 1976. "Exiled on Main Street." *Village Voice*, July 26. [Note: *The* is dropped before periodicals in the notes.]

*Online Magazine Article*

Davis, Peter. 2003. "Ignited Iraq: Baghdad Journal." *Nation*, August 28. [www.thenation.com/doc.mhtml?i=20030915&s=davis](http://www.thenation.com/doc.mhtml?i=20030915&s=davis).

*Newspaper Article*

DeParle, Jason. 1993. "Whither on Welfare: Clinton's Actions Are Far from Bold." *New York Times*, February 3. [Note: Page cite not necessary per CMS16, 14.203.]

*Online Newspaper Article*

Associated Press. 2003. "Jackson Arrested at Yale after Protest Backing Strike." *Washington Post*, September 2. [www.washingtonpost.com/wp-dyn/articles/A12012-2003Sep1.html](http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/articles/A12012-2003Sep1.html).

*Dissertation*

Thomas, Joe. 1992. "Eroticism and American Pop Art." PhD diss., University of Texas at Austin.

*Paper or Presentation*

Gilmore, Donald. 1989. "What Does Hermeneutics Really Mean in Art?" Paper presented at the annual meeting of the College Art Association, Boston, February 13.

*Interview*

Vazquez, Jay. 1995. Author interview, Fairfax County, VA, February 20.

*Websites (Other than Online Books and Periodicals)*

[Include as much of the following information as possible: author of the content, title of the page (if there is one), title or owner of the site, URL. If no publication date is provided, the year of access should be used and an access date should be included (CMS16, 15.51). The titles of websites and blogs generally use headline-style capitalization. See CMS16, 8.186 and 14.244, for guidance as to whether such titles should be set in roman type or italicized.]

Kloman, Harry. 2003. "Introduction." Gore Vidal Index. [www.pitt.edu/~kloman/vidalframe.html](http://www.pitt.edu/~kloman/vidalframe.html) (accessed July 27, 2003).

Southern Poverty Law Center. 2003. "Center Information." [www.splcenter.org/centerinfo/ci/index.html](http://www.splcenter.org/centerinfo/ci/index.html) (accessed August 27, 2003). [If there is no author, the owner of the site may stand in the author's place.]

Barack Obama's Facebook page. [www.facebook.com/barackobama](http://www.facebook.com/barackobama) (accessed July 19, 2008). Lasar, Matthew. 2008. "FCC Chair Willing to Consecrate XM-Sirius Union." *Ars Technica* (blog),

June 16. [arstechnica.com/news.ars/post/20080616-fcc-chair-willing-to-consecrate-xm-sirius-union.html](http://arstechnica.com/news.ars/post/20080616-fcc-chair-willing-to-consecrate-xm-sirius-union.html).

*Unpublished or Archival Source*

Purcell, J. c. 1772. "A Map of the Southern Indian District of North America." MS 228, Ayer Collection, Newberry Library, Chicago.

**ELLIPSES. See also CAPITALIZATION**

Distinguish between ellipses within and between sentences. Three dots indicate an ellipsis within a sentence or fragment; a period plus three dots indicates an ellipsis between grammatically complete sentences, even when the end of the first sentence in the original source has been omitted. In general, ellipses are not used before a quotation (whether or not it begins with a grammatically complete sentence) or after a quotation (if it ends with a grammatically complete sentence), unless the ellipses serve a definite purpose. See CMS16, 13.48–56, for more detailed guidelines on the use of ellipses.

## EMPHASIS

Emphasis is best achieved through syntax. Italic type should be leaned on only occasionally, in brief phrases. Bold type is never used for emphasis.

## EPIGRAPHS

The attribution includes the author's name and the title of the work. Full bibliographic information is not required, because the epigraph is not part of the text. A note callout should never follow the epigraph or the epigraph's source.

As obstacles to its efficacy multiply, the state increasingly sustains collective identity through theatrical displays of punishment and revenge against those elements that threaten to signify its inefficacy. . . . The welfare class thus becomes a permanent demonstration project in the theatricality of power.

—William Connolly, *Identity/Difference*

Its exact location is problematical; the awkward fact is, Borderland can apparently be found by heading for the ruins of just about any large twentieth century city. This reporter found it in the rubble of Detroit.

—Terri Windling, *Life on the Border*

## EXTRACTS. See also CAPITALIZATION and ELLIPSES

Prose quotations longer than 80 words and verse quotations longer than two manuscript lines are set off from the surrounding text. *Sic*, used sparingly, is inserted in brackets after a misspelling or an odd usage and, for visibility's sake, italicized. In a verse quotation, an omitted line is indicated by a line of em□spaced periods equal in length to the previous line.

The author's conclusions are unambiguous:

The student members of this coalition are thinking transnationally and acting multilocally . . . political revolutionar[ies] who joined this coalition, while constantly aware of the global context of [their] actions, used . . . local knowledge of conditions in El Salvador and . . . the workings of the sanctuary movement in Berkeley to shape the specific content of the caravan's supplies, with an eye toward the transformation of national politics in El Salvador and the constitution of a civil society there. (Smith 1994: 27)

Laborer-poet Pak No-hae is compelled to write in bitter earnest  
 how nice it'd be

To have occasional breaks outdoors

.....

We walk inside the district office.<sup>3</sup>

Whether a quotation in a non-English language requires translation depends on the contributor's assessment of the reader's familiarity with that language. If a translation is considered necessary, it follows the original in brackets. Conversely, if the quotation is taken from a translation, the original may follow it in brackets.

Europaeus interpretatur hic quendam locum Confutii, qui maxime est apud eos autoritatis et sanctitatis, qui quingentos ante Christum natum annos floruit, et multa optime scripsit. . . .

[The European interprets here a certain position of Confutius, possessed of special authority and sanctity, who flourished 500 years before the birth of Christ and wrote many things very well. . . .]<sup>5</sup>

Orthography should remain faithful to the original passage being excerpted, although some liberties may be taken with regard to punctuation for the sake of clarity (e.g., with originals that follow British conventions).

## FIGURES

Whether figures are cited explicitly in the text depends on the context in which they are used. Whether a figure has a caption depends on the need for a descriptive caption, for source information, and for a credit line. When a figure is called out in the text, it follows the following forms:

. . . a map bounds the site (see fig. 1).

Figure 2 demonstrates . . .

In figure 1 the photographer . . .

## HEADS

“Introduction” is not allowed as a head at the beginning of an article, because it's implicit that the text at the beginning of an article is introductory.

Heads are unnumbered.

## INCLUSIVE LANGUAGE

Avoid sexist language and terms that are gender specific (*chairman*, *mankind*, etc.) when referring to mixed groups or when use of the feminine can be construed as a

diminutive or connote unequal status to an implicitly male norm (e.g., *aviatrix*). Avoid alternating the use of masculine and feminine pronouns in an article unless the alteration refers to shifting social or subjective gender identities or if the gender of the person being written about cannot be determined with confidence. Allow the form *s/he* only under similar circumstances, unless this is a preferred form of reference or is integrally related to the description or analysis of a transgender phenomenon. State both pronouns—“he or she”/“him or her”/“his or her”—or recast the sentence in the plural, unless doing so would constitute a nonconsensual erasure of a clearly expressed gender preference; in general, recasting the sentence in the plural is preferred as it avoids an implicit gender binary. It is also permissible to use the plural *they* in reference to an individual if the intent is to avoid nonconsensual gendering or if this is the preferred mode of reference for the subject being referred to.

**INITIALS. See ABBREVIATIONS IRONY**

Irony, like emphasis, is best achieved structurally. Quotation marks may be used, but overuse of them diminishes their effect and clutters the text.

**KEYWORDS. See also ABSTRACT**

Articles that include an abstract should also include three to six keywords. Keywords should be lowercase (except for names or titles that would otherwise be capitalized) and separated by commas.

*Keywords* negative affect, self-portrait, Del LaGrace Volcano, intersex, Polaroid photography

**LISTS**

Short lists are run into the surrounding text and indicated with arabic numerals in parentheses. (In simple series of elements with little or no punctuation, the numbers may be omitted.) Long lists, or lists of elements comprising whole sentences, are set off from the surrounding text and indicated with numerals followed by periods.

Under the auspices of antipimping laws, local authorities have punished (1) managers hired by prostitutes to arrange their appointments and studio space; (2) boyfriends, girlfriends, or husbands with whom prostitutes share their income and living quarters; and (3) hotel managers who rent prostitutes rooms in which to work.



The “profile of a functional family system” is thus a mechanical model, whose inventor proposes the following characteristics:

1. The family is a survival and growth unit.
2. The family is the soil that provides the emotional needs of its members. These needs include a balance between autonomy and dependency and social and sexual training.
3. A healthy family provides the growth and development of each member.
4. The family is the place where self-esteem is attained.

## MOVIES

In text, the first mention of a movie is styled as follows: The next major biopic was the award-winning *Gandhi* (dir. Richard Attenborough, 1982).

## NON-ENGLISH TERMS IN ITALICS

Non-English terms are not italicized if they are listed in the eleventh edition of *Webster's Collegiate Dictionary*. Terms not in *Webster's 11* should be italicized and provided with definitions in parentheses following their first use. Such terms should remain italicized on subsequent appearances throughout the essay.

## NUMBERS. See also DATES AND TIMES, DOCUMENTATION, and LISTS

Cardinal and ordinal whole numbers from one to ninety-nine (and such numbers followed by *hundred* and *thousand*), any number at the beginning of a sentence, and common fractions are spelled out. Common fractions are hyphenated as well.

no fewer than six of the eight victims

no more than fifty-two hundred gallons

One hundred eighty-seven people were put to death there during the twenty-third century BC.

attendance was about ninety thousand

at least two-thirds of the electorate

fully thirty-eight thousand citizens

Numbers applicable to the same category, however, are treated alike in the same context.

no fewer than 6 of the 113 victims

Almost twice as many people voted Republican in the 115th precinct as in the 23rd.

Numbers that express decimal quantities, dollar amounts, and percentages are written as figures.

an average of 2.6 years  
 more than \$56, or 8 percent of the petty cash  
 a decline of \$0.30 per share

For very large numbers, a combination of figure and word is used.

there were 2 million ballots cast  
 the population will top 25 billion  
 now estimated at 1.1 billion inhabitants

Inclusive page numbers are given as follows (per CMS16, 9.60):

1–2, 3–11, 74–75, 100–103, 104–9, 112–15, 414–532, 505–16, 600–612, 1499–1501

Roman numerals are used in the pagination of preliminary matter in books, in family names and the names of monarchs and other leaders in a succession, in the names of world wars, in legal instruments, and in the titles of certain sequels.

On page iii Bentsen sets out his agenda.

Neither John D. Rockefeller IV, Elizabeth II, nor John Paul II was born before World War I.

Yet Title XII was meant to rectify not only inequities but iniquities.

Most critics consider *The Godfather, Part II* a better movie than *Jaws 2*. [Follow the usage in the original work, per CMS16, 9.44.]

Arabic numerals are used for the parts of books.

In part 2, chapter 2, of volume 11 of the *Collected Works*, our assumptions are overturned.

## POSSESSIVES

The possessive of nouns ending with the letter *s* are formed by adding an apostrophe and an *s*.

Kansas's weather  
 Burns's poetry  
 Camus's novels  
 Descartes's philosophy  
 Euripides's plays  
 Demosthenes's orations  
 Jesus's name  
 Moses's direction

## QUOTATIONS. See EXTRACTS

## SPELLING AND TERMS

Follow *Merriam-Webster's Collegiate Dictionary*, 11th ed. (W11), and *Webster's Third New International Dictionary* for the spelling of words in American English. If

more than one spelling is provided in the dictionary, follow the first form given (e.g., use *judgment*, rather than *judgement*; use *focused*, rather than *focussed*). Common foreign terms are set in roman type. (Common foreign terms are defined as those with main entries in W11.)

Prefixes are hyphenated before numerals and proper nouns; otherwise, prefixes are generally not hyphenated before words; refer to W11 or CMS16, 7.85, for guidance. Temporary compound adjectives are hyphenated before the noun to avoid ambiguity but are left open after the noun. Non-English phrases used as modifiers are open in any position, unless hyphenated in the original.

Terms referred to as the terms themselves are italicized, even if the act of quotation is suggested.

The term *lesbian childhood* would seem to suggest . . .

By *ethnoporn* Blackmer means . . .

When isolated non-English words and phrases are translated into English, or vice versa, parentheses or quotation marks are used.

The second *cavalier* (horseman) rode swiftly on.

The second *cavalier*, “horseman,” rode swiftly on.

Spirit (*Geist*), in Hegel’s phenomenology . . .

Hyphens are used to separate prefixes from root words and to join temporary compound adjectives when misreading would be likely without the hyphen.

Re-form (cf. reform); re-creation (cf. recreation); illegitimate-birth rate

Check *Webster’s* for hyphenated permanent compound adjectives.

Good-natured; thought-provoking; well-known

Other than permanent compound adjectives, a compound that follows the noun it modifies requires no hyphen unless it might be misread without one.

The town’s residents were mainly working class.

**TRANSLATIONS. See also DOCUMENTATION and EXTRACTS**

When an original non-English title and its translation appear together in the text, the first version (whether original or translation) takes the form of an original title, and the second version is always enclosed in parentheses and treated like a bona fide title (whether or not the work represents a published translation) with title capitalization appropriate to the language.

I read *Mi nombre es Roberto* (*My Name Is Roberto*) in 1989.

I read *My Name Is Roberto* (*Mi nombre es Roberto*) in 1989.

Rubén Darío's poem "Azul" ("Blue") is one of my favorites.

Rubén Darío's poem "Blue" ("Azul") is one of my favorites.

Isolated non-English words and phrases rendered into English also appear in parentheses, not in brackets.

assimilating them to the *bunmei* (civilization)

because of their *hajichi* (hand tattoos)

assimilating them to the civilization (*bunmei*)

because of their hand tattoos (*hajichi*)

### 5.3 Carta de Aprovação SIPESQ



## SIPESQ

### Sistema de Pesquisas da PUCRS

---

Código SIPESQ: 7813

Porto Alegre, 22 de dezembro de 2016.

Prezado(a) Pesquisador(a),

A Comissão Científica da ESCOLA DE HUMANIDADES da PUCRS apreciou e aprovou o Projeto de Pesquisa "Experiências de Afirmação de Gênero no Youtube: um estudo netnográfico à luz da Teoria Queer".

Atenciosamente,

Comissão Científica da ESCOLA DE HUMANIDADES

---